UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais

O ESPAÇO PARANAENSE EM RELATOS DE VIAJANTES: FRONTEIRA, TERRITÓRIO E OCUPAÇÃO (1870-1900)

FABIANA MARRETO SECARIOLO

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR
2010

FABIANA MARRETO SECARIOLO

O ESPAÇO PARANAENSE EM RELATOS DE VIAJANTES: FRONTEIRA, TERRITÓRIO E OCUPAÇÃO (1870-1900)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

ORIENTADORA: Profª. Drª. Geni Rosa Duarte

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR
2010

FABIANA MARRETO SECARIOLO

O ESPAÇO PARANAENSE EM RELATOS DE VIAJANTES: FRONTEIRA, TERRITÓRIO E OCUPAÇÃO (1870-1900)

Aprovada em ____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Geni Rosa Duarte – Orientadora
UNIOESTE

_____
Prof.ª Dr.ª Meri Frotscher
UNIOESTE

_____
Prof.ª Dr.ª Silvia Cristina Martins de Souza
UEL

MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR
2010

À minha família com todo amor do mundo. Aos meus pais José Luiz e Luzinete Secariolo, meus irmãos Edmar e Elizangela, por todo apoio, por estarem presente nos momentos mais difíceis, pela compreensão quando o desânimo e o stress apareceram e principalmente na minha ausência em suas vidas, quando precisaram de mim e eu não estava. Obrigada por fazerem parte da minha vida, agradeço a Deus por ter escolhido vocês para serem minha família.

Em especial ao meu noivo, amigo e amor da minha vida Sidnei Peliçon Pereira, pelo companheirismo, uma vez que o mestrado me fez perceber sua maior qualidade, a paciência e a compreensão, principalmente na minha ausência e nos momentos de desespero, mais que isso me mostrou que tudo que sonhamos pode se tornar realidade, na medida em que nossas atitudes se tornam reais, provavelmente este foi o meu maior aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me deu força, coragem e inteligência para concluir mais essa etapa em minha vida.

Agradeço à minha orientadora Geni Rosa Duarte, que além de toda sua contribuição intelectual, compreensão e acima de tudo incentivo e interlocução foi extremamente paciente e atenciosa, fazendo na maioria das vezes o papel de mãe.

Ao professor Dr. Robson Laverdi, pelo carinho, e principalmente pelo aprendizado e lição de vida. Estendo esse agradecimento ao seu companheiro Julio Lemos.

À professora Dra.Yonissa M. Wadi pela confiança e amizade.

Às professoras Dra. Meri Frotscher e Dra. Silvia Cristina Martins, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Ao Programa de Mestrado de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná , em especial a Iraci Maria Wenzel Urnau, por todo apoio, confiança e afeto, que carinhosamente atende por "mãe adotiva".

A professora Leanete Thomas Dotta pela amizade, oportunidade, apoio, compreensão e afeto.

Aos professores da graduação que muito contribuíram para o meu conhecimento, em especial Prof. Antônio MysKiw, Prof. Astor Weber, Prof. Fábia A. Hahn. Muito obrigada por todo apoio e amizade.

Aos meus amigos que de uma forma ou de outra estiveram presente durante a realização deste trabalho. Em especial Vivian, Jefferson, Irene e Reginaldo que ouviram todas minhas lamúrias incessantemente, obrigada por todo carinho e atenção. E aos demais colegas de mestrado que dividiram comigo as alegrias e dificuldades dessa jornada: Jorge Rafael, Sonia, Marlene, Flaviane, Leozil e Márcia. Agradeço a Ana Paula, Telma, Josete, Dani, Eliana, Sérgio por terem estado ao meu lado.

A CAPES, que me concebeu bolsa de estudos durante o mestrado, porque sem este recurso tudo teria sido muito mais difícil.

“Cada pessoa que passa na nossa vida, passa sozinha, porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa que passa pela nossa vida passa sozinha, não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.”

Charles Chaplin

RESUMO

O presente trabalho apresenta questões voltadas para relatos de viagens sobre o Paraná durante a segunda metade do século XIX. Os viajantes que compõem o corpus documental são: Nestor Borba, cujo relato foi publicado na coleção MONUMENTA: *Relatos de Viagem a Guaíra e a Foz Do Iguaçu (1870-1920),* sob o título *Viagem às Setes Quedas datada de 1876*, e o general José Cândido Muricy, texto publicado na mesma coleção, com o título *Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava À Colonia da Foz do Igassú em Novembro de 1892.* Também analisamos o relato do engenheiro inglês Thomas P. Bigg Wither, intitulado *Novo Caminho No Brasil Meridional: A Província do Paraná: Três anos em suas florestas e campos 1872/1875.* Esses viajantes deixaram um legado muito rico de informações a respeito da ocupação e exploração do Paraná, que nos permitiu explorar a História deste estado no século XIX por outras perspectivas. As falas dos viajantes sobre a natureza, o território, as fronteiras e a população constituíram um desafio para nossa interpretação, pois foi necessário identificar as especificidades de cada um deles, bem como suas referências culturais para entender seus objetivos de viagem.

Palavras Chave: *Viajantes, Relatos de Viagens, Paraná, Século XIX.*

ABSTRACT

This study is concerned about the trip stories about the Paraná state during the second half of 19th century. The travellers who compose the documentary corpus are: Nestor Borba, whose story was published in MONUMENTA collection: *Stories of a Trip to Guaira and Foz do Iguaçu (1870-1920)*, with the title *Trip to Sete Quedas (Seven Falls) dated of 1876*, and the General José Cândido Muricy having a text published in the same collection, with the title *Description of a Trip Done From Guarapuava To Foz do Iguassu Colony in November of 1892*. It is also analyzed the story of the English engineer Thomas P. Bigg Wither, intitled *New Way In Southern Brazil: The Paraná Province: Three years in its forests and fields 1872/1875*. These travellers left a rich legacy of information regarding the occupation and exploration of the Paraná state, which allowed us to explore the History of the Paraná in the 19th century in others perspectives. The travellers sayings about the nature, the territory, the borders and the population had constituted a challenge for our interpretation, therefore it was necessary to identify the specificity of each one of them, as well as its cultural references to understand their trip objectives.

Key Words: *Travellers, Trip Stories, Paraná, 19th Century.*

S U M Á R I O

CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 10

CAPÍTULO 1
RELATO DE VIAGEM: DO OLHAR CONQUISTADOR AO OLHAR COLONIZADOR..... 16
1.1 O OLHAR CONQUISTADOR: O EXÓTICO E O ESTRANHO..... 17
1.2 O OLHAR TERRITORIALIZADOR: O PARANÁ DO SÉCULO XIX.... 27

CAPÍTULO 2
AS EXPEDIÇÕES MILITARES NO PARANÁ: NESTOR BORBA (1876) E JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY(1892)..... 40
2.1 NESTOR BORBA: EXCURSÃO AO SALTO DE GUAYRA OU SETE QUEDAS - 1876..... 50
2.2 JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICY: VIAGEM: A FOZ DO IGUASSÚ: LIGEIRA DESCRIÇÃO DE UMA VIAGEM FEITA DE GUARAPUAVA À COLÔNIA DA FOZ DO IGUASSÚ EM NOVEMBRO DE 1892..... 56

CAPÍTULO 3
O OLHAR DE UM VIAJANTE ESTRANGEIRO: DO OLHAR TÉCNICO AO OLHAR INTERVENCIONISTA..... 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 99

FONTES..... 101

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 102

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os relatos dos viajantes constituem fontes importantes para o historiador, e nesse sentido tem crescido o número de trabalhos que procuram dialogar com essa perspectiva, por meio da discussão dos relatos escritos. Afinal, viajar não é apenas ver, e através desses relatos o viajante vai mais além. Ele relata a partir do que conhece, mas devemos nos lembrar que o ato de relatar pode ter outros objetivos, que vão além da simples descrição. Por isso mesmo que estudos sobre relatos de viajantes vêm tomando uma posição de destaque na historiografia brasileira, constituindo uma possibilidade de novas perspectivas de trabalho no campo da História.

No caso deste trabalho é importante frisar que, ao debruçarmos sobre os relatos dos viajantes que selecionamos, consideramos que estão inseridos em uma problemática voltada para questões muito importantes, como relações entre brancos e índios, re-territorialização, fronteiras, etc., que precisam ser questionados para compreendermos como as expedições do século XIX contribuíram para o processo de ocupação dessas áreas. Nesse caso, nos voltamos para a região de fronteira que hoje constitui o oeste e o norte do Paraná.

A história das viagens tem como principal fonte os relatos de viagem, porém "não podem ser tomados como insuspeitos ou neutros, o que significa que devemos historicizá-los, uma vez que inserem em uma época e uma cultura" [1], conforme Rossato. Ela chama a atenção para percebermos que, quando se trata de trabalhar com esse tipo de fonte, é preciso pensar que eles estão inseridos em um dado momento que precisa ser investigado, pois há complexidades que envolvem esses relatos. Nesse sentido, faz-se necessário adentrar nesse mundo de representação no período que antecede o recorte temporal desse trabalho.

Todavia, o nosso objetivo, neste trabalho, é discutir como os viajantes "construíram a fronteira dentro de seus relatos de viagem", e com isso é possível afirmar que, de uma forma ou de outra, eles deixaram um legado de informações a respeito da ocupação e exploração do hoje Paraná. Nesse sentido, um conjunto de questões coloca-se à frente: investigar o viajante em seu contexto histórico, analisar

[1] ROSSATO, Luciana. A Lupa e o Diário. *História natural, viagens cientificas e relatos sobre a capitania de Santa Catarina (1763- 1822)*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. p.15.

com maior intensidade a relação do viajante com os nativos, enfatizar como o viajante define o oeste do Paraná visando à ocupação dos sertões, lembrando que esses relatos de viagem não expressam apenas o que eles vêem, mas retratam o momento histórico do viajante, e às vezes explicitamente ou nas entrelinhas, revelam os anseios que pretendiam realizar com a viagem.

Nesse sentido, analisar essa relação do viajante com o desconhecido, natureza e população, pensando no espaço paranaense é uma maneira de compreender os aspectos que envolvem todas as representações, que "tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social, é construída, pensada e dada a ler" [2]. É como se fossem criados elementos específicos que lembrem automaticamente essa região, trabalho não exclusivamente os viajantes, mas também das autoridade governamentais, da imprensa da época, do próprio Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná, fundado em 1889. Assim, torna-se necessário entender alguns caminhos, pelos quais se constrói o espaço do Paraná, perceber essa região como uma trama histórica, pondo em questão as fronteiras territoriais e culturais.

A região em questão passou a ser divulgada como um espaço de produção do progresso e prosperidade, como se a natureza fosse vista como a possibilidade de uma ponte entre o atraso e o mundo moderno. Nesse caso, o nativo era visto como aquele que não pertencia a sua terra, mas que poderia ser aproveitado como objeto de trabalho e como aquele que conhecia os espaços ainda não explorados, assim, o nativo era considerado como diferente, e como ponte para o sucesso dos que se consideravam "civilizados". Seguindo por essa linha, primeiro é construída uma fronteira ideológica, esse outro, o diferente é um discurso constituído, e não é possível trabalhar essas questões sobre os índios sem pensar como é constituído esse discurso do estranhamento.

Num trecho do *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império* de 1845, citado no trabalho de Ilmar R. de Mattos *Tempo Saquarema*, fica explicitado que o projeto do Império consistia em explorar as terras brasileiras e povoar o país com a imigração européia . Para tanto, a propaganda se referia à existência de solo fértil, grandes regiões desabitadas, a visão do Brasil como uma terra fértil e de maravilhoso

[2] CHARTIER, Roger. *História Cultural*: *entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.16/17.

clima. O Império usou atributos como esses para atrair empresários e outros segmentos sociais estrangeiros para o Brasil, já que as construções de ferrovias, de cidades, de grandes empresas poderiam propiciar muito lucro aos "donos do império. Milliet de Saint-Adolphe, autor do dicionário citado, ressalta que "para tão útil fim nada pode contribuir com mais eficácia do que divulgarem - se pela Europa e pelas demais partes do mundo as excelências de um tão ditoso clima" [3]. E essa é a idéia de Brasil que percorreu o país no século XIX e a Europa, e isso produziu muitos frutos, como a busca pela civilização e progresso, o interesse do governo em financiar viagens e também a vinda de muitos estrangeiros na busca pelo então pronunciado "desconhecido". Portanto, a investigação histórica sobre o viajante esta inserida em um campo de disputas, pois a posição política dos viajantes influencia sua forma de olhar e escrever e oferece várias perspectivas de análise e discussão. A natureza sempre é entendida como um campo de possibilidades para a ocupação e civilização.

O maior alvo de observação dos viajantes anterior ao século XIX era a natureza enquanto algo exuberante. No entanto, como veremos posteriormente, o olhar sobre a natureza do viajante da metade do século XIX, não apresenta mais características do romantismo, como nos viajantes estrangeiros do início do século. Percebe-se esta diferença entre o que diz Karen Lisboa[4] quando a natureza podia ser entendida como elemento de deslumbramento:

> A opção pelo tema natureza deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que praticamente todos os viajantes que conheceram o Brasil no início do século XIX manifestam enorme encantamento com sua natureza física... Em segundo lugar, a "natureza" foi uma das questões centrais do Romantismo. E, por último, porque no relato desses viajantes a temática da "natureza" não é apenas "fonte de emoções", mas também um meio para compreender, interpretar e criar uma imagem de Brasil.[5]

Para Nestor Borba, falar da natureza na segunda metade do século XIX, é uma forma de apresentar possibilidades civilizatórias, de ocupação e nacionalização.

---

[3] J.C.R Milliet de Saint-Adolphe – *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*. Apud: MATTOS, , Ilmar Rohloff de . Op. Cit.p.03.

[4] A obra *A Nova Atlântida de Spix e Martius: a natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820),* está situada nos estudos da historiografia brasileira, estudo literário e de memória escrita. A autora trabalha com os relatos de Martius e Spix a partir de dois elementos importantes, a natureza e a civilização do Brasil em fins do século XVIII e início do século XIX.

[5] LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: a natureza e civilização na Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Fapesp, 1997. p.23.

As relações de alteridades se colocam como essenciais para que o viajante possa realizar seus objetivos. Dessa forma deve estar claro a diferença entre os objetivos dos viajantes do final do século em relação ao início. Luciana Rossato destaca que o caráter cientificista das expedições do século XIX se diferenciaram daquelas do início da época da conquista do território americano, "...enquanto os viajantes dos primeiros séculos da colonização da América estavam presos às narrativas maravilhosas e à exacerbada religiosidade do período, os cientistas viajantes do final do século XVIII e do século XIX estavam imbuídos de um espírito mais científico e investigativo" [6]. Portanto os relatos de viagem apresentam outras preocupações, entre elas a preocupação com a nacionalização do espaço e ocupação. Também a questão da civilização do indígena, estabelecendo características de alteridade.

Um conjunto de questões coloca-se à nossa frente, ao problematizar questões sobre o processo de ocupação do espaço paranaense a partir dos relatos de viagem. Temos dois desafios: o maior é encontrar a historicidade nas descrições dos viajantes, considerando que os viajantes selecionados para esta pesquisa são dois militares e o outro é um engenheiro inglês. O segundo desafio é estabelecer as diferenças que cada um relata, definindo o período de estudos que compreende a segunda metade do século XIX e o conjunto de fontes. Dois aspectos são importantes: identificar como eles vêem o processo de ocupação e territorialização no Paraná.

Os relatos utilizados sobre o Paraná dizem respeito aos relatos do Capitão Nestor Borba, que tratam da *Viagem às Sete Quedas*, no período de 1876. A viagem tinha por objetivo chegar às fronteiras do oeste paranaense, realizar medições para a construção de uma ponte férrea metálica para transpor o rio Paraná rumo ao Mato Grosso. Esse relato foi publicado em março do mesmo ano e reeditado em 1897 pelo engenheiro André Rebouças, com importantes observações e acompanhado de um prefaciador anônimo, que tece importantes considerações sobre o Paraná. Outro relato descreve a viagem do General José Cândido da Silva Muricy à Colônia Militar de Foz do Iguaçu (que originou a cidade de Foz do Iguaçu, no extremo oeste do Paraná) intitulada *Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassu em Novembro de 1892*. Também compõe o relato do engenheiro inglês e escritor Thomas Plantagenet Bigg Wither, com a viagem intitulada "Novo Caminho no Brasil

[6] ROSSATO, Luciana. *A Lupa e o Diário. História natural, viagens cientificas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763- 1822).* Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. p.15.

Meridional: A Província do Paraná, Três anos de vida em suas florestas e campos/ 1872/1875", uma obra de referência nacional sobre o Paraná.

O historiador tem que perceber as fissuras existentes nessas narrativas de viagem, que representam muito mais que uma simples narrativa de viagem. É preciso considerar o conjunto em que esses viajantes estão inseridos. Perceber quais os mecanismos sociais que influenciam o olhar do viajante, onde ele está e onde pretende chegar. Porém, entre o que os viajantes simbolizam nos relatos, existem ainda aspectos políticos e econômicos que direcionam o olhar do viajante e de quem lê os relatos.

Sabe-se que essas narrativas são experiências vividas, vestígios da memória vivida. Como esses viajantes interrelacionam o vivido com o que pretendem escrever e relatar, o esforço relacional tem que estar presente em toda análise das fontes, ou seja, quais os elementos que o historiador utiliza para dialogar com o passado?

Trabalhar com relatos de viagens simboliza um campo de possibilidades, pois não estamos falando de simples viajantes, mas também de homens que possuíam outras funções antes de se tornarem viajantes.

No primeiro capítulo apresentamos algumas questões sobre o Paraná do século XVII ao XVIII, e traçamos alguns apontamentos sobre os principais viajantes que passaram por essas regiões nesse período. Também ressaltamos a importância do projeto político do império em nacionalizar os sertões por meio da ocupação territorial, questões estas que vêm ao encontro dos relatos de viagem. Destacamos também algumas informações características de cada viajante e de suas respectivas viagens.

O segundo capítulo aborda a importância dos relatórios de província e dos Boletins de IHGB, sendo necessária uma discussão dessas fontes pensando no contexto histórico e dialogando especificamente com os dois viajantes militares, Nestor Borba e Muricy. Aprofundamos como os olhares desses viajantes representam as questões sobre fronteira, território e ocupação. Como esses viajantes organizaram seus relatos? Como falavam das regiões visitadas? Qual a relação desses viajantes e locais da viagem?

O terceiro capítulo trata especificamente do relato do engenheiro inglês Thomas Bigg Wither. Analisamos como ele desenvolve seu relato, procuramos destacar como ele pensa o processo de ocupação do Paraná através da "civilização do índio". Três questões amarram este capítulo, quais sejam: como o viajante incorpora ao mesmo tempo a natureza enquanto possibilidade de modernidade, e essa modernidade enquanto

possibilidade de reverter o sertão em um campo de disputas pelo poder, e por fim as referências ao imigrante, ao índio e às autoridades governamentais.

Capítulo 1:

Relatos de Viagem: do olhar conquistador ao olhar colonizador

As viagens realizadas nos séculos XIX na região fronteiriça que hoje corresponde ao oeste e norte do Paraná, objeto deste trabalho, tiveram antecedentes nos séculos anteriores, embora os objetivos delas sejam distintos. Mas elas foram importantes, realizadas desde o início das grandes navegações européias em direção ao "Novo Mundo". Nesse sentido, destacam-se aquelas viagens realizadas por portugueses e espanhóis, desde o século XVI e XVII, na perspectiva de conquistar e explorar o território inexplorado.

Essa questão, colocada nesses termos, nos remete à idéia de *conquistador* que temos desde a "descoberta" do Novo Mundo. Porém, quando nos referimos a um olhar colonizador, estamos propondo um mapeamento da história do Paraná a partir do processo de representação dos territórios visitados e descritos pelos viajantes. Além disso, o olhar colonizador nos referencia ao olhar territorializador, pois o viajante expressa o objetivo de territorializar e colonizar a terra visitada, expresso a partir da sua relação com a natureza e com as relações entre meio geográfico e meio social ali desenvolvidas.

Nesse sentido, Haesbaert, contribui para pensarmos como ocorre "a perda ou o desaparecimento dos territórios, [pois] propomos discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando mais complexa nossa multiterritorialidade" [7]. Dessa forma, entendemos que o viajante tem por objetivo adaptar o território que visita ao território que imagina, ou seja, entre todos os aspectos que as viagens estão relacionadas, território está ligado primeiramente à idéia de conquista de um espaço considerado pelo próprio viajante como desconhecido e que ele pode representar a partir de seus escritos, segundo seus interesses. Os relatos de viagem podem ser entendidos como uma força da representação do que o viajante faz do que enxerga, uma vez que a própria descrição da natureza é uma forma de representação deste território "desconhecido".

---

[7] HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, setembro de 2004. http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE: RogerioHAESBAERT.

1.1 O olhar conquistador: o exótico e o estranho

Sabemos que durante a época moderna, a Europa foi a mola propulsora para a realização das primeiras viagens em direção ao chamado Novo Mundo, com diferentes objetivos, entre eles o de conhecer o diferente, o outro, o "exótico", além daquele de conquistar novos territórios. Destaca-se que a maioria dos livros didáticos e manuais de história, ainda hoje, marca a experiência de uma viagem como ponto de partida da história das Américas, a partir das viagens de Cristóvão Colombo e de suas narrativas.

Para os propósitos deste trabalho, devemos nos ater principalmente a duas questões: ao contexto e ao lugar para o qual o viajante se dirige, destacando, além disso, o momento em que ele realiza a viagem e o momento em que escreve o relato.

Uma forte característica presente nos primeiros relatos das viagens ao Novo Mundo é esse "caráter conquistador e explorador. O aspecto conquistador consiste em buscar, descortinar o que se considera desconhecido, novo; já o explorador usa de argumentos como a representação da natureza como justificativa de seus objetivos, pois as apropriações que os homens fazem do espaço geográfico , seja na forma de utilização dos recursos naturais, como nas projeções simbólicas devem ser pensadas e entendidas no contexto de sua produção" [8].

Nesse sentido, as viagens passaram a ser uma forma de deslocamentos da sociedade européia, e os relatos caminham da descrição do exótico até a demarcação do científico, o que provoca no leitor certa confusão sobre o se entende por gênero literário e literatura de viagem. Nas palavras de Henrique Carneiro:

> Desde Marco Pólo, do diário de bordo de Colombo, ou da história da volta ao Mundo de Pigaffeta, que a literatura de viagens se confunde, enquanto gênero literário, com os primeiros textos das ciências naturais modernas que continuarão, até bem depois de Darwin e do século XIX, a povoar a ciências das descrições pioneiras dos desbravadores que foram até lá, viram e fizeram os registros.[9]

[8] ARRUDA, Gilmar. A Natureza entre apropriações e representações. In: ARRUDA: Gilmar; TORRES: Velásquez Torres; ZUPPA: Graciela (Orgs). *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina: Ed. UEL, 2001. p.194.

[9] CARNEIRO, Henrique Soares. O Múltiplo Imaginário das Viagens Modernas: Ciência, Literatura e Turismo In: *História: Questões e Debates*, Curitiba, n 35, p.227-247, 2001.

Por isso mesmo, os "primeiros" viajantes acabaram por incorporar nos seus relatos um caráter desbravador, heróico, por avançar uma região desconhecida e perigosa. Para Carneiro:

> ...o primeiro texto sobre o Brasil, é um relato de viagens, e ao longo de sua história, esse gênero que, mais do que simplesmente "literário", também é cientifico, político, econômico e moral, representa uma boa parte das chamadas "fontes primarias", que documentam visões da época que trazem, além dos testemunhos, imagens não somente coloniais, mas colonizadoras, produzidas a partir de uma impressão e de um interesse externo. [10]

O autor chama a atenção para a relevância desses documentos para a historiografia e não somente para a história do país, ressaltando a necessidade de problematizar as informações, considerando que tudo que o viajante registra não se classifica apenas como deslumbramento e encantamento, mas nos permite adentrar nas entrelinhas dessas narrativas.

Para muitos leitores, na maioria das vezes, os relatos dos viajantes trazem uma conotação romantizada, como se tudo o que eles descrevem fosse caracterizado como sonhos e absurdos. Na verdade, devemos observar esses relatos com o olhar crítico, para que possamos perceber e relativizar também suas excentricidades e perceber quais eram suas finalidades, é importante que "busquemos aquelas que, tendo seus objetivos menos nítidos, permitem-nos concentrar sua significação no ato mesmo de viajar" [11].

Ao relatarem o que viram, os viajantes se voltam não apenas para um espaço imaginário, mas para um espaço territorial. A territorialidade tem a função principal de demarcar as relações de troca entre o espaço geográfico e o indivíduo, em função da alimentação e habitação, bem como de certo equilíbrio entre o ser humano e os animais, pois cada um tem seu espaço. Dentro de um mesmo espaço ou território existem comportamentos diferentes, e em algumas vezes há também adaptações em diferentes condições, o que explica, por exemplo, a forma como colonizadores europeus se comportaram diante de tudo que fosse novo ou diferente, "do mesmo modo, as relações entre organização hierárquica e organização territorial variam de uma espécie para a outra e no interior da espécie segundo o grau de estabilidade" [12].

---

[10] Idem, ibidem. p. 233.
[11] CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante (Do Etnólogo)**.** In: NOVAES, Adauto...{ET AL}. *O Olhar*. São Paulo Companhia das Letras, 1988. p 358.
[12] *Enciclopédia Einaudi.* Volume 8 (Região). Lisboa: Casa da Moeda, 1986. p. 264.

Por outro lado território pode ser entendido como espaço do vivido, da experiência e das lembranças, entende-se que o "conceito de território é substituído, em certa medida pelo de percepção do espaço", e não podemos considerar uma idéia de território sem considerar o espaço no qual este esteja inserido.

Esse pode ser o nosso grande desafio, perceber nos relatos de viagem até que ponto o viajante fala sobre o território paranaense a partir de seu próprio espaço, ou como ele se refere ao seu espaço sem que use como referência o espaço onde se encontra inserido no momento em que relata. Afinal, a natureza deve ser entendida enquanto território, possibilidade, elemento que instiga nossa pesquisa: "a natureza social da identidade, do sentimento de pertença ou de apropriação a que se pode dar lugar, é ainda evidente quando a territorialidade se reduz ao individualismo agrário" [13].

Esses aspectos requerem estudos mais aprofundados, pois certamente as viagens não foram realizadas apenas pelo elemento natureza, porém esse elemento compõe um entre os vários objetivos delas. Em se tratando de natureza, os rios sempre aparecem como elo entre as experiências e o que se pretende realizar a partir das mesmas. Talvez a relevância dos aspectos da natureza é que leve os viajantes, que posteriormente percorreram o território, a classificá-lo como *vazio, inexplorado, selvagem.* Tanto que, embora os indígenas tivessem acumulado vários conhecimentos sobre a natureza e seu manejo, isso não era levado em conta pelos europeus. Esse espaço é um espaço de luta e conflito, levando-nos a pensar como o europeu se apropria do novo território em que se encontra, pois seu objetivo é avançar por fronteira, não somente a fronteira territorial, mas política, científica e cultural.

Para tanto, o olhar dos viajantes dos séculos XVI e XVII pressupõe também uma perspectiva colonizadora, ainda que suas narrativas estivessem presas a elementos da natureza relatada como maravilhosa, espetacular, e a fatores religiosos, e embora buscassem, pela conquista do Novo Mundo, satisfazer seus interesses, atrelados fundamentalmente ao comércio e à busca por riquezas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que Espanha e Portugal inauguraram o cenário das viagens no Brasil, no final do século XVI, a partir do acordo que ficou conhecido como Tratado de Tordesilhas. A partir disso, a maior parte do território que conhecemos atualmente como paranaense ficou sob poder espanhol.

[13] Idem, ibidem. p. 268.

Portugal, que possuía um comércio mais lucrativo com o Oriente, não se ocupou de colonizar essa região de imediato. Enquanto isso, a Espanha logo tratou de promover expedições à procura de pedras preciosas. Foi durante essas expedições que os espanhóis descobriram o caminho do Peabiru, que partia da capitania de São Vicente, hoje no atual Estado de São Paulo, atravessando todo o território paranaense no sentido leste-oeste, até o rio Paraná, passando depois pelos territórios do Chaco, no Paraguai e cruzando os planaltos peruanos.

Esse caminho atraiu alguns viajantes. O espanhol Aleixo Garcia, em 1524, percorreu todo o trajeto, e foi um dos primeiros europeus a realizar uma viagem pelo interior do hoje sul do Brasil. O objetivo da viagem era descobrir regiões onde pudessem explorar o ouro e metais preciosos. Sua viagem percorreu o interior do Paraná, Paraguai e Bolívia até as fronteiras com o Império Inca. Segundo Lucio Tadeu Motta, "todas as informações sobre essa expedição são indiretamente, baseadas em relatos de outros cronistas dos séculos XVI e XVII" [14]. A partir disso, outros viajantes empreenderam viagens a fim de buscar riquezas e conhecer o hoje território paranaense.

Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca esteve na região de Foz do Iguaçu e chegou até o planalto curitibano. Durante sua viagem sempre esteve acompanhado de centenas de índios Guarani, e seus objetivos também estavam atrelados à busca por ouro e prata, e ainda reconhecer territórios onde pudessem ser construídos núcleos de povoamentos. As expedições de Cabeza de Vaca não se restringiram apenas ao Paraná, mas também percorreu boa parte de Santa Catarina, Paraguai, Bolívia, além da América do Norte.

Os documentos relativos à Cabeza de Vaca possibilitaram entender que durante o século XVI, praticamente todo o hoje território paranaense estava ocupado por uma população indígena. Segundo Lúcio Tadeu Motta, o relato de Cabeça de Vaca é importante, pois descreve, ao longo de sua expedição, o contato e a entrada com grupos Guarani no Paraná. Por outro lado, um dos objetivos dessas expedições, como dissemos, era fundar núcleos de povoamento, como por exemplo, Ontiveiros, às margens do Rio Paraná (1554); a Ciudad Real (Guairá) e outra vila chamada Vila Rica do Espírito Santo, sendo que mais tarde essa vila seria ocupada pelos Padres Jesuítas através das reduções[15].

[14] MOTTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. Exploração e a Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: ROLLO, José Henrique; DIAS, Reginaldo Benedito. *Maringá e o Norte do Paraná: Estudos da História Regional*. Maringá. Eduem, 1999, p. 24.
[15] Idem, ibidem, p.26.

Essa região, aliás, é mencionada pelo viajante José Candido da Silva Muricy – um dos viajantes objeto da nossa análise neste trabalho – em seu relato *Viagem ao País dos Jesuítas*, a partir de uma expedição realizada em 1896. Considerando ainda os núcleos de povoamento, estes foram importantes para outras expedições de penetrações espanholas, dando origem à formação de reduções jesuíticas, como, por exemplo, Vila Rica do Espírito Santo e Ontiveiros, que se configuravam num outro objetivo: a catequização e domesticação dos nativos.

Outros viajantes estiveram no hoje estado do Paraná, a fim de conquistar e demarcar territórios, bem como estabelecer fronteiras. Domingos Martínez de Irala (1544) tinha por objetivo apresar índios para as *encomiendas.* Ele foi fundador da cidade de Ontiveiros (núcleos de povoamento indígena). Não menos importantes foram as expedições de Diego de Sanabria, Cristoval de Saavedra, Hernando Salazar, que também percorreram todo interior do hoje estado do Paraná, sendo que esses dois últimos viajaram desde o Paraguai até o Porto de São Vicente, e ainda percorreram o interior da província, desde Ontiveiros até São Vicente, fazendo o mesmo roteiro de Cabeça de Vaca. Para Carvalho Franco:

> ...ele teve um destacado papel entre conquistadores espanhóis no interior do Paraná, pois conduziu a fundação da Ciudad Real (foz do rio Piquiri, município de Terra Roxa) e da segunda fundação da Vila Rica do Espírito Santo (junto à foz do rio Corumbataí, município de Fênix, hoje Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo).[16]

Poderíamos citar muitos outros viajantes que passaram pelo Paraná nesse período. Sabe-se que a partir dessas primeiras incursões, abriam-se caminhos inclusive para as expedições jesuíticas, que tiveram uma grande importância na formação das fronteiras não só do Paraná, mas de outras regiões do país. É importante destacar que os padres jesuítas participaram dos conflitos travados entre índios e conquistadores (espanhóis e portugueses) e que o Paraná foi palco desses conflitos.

Além de discutirmos território e representação, as questões de fronteira também se fazem presentes. A fronteira territorial do Paraná, pois no início da segunda metade do século XIX, nas regiões que hoje conhecemos por oeste e norte do Paraná, ainda eram entendidas como inexploradas, principalmente as fronteiras com a Argentina e

[16] CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.241. Apud MOTTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. Exploração e a Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: ROLLO, José Henrique; DIAS, Reginaldo Benedito. *Maringá e o Norte do Paraná*: Estudos da História Regional. Maringá. Eduem, 1999, p. 26.

Paraguai. Podemos ver como algumas regiões do Paraná eram vistas como uma grande área a ser explorada, como se percebe nos mapas que constituem as Figuras 1 e 2.

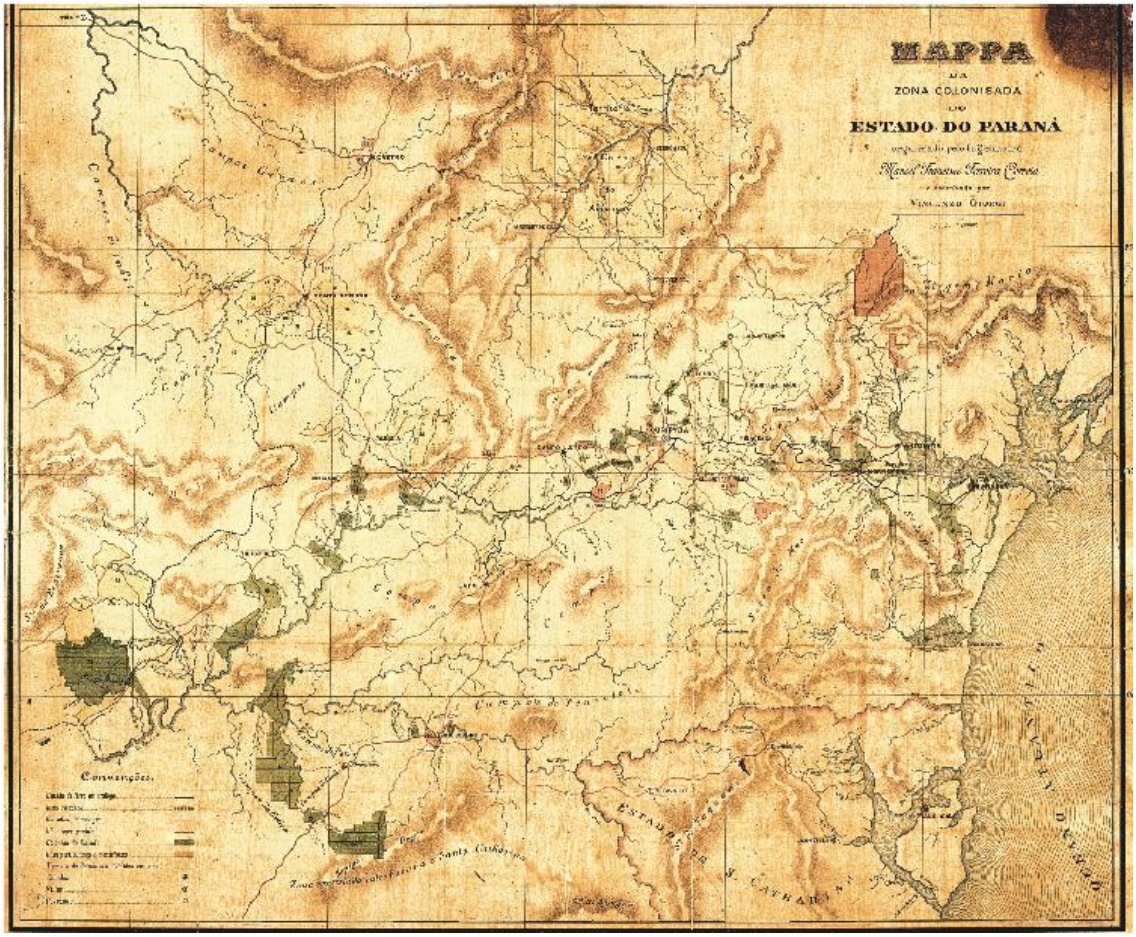

Figura 01: Mapa representando a área colonizada do Paraná em 1892

Figura 02: Mapa Topográfico: representa Núcleos Coloniais na Província do Paraná, 1881.

É conhecendo o contexto histórico em que as viagens do final do século XIX foram realizadas, que os mapas nos mostram algumas características do Paraná, as regiões que compreendem até aproximadamente os Campos Gerais, o que explica o interesse de viajantes e algumas autoridades governamentais.

Nesse sentido faz-se necessário destacar algumas observações sobre o período anterior ao nosso recorte temporal. Portugal, como já assinalamos, preocupou-se mais tardiamente em explorar esse território, uma vez que não podia destinar muitos recursos para iniciar a colonização, mesmo numa época em que o comércio com o Oriente estava em declínio devido à grande concorrência de outros países. Com isso, a Coroa portuguesa resolveu adotar no Brasil o sistema de doação de terras, já praticado em outras colônias, e iniciou sua jornada em busca de "escravos indígenas para o trabalho nas fazendas paulistas, metais preciosos e outras riquezas" [17]. As buscas por ouro e escravos indígenas ocorreram desde 1565, aproximadamente, como afirma Julio Moreira, citado por Lucinéia Cunha Eteca: "os portugueses empreenderam buscas por ouro nessa região, sendo que por volta de 1565, Heliodoro Eobanos teria descoberto pequenas manchas auríferas em Iguape, Paranaguá e no Planalto Curitibano" [18] – o que significa que as terras paranaenses foram exploradas desde o século XVI, processo que se intensificou nos séculos seguintes, como veremos a seguir.

O século XVIII também vivenciou expedições militares e cientificas em busca de ouro e diamante. Como fora encontrado ouro na região da atual Paranaguá em fins do século XVI, esse fato despertou o interesse português. Além das minas de Paranaguá, foram descobertos vários ribeiros de ouro em Curitiba e próximos a essas localidades, e estes acontecimentos contribuíram para a expansão em direção aos Campos Gerais, Norte e Oeste, buscava-se por limite territorial entre Portugal e Espanha. O fato é que após alguns acordos e com o Tratado de Santo Ildefonso, foi que realmente se estabeleceu as fronteiras entre as posses dos reinos, o que intensificou incursões portuguesas ao interior meridional.

O século XVIII, especificamente, foi marcado pela invasão de bandeirantes paulistas no Guairá, pela forte presença de conquistadores europeus, inclusive viajantes "desbravadores" em busca de riqueza e glória. É claro que já no século XVI se tem

[17] Idem, ibidem, p.27.
[18] STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. *História do Paraná. Do século XVI à década de 1950*. Londrina. Eduel, 2002, p.02.

notícias de expedições contra as reduções jesuíticas, no período mesmo em que estas estavam se solidificando. Nessa época, uma grande parcela da população indígena foi dizimada em combates entre brancos e índios, porém muitos foram presos e transformados em escravos.

Com a fundação das catorze reduções jesuíticas nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Piquiri, Ivaí, Paranapanema e Tibagi, elas passaram a ser alvo fácil dos bandeirantes paulistas, com a finalidade de aprisionar os nativos, e desse modo, aqueles transitaram intensamente pela região do Guairá, tendo sido responsáveis pela primeira construção militar no vale do rio Tibagi, onde posteriormente seria construída a colônia militar de Jataí.

Portanto, é possível destacar que o espaço paranaense foi palco de grandes conflitos e lutas sangrentas. No vale do Paranapanema estavam as reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio; no rio Tibagi, as de São José, São Francisco Xavier, Encarnación e São Miguel. No vale do rio Ivaí se localizavam Jesus Maria, Santo Antonio e São Paulo, entre outras que se localizavam nos vales dos rios Corumbataí e Piquiri. As reduções se comunicavam por meio da navegação dos rios e também pelos caminhos e trilhas que os próprios índios construíam entre as florestas. Esses caminhos é que serviram para que bandeirantes paulistas transitassem pela região e conseqüentemente destruíssem as reduções.

Não é nenhuma novidade, portanto, que tenha havido muitos conflitos entre índios e bandeirantes, tanto que foram esses conflitos que levaram os padres jesuítas a partirem para o Rio Grande do Sul para fundarem os Sete Povos das Missões. As invasões dos bandeirantes produziram outras expedições, sendo que só no vale do rio Tibagi houve três, uma liderada por Francisco Tosi Colombina, que tinha por objetivo procurar ouro e diamantes em pedras brancas, além de ocupar os territórios indígenas - o que não deu muito certo, pois autoridades de Paranaguá e donos de lavras de Minas Gerais entraram na disputa por esses territórios. Isso fez com que a Câmara de Curitiba enviasse soldados para vigiar os garimpos de pedras brancas, quando foi instalado o forte militar de Nossa Senhora do Carmo.

Nos vales dos rios Ivaí e Tibagi, houve a passagem de expedições de Morgado de Mateus, na época governador de São Paulo, que tinha por objetivo chegar ao Forte

Militar de Iguatemi, no Mato Grosso[19]. No fim do século XVIII, houve a terceira expedição, da campanha de Afonso Botelho, comandada pelo Capitão Francisco Lopez da Silva, que percorreu o território desde o rio Ivaí até as ruínas de Vila Rica do Espírito Santo. Como é possível perceber, a partir do levantamento feito por Lúcio Tadeu Motta, havia a tentativa de "estabelecer um posto de suprimentos para expedições que desciam o rio Ivaí em direção ao Mato Grosso, [que] não prosperou e, em pouco tempo, a localidade foi abandonada e a floresta voltou a cobrir os vestígios da ocupação humana no local" [20]. Isso tudo, aliás, reforça a idéia que o Paraná há muito foi objetivo de conquista, e visto como possibilidade de riqueza.

Todavia, mesmo no século XIX as reduções ainda eram de interesse dos viajantes, como provam as narrações do General João Cândido da Silva Muricy, no relato publicado sob o título *O país dos jesuítas,* já citado. Nele, o autor se refere a uma expedição rumo aos sertões do Paraná, nas regiões de Guarapuava, dos rios Ivaí do Corumbataí e Tibagi. Essa viagem marca a ida ao centro geográfico do hoje Estado do Paraná, ate as ruínas das velhas reduções jesuíticas na Vila Rica do Espírito Santo, hoje próximas ao atual município de Fênix, perto da cidade de Campo Mourão, no Oeste do Paraná, e também à lendária "República Teocrática do Guairá", fundada pela Companhia de Jesus. O objetivo da viagem de Muricy, da qual esse relato foi conseqüência, era encontrar tesouros, ouro, pedras preciosos, porém a viagem acabou por tomar outra conotação, quando os expedicionários se preocuparam em fazer "o reconhecimento antropogeográfico, as aproximações com o geo-humano riquíssimo dos sertões potamográficos paranaenses, na sua intacta beleza e prodigiosa variedade" [21], nas reduções do Guairá. Mas, também se encaminhavam na direção de uma "fronteira humana", pois a partir de alguns trechos é possível perceber que o militar não buscava apenas conquistar algo novo enquanto território, uma vez que o nativo poderia ser componente desse território como algo indispensável para sua própria conquista.

De fato, a viagem se direcionava à procura dos tesouros dos padres. O relato é todo descrito em forma de diálogo, e em um desses diálogos o viajante e seus companheiros demonstram seus objetivos:

[19] Mais tarde veremos o interesse do governo provincial em estabelecer uma estrada de ferro que ligasse o Paraná à Província do Mato Grosso, hoje atual estado do Mato Grosso do Sul, a partir dos relatos de Nestor Borba, Telêmaco Borba e Bigg Wither.
[20] MOTTA, Lucio Tadeu, NOELLI, Francisco Silva. Op. Cit., p33.
[21] MURICY, José Candido da Silva. *Viagem ao País dos Jesuítas*. 1975. p.7.

> __ De acordo com concessão que tu e nós temos do Governo vamos verificar a existência de minas de cobre, de ferro, etc, outrora exploradas pelos Padres Jesuítas.
>
> __ Mas por que ir ao sertão do Ivaí, tão longe? Em Paranaguá os primeiros habitantes exploraram ouro e prata; em Antonina existe uma possante mina de ferro e manganês e talvez ouro; na serra do Araçatuba, em São José dos Pinhais, há ouro, bem como em Campo Largo, na Ferraria, tudo tão perto e de uma exploração muito mais fácil.
>
> __ Mas não iremos só por isso, atalhou ele abaixando a voz. É que também há lá uns escondidos dos Padres Jesuítas, tesouros enterrados por eles ali, algures. Entendes agora? [22]

A partir deste fragmento percebe-se que uma expedição envolve muitos objetivos, mas o importante neste momento é notar que o processo de territorialização do Paraná pode ser entrevisto nas entrelinhas dos relatos. No livro citado acima, conta-se toda a preparação para a viagem, mostrando que várias autoridades governamentais estão envolvidas nessa atividade. Como o próprio relatante ressalta, era importante explorar o Vale do Ivaí, pois os padres jesuítas não tinham explorado esse território por inteiro, mas haviam deixado algo ainda para ser explorado. Alguns aspectos devem ser ressaltados sobre as reduções jesuíticas.

1.2 O olhar territorializador: O Paraná do século XIX

No século XIX, o Brasil foi o palco de transformações importantes, desde a abertura dos portos em 1808, as revoltas provinciais, a abolição da escravidão, culminando com a proclamação da república. Nesse contexto, as viagens passam a assumir um papel importante tanto para a conquista e mapeamento do território brasileiro como paranaense, pois nessa época as regiões já eram vistas e localizadas em uma posição estratégica, ou seja, um lugar que englobava vários elementos: uma grande população indígena e um vasto território, que para os olhos de quem o via se colocava como uma possibilidade de conquistas. Essas questões são pertinentes ao contexto a partir da metade do século XIX, com a interiorização e territorialização como política do império, visando a emancipação do Brasil e o desenvolvimento, o Império

[22]Idem, ibidem, p. 8.

apresentava seus objetivos de tornar o país uma grande metrópole, que promovesse o progresso e o desenvolvimento, como destaca Ilmar Rohloff [23].

Assim, o Paraná passa a ser citado – inclusive nos textos dos viajantes analisados neste trabalho, como território e sertão que precisa ser desbravado, ocupado, territorializado. Essa projeção sobre o Paraná contribuiu posteriormente com a sua emancipação no fim do século XIX.

Nesse caso é importante conhecer os anseios do governo imperial, e compreender qual a ligação entre o plano do Império e as viagens. Um dos projetos do império no século XIX era de certa forma dar "cor" ao país e levar para a Europa a propaganda do Brasil enquanto país maravilhoso e promissor, com a intenção de promover o povoamento nas áreas consideradas inabitadas, ou desapropriar o índio e re-territorializar os chamados sertões, que poderiam oferecer muitas riquezas. Mas qual a relação do projeto político do império com os relatos de viagem?

É essa idéia de Brasil que percorreu o país no século XIX, e isso produziu frutos, como a busca pela civilização e progresso. Isso possibilita entender o interesse do governo em financiar viagens, e também a vinda de muitos estrangeiros na busca pelo então pronunciado "desconhecido" ou como alguns autores tratam como "zona de contato" [24]. Havia uma constante preocupação ou interesse em identificar todas as regiões que pudessem de alguma forma, contribuir para aumentar as riquezas da Coroa.

Outro fato importante a ser ressaltado, é com toda a propaganda feita sobre o território brasileiro, muitos investidores se deslocaram no intuito de firmar grandes negócios, e houve um grande fluxo de interesses ingleses, que investiram na construção das primeiras ferrovias, "bem como contribuíram para a abertura da primeira rodovia ligando a raiz da serra de Petrópolis a Juiz de Fora, deste modo, os produtos destinados ao mercado externo, em especial o café, podiam chegar aos portos exportadores em

[23]Autor de *O Tempo Saquarema*, que recebeu o prêmio Literário Nacional em 1986, sobre Gênero, História do Instituto Nacional do Livro, se faz importante para pensar o Brasil do século XIX. O livro trata do Brasil Imperial, o objetivo principal desta obra é perceber como ocorreram os processos de construção do Estado Imperial e da classe senhorial, e também como uma classe dirigente, no caso os Saquaremas interferiram na sociedade e na ação do tempo. Os Saquaremas aqui representam a classe que compõem a alta burocracia imperial, senadores, magistrados, ministros e conselheiros do Estado, mas também grandes proprietários de terras, localizados em diversos pontos do império, sendo um conjunto de dirigentes que primam pelos princípios de Ordem e Civilização no país.

[24] PRATT, Mary Louise. *Os olhos de Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

menor intervalo de tempo e em melhores condições" [25]. Além disso, "a *Rio de Janeiro Gás Company Limited* foi a primeira companhia estrangeira de melhoramentos urbanos a se instalar na capital do Brasil, e trouxe consigo outras, como a *City Improvements*, para instalação de uma rede de esgoto na capital do império" [26].

Assim, traídos pela propaganda de que o Brasil se colocava no cenário mundial como uma grande potência geradora de riquezas, "no decorrer do século XIX (...) a Inglaterra se destacava como grande potência econômica, seus objetivos era expandir seus domínios por todo o planeta, tanto em termos estritamente comerciais, nos quais o capital começava a aparecer como a mais importante das mercadorias exportadas quanto no que diz respeito a idéias e valores" [27]. Decorre daí o fato de que muitos viajantes ingleses percorreram o país, no sentido de conhecer suas potencialidades. [28]

Mas é necessário compreender os elementos contraditórios que definem este momento da nação brasileira, a partir dos processos de continuidades e descontinuidades, que geraram o sentimento de nacionalismo, em especial a partir da segunda metade do século XIX. Este elemento também passa a fazer parte do discurso usado pelos viajantes em seus relatos. Na maioria deles, sobressai como o primeiro elemento tratado, a discussão e o relato sobre as belezas da natureza, sempre enaltecendo as maravilhas naturais, com muitos elogios, depois falando das possibilidades de progresso. Ressalta-se, ainda, a necessidade de defender as fronteiras do Brasil, e nesse caso a colonização por todo o país seria uma forma de expandir algumas fronteiras e estabelecer outras.

Como o século XIX foi palco de grandes transformações, o Paraná já vinha chamando a atenção das autoridades governamentais, e foi nesse período, na metade do século XIX, que alguns representantes do governo de Curitiba passaram a trabalhar a idéia de desmembrar a Quinta Comarca de São Paulo. Alegava-se que a Província precisava de um representante legal, para lutar pelos interesses da província junto ao império. O maior problema enfrentado pela população curitibana seria a distância que

[25] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema***.** São Paulo: Hucitec,1987, p. 15.
[26] Idem, ibidem, p. 15.
[27] Idem, ibidem, p.14.
[28] Entre muitos viajantes estrangeiros que percorreram o Paraná no século XIX, estão Auguste Saint-Hilaire, Robert Ave-Lammant e Thomas Bigg Wither. IN: PAZ, Francisco Moraes. História e Cotidiano: A sociedade Paranaense do Século XIX na Perspectivados Viajantes. In: *História: Questões e Debate. Revista da Associação Paranaense de História.* Ano 8, Número 14; 15 de dezembro de1987.

existia entre governantes e justiça, e por algum tempo o Paraná ficou sob domínio judiciário como Quinta Comarca.

A emancipação do Paraná ocorreu em 1853, por conta de muitas disputas entre curitibanos e paulistas, tendo também havido a pressão por parte de outras províncias como Minas Gerais e Bahia, já que a diminuição do território paulista era interessante, frente ao poder político da província de São Paulo apoiado na economia cafeeira. Assim, no dia 19 de dezembro de 1853, o Paraná foi desmembrado da Província de São Paulo e passou a ter um presidente como representante nomeado pelo imperador.

Durante o período em que o Paraná foi província, as atenções do império de certa forma voltaram-se para este território, embora a instalação das colônias militares já fosse algo muito presente desde o início do século. Com o objetivo de defender as fronteiras e delimitar o território da província, as colônias militares tinham como dever fiscalizar, policiar e iniciar o povoamento, até porque a produção de erva mate na Argentina e no Paraguai estava se expandindo, e elas eram uma forma de impor as fronteiras do Paraná, ainda do Império brasileiro. Devido a isto surgiram estudos e narrativas sobre esse local, a começar por relatórios de atividades dos militares, sendo que vários foram publicados no boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.[29]

Por muito tempo o espaço que hoje compreende o Estado do Paraná teve como faixa de ocupação apenas a região do litoral, sendo que as regiões do interior recebiam maior atenção quando havia ameaças nas regiões de fronteira. Nesse sentido, é a partir do século XIX que disputas fronteiriças entre Brasil, Paraguai e Argentina delineiam outra fase da história do Paraná. Outro ponto que contribuiu para a ocupação deste espaço foi a navegação pelos rios, que possibilitou a investida do império, o que também tem uma forte ligação com as questões sobre nacionalismo.

Contudo, o que se tem relacionado a esse assunto é que a ocupação do restante do espaço paranaense se deu a partir do século XIX e intensificou-se no século XX. Essas idéias partem do fato de que somente em 1889 com a fundação da colônia militar em Foz do Iguaçu (de onde se originou a cidade), é que teria havido o desenvolvimento da região oeste, por exemplo. A Colônia Militar de Foz do Iguaçu foi criada com a finalidade de proteger as fronteiras do Paraná com a Argentina, e posteriormente criou-

[29] Como por exemplo, o trabalho de Candido Ferreira de Abreu, *Colônia Militar de Foz do Iguaçu*, em que ele narra as condições da colônia no ano de 1905, porém publicado em 1974.

se a idéia de Oeste, e a referenciação ao nascimento da cidade de Foz do Iguaçu a partir da existência da colônia. Porém, os relatos de viagem mostram que essa ocupação já se inicializava anteriormente e os viajantes estavam ligados ao projeto político do governo provincial. Armand Fremont afirma que:

> De uma maneira geral a região apresenta-se como um espaço médio, menos extenso do que a nação (...). Integra lugares vividos e espaços sociais com um mínimo de coerência e de especificidades, que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação na percepção dos habitantes ou dos estranhos (as imagens regionais).[30]

Nessa perspectiva é importante destacar dois relatos que se referem à região de Guaíra e Foz do Iguaçu, de dois militares e fazem parte do corpo documental do trabalho: o do Capitão Nestor Borba, autor do relato intitulado *Viagem às Setes Quedas datada de 1876, e a do* general José Cândido Muricy, *Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava À Colonia da Foz do Igassú em Novembro de 1892* [31].

A viagem de Nestor Borba realizou-se no período de dezembro de 1875 a janeiro de 1876. Iniciou-se, percorrendo por terra o trecho entre Curitiba e a Colônia do Jataí, pelas margens dos rios Ivaí e Tibagi, e posteriormente de canoa pelos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná até a região das Sete Quedas. Este relato é acompanhado de Prefácio anônimo, cujo autor se intitula como "Amigo do Paraná", e de um comentário do Engenheiro André Rebouças sobre "um manifesto em favor da criação de um parque nacional brasileiro, nos moldes de parques semelhantes nos Estados Unidos" [32].

A viagem de Muricy apresenta o caminho percorrido por terra de Guarapuava pelo sertão paranaense até a tríplice fronteira do Paraná com Argentina e Paraguai. Seu maior objetivo em empreender esta viagem era de criar um caminho mais estruturado entre o centro do Paraná e o Oeste, este caminho ficou conhecido como Estrada Estratégica. Além disso, a viagem que tinha a finalidade de levar suplementos alimentares e dinheiro à recente colônia militar aproveitou este momento para descrever

---

[30] FREMONT, In: TOMAZI, Nelson Dácio. *Norte do Paraná, História e Fantasmagorias*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1997, p.110.

[31] BORBA, Nestor. "Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas" (1876). MURICY, José Cândido da Silva. "Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassu em Novembro de 1892". In: *Monumenta – Relatos de Viagem a Guaíra e Foz do Iguaçu (1870-1920***)**. MONUMENTA - Segunda Série. Curitiba, vol. 1, no. 4, primavera, 1998.

[32] *Monumenta – Relatos de Viagem a Guaíra e Foz do Iguaçu (1870-1920***)**. MONUMENTA - Segunda Série. Curitiba, vol. 1, no. 4, primavera, 1998. p. 03.

a natureza e a população indígena. O fio condutor dos dois relatos é a idéia de progresso e exploração econômica das regiões consideradas desabitadas.

A viagem de Bigg Wither apresenta uma perspectiva diferente em relação aos outros dois viajantes. Sua viagem se inicia pelo Rio de Janeiro, onde ele permanece poucos dias até poder embarcar para a Província do Paraná. Chega ao litoral, e sua primeira descrição é da cidade de Curitiba, onde ele observa a população sertaneja e os imigrantes que lá encontra. Segue por terra até a Colônia Tereza, passando por cidades como Antonina, Ponta Grossa, até chegar aos Vales dos Rios Ivaí e Tibagi. Posteriormente à sua chegada observa cuidadosamente todos os elementos que lhe chamam atenção como a natureza, os animais e o índio. Logo após, continua sua viagem até a colônia militar de Jataí no norte do Paraná. Depois, segue de canoa acompanhado de Telêmaco Borba até os rios Paranapanema e Paraná, retorna a colônia de Jataí e volta para a Colônia Tereza de onde segue para o Rio de Janeiro. Nesse sentido é importante destacarmos algumas características especificas dos viajantes, visto que eles enquanto militares e engenheiro, se consideram viajantes acima de tudo.

Nestor Borba era filho de Vicente Antonio Rodrigues, militar e ex-combatente da guerra da Cisplatina. Foi nomeado no ano de 1863, aos 18 anos, alferes de polícia em Curitiba e foi designado para atuar como policial nos Campos de Guarapuava a fim de garantir a segurança daquela região e estabelecer alguma relação com a população indígena, pois se ocorressem conflitos entre brancos e indígenas nessa região seria possível o deslocamento para ocupar os sertões à frente. Lembramos que a região de Guarapuava delimitava de modo geral a parte mais povoada pelos "caboclos e sertanejos", conforme afirma Bigg Wither.

Segundo José de Souza Martins a fronteira é como "um território da morte e o lugar de renascimento e maquiagem dos arcaísmos mais desumanizadores, cujas conseqüências não se limitam a seus protagonistas mais imediatos" [33]. Nesse sentido, tanto a Colônia Militar de Foz do Igauçu (oeste) e Jataí (norte) tornavam-se pontos de referência para as viagens pelo interior do Paraná. Além disso, próximos à colônia do norte, situavam dois aldeamentos indígenas, dirigidos por militares: o de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo. O primeiro dirigido por Telêmaco Borba, irmão de Nestor Borba. Portanto o próprio deslocamento dos viajantes se fará a partir do conhecimento

[33] MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.* São Paulo: Contexto, 2009, p.13.

da região sob a ótica dos militares. E, Telêmaco Borba vai servir de guia tanto para Nestor Borba quanto para Bigg Wither.

Nestor Borba se relaciona com muitas das elites do Paraná de então. Em 1864 com o início da Guerra do Paraguai, foi estabelecida uma unidade militar na vila de Guarapuava, e no ano seguinte Nestor Borba seguiu como voluntário para a guerra do Paraguai, porém tempo depois foi ferido e teve que retornar. David Carneiro, autor do livro *O Paraná na Guerra do Paraguai*, ressalta uma matéria noticiada pelo jornal curitibano *Dezenove de Dezembro* de 25 de maio de 1867, segundo o qual "chegou ontem a esta capital o Sr. Capitão honorário do exército Nestor Augusto de Morocines Borba, um dos primeiros Voluntários da Pátria que desta província marcharam para o teatro da guerra"[34]. Em 1867, Nestor Borba casou-se com Adelaide, filha de Cândido Martins Lopes, proprietário do jornal *Dezenove de Dezembro*, e influente na sociedade curitibana, o que demonstra que ele tinha boas relações com a administração da Província – que, aliás, contribuiu para que pudesse realizar a viagem às Sete Quedas. Porém, a viagem não era apenas um objetivo do militar, mas também do governo provincial: para ambos, descortinava-se como possível o projeto de construir uma estrada de ferro que ligasse Curitiba a Miranda, na província do Mato Grosso, atual estado do Mato Grosso do Sul. Além disso, a partir das medições que Nestor e seu irmão Telêmaco Borba realizariam na viagem, pensava-se na possibilidade de construir uma ponte metálica sobre os saltos, como o próprio Nestor Borba descreve:

> Tomam mais interesse pelo desenvolvimento e prosperidade desta província, do que a mor parte de seus filhos, animaram-nos a levar por diante esta tentativa, dando-lhes importância, que nós não lhe ligávamos, pois que, diziam, tratava-se de verificar a possibilidade de construir uma ponte sobre aquele salto, uma das idéias capitais da memória do Dr. Tourinho sobre a via-férrea para o Mato Grosso, prolongando através do Paraguay e Bolívia.[35]

Nestor Borba iniciou a expedição em 04 de dezembro de 1875, saindo de Curitiba rumo à Colônia Militar de Jataí, onde encontraria seu irmão Telêmaco Borba. Esse, por sua vez, já havia realizado outras expedições pelo interior do Paraná e já era conhecido pela elite curitibana. Ocupou o cargo de administrador do aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara, situado às margens do Rio Tibagi, onde também se

[34] CARNEIRO, David**.** *O Paraná na Guerra do Paraguai*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995, p. 88.
[35] BORBA, Nestor. Op. Cit. p.21

situava Colônia Militar de Jataí na outra margem desse mesmo rio, criada pelo Governo Imperial em 1855. Essa colônia visava dar suporte ao aldeamento e proteger os sertões brasileiros de possíveis invasões estrangeiras.

Telêmaco ainda prestou auxílio às tropas de soldados que seguiam do Paraná para o Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai; trabalhou no processo de catequização e civilização dos indígenas Kayovás e Kaingangs, presentes no referido aldeamentos. Nesse sentido, percebe-se a ação e missão estratégica de proteção, em relação aos interesses dos fazendeiros e barões dos Campos Gerais. Lucio Tadeu Mota destaca que "havia uma triangulação entre o Barão, que criava e dirigia os aldeamentos indígenas no norte da província e na rota do Mato Grosso; o ministério do Império, que atendendo ao Barão, repassava as verbas para a presidência da província do Paraná, e esta, que mandava executar as obras requeridas pelo Barão" [36].

A partir dessas informações sobre os dois viajantes e relacionando com o projeto político do império, é possível afirmar que a política de aldeamento indígena estava ligada à política de apropriação das terras indígenas, sendo que cada pessoa que atuava nos aldeamentos indígenas a mando do governo recebia como recompensa um quinhão de terra em outro aldeamento. E, pouco antes de Telêmaco realizar a viagem com seu irmão Nestor Borba, ele guiou uma missão inglesa pelo interior do Paraná, *A Paraná and Mato Grosso Survey Expedition*, relatada pelo engenheiro Thomas Plantagenet Bigg-Wither, que fazia parte dela no período de 1872 a 1875, sendo que no ano seguinte Telêmaco realizaria a viagem à região dos *Saltos do Gayra*.

A expedição teve continuidade a partir da Colônia Militar do Jataí, no dia primeiro de janeiro de 1876. A tripulação era formada por oito tripulantes indígenas de origem Cayguás, Guaranys e dois Coroados, - uns para guiarem as canoas e outros para servirem de interpretes para quando chegassem às margens do rio Paranapanema, além de Nestor e Telêmaco. Em seu relato, Nestor descreve bem como eram as canoas e o que levavam em seu interior:

> feitas em tronco de peroba medindo dezesseis metros de comprimento por um de largura, está carregada de sacos de farinha, feijão, toucinho e outras iguarias. Perto da polpa, um toldo de dois metros de extensão de folhas de palmeira; [...] No improvisado mastro, a bandeira do Brasil. A outra canoa, menor, de cedro, tem dez metros de comprimento e setenta centímetros de largura. No seu interior, quatro cães atrelados e

[36] MOTA, Lucio Tadeu. *As Colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000, p.9.

> indóceis; arpão, linhas, anzóis, baús, cartuchos, pólvoras, chumbo, espoletas, pequenas facas e quatro espingardas.[37]

Levaram também um pantômetro, para auxílio nos levantamentos de plantas, e uma "câmara escura para tirar vistas", o que evidencia o objetivo de registrar o que poderia ser observado durante a viagem. E mais, nota-se que Nestor Borba e seus companheiros buscavam algo mais além de conhecer a natureza e as maravilhas das Sete Quedas, mas possuíam objetivos de levar para aquele local o que chamam de "progresso", e reocupar a região – como podemos observar, Nestor Borba não foi o primeiro a dirigir uma expedição a essas regiões. O fato de Telêmaco Borba ter auxiliado na catequese dos índios, contribuiu para que ele soubesse usar a linguagem correta para conquistar a confiança deles, pois fazia parte da missão estratégica conhecer bem a população indígena que habitava a região visitada, uma vez que o objetivo consistia em conhecer as fronteiras para poder civilizá-las.

Pode-se perceber isso ao Nestor descrever sua chegada aos Saltos, quando encontrou próximo daquele local 22 índios coroados que habitavam a região dos rios Piquiri e Iguaçu. Nestor não deixa dúvidas quanto aos seus verdadeiros objetivos em relação à viagem:

> Fizemos alguns presentes e continuamos nossa viagem, levando em nossa companhia dous daquelles índios para irem avisar os que moravam em um toldo, próximo à margem esquerda do Piquiry, a fim de virem fallar comnosco, e na ocasião de pol-os em terra accordamos que nos esperaria no outro dia, na próxima corredeira, que tinha ahi para cima.
>
> Demos-lhes os brindes, que levávamos com este destino.
>
> Resolvemos deixar ahi com esses índios os dous coroados, que trouxemos para servir-nos de interpretes afim deservirem de guia aos que desejassem ir ao Jatahy , reconhecendo ao mesmo tempo todo o terreno entre esses dois pontos, colhendo-se assim duas grandes vantagens: o adquirir-se conhecimento daquella grande zona de terrenos fertillissimos , e attrair aquelles selvagens á catechese.
>
> Notamos, em que toda a margem esquerda do Paraná, lugares bellissimos e apropriados para estabelecimento de povoações.[38]

[37] BORBA, Nestor. Diário de Expedição - "Mistérios dos Saltos". In: VARGAS, Túlio. *O Maragato: a vida lendária de Telêmaco Borba.* 2ed. Curitiba: Juruá, 2001. p. 85-86.
[38] BORBA, Nestor. Op. Cit.

A viagem terminou em 14 de fevereiro de 1876, e os relatos foram publicados na Cidade de Curitiba, em 14 de março do mesmo ano. Foram reeditados em 1897 com considerações tecidas pelo engenheiro André Rebouças, acompanhado de um prefácio anônimo (por amigo do Paraná) e por um manifesto em favor da criação de um parque nacional brasileiro.

Nos relatos do General José Cândido Muricy aparecem questões que se identificam com as dos relatos de Nestor Borba, referentes ao ideal de civilizar, conhecer e ocupar as fronteiras. Nos dois relatos está presente o desejo de dominar as fronteiras das regiões visitadas, e construir o progresso a partir da natureza, pois esta não é vista como exótica, mas como possibilidade de produzir poder e prestígio. Ainda sobre o General Muricy, este participou, como cadete da Escola Superior de Guehrra, no golpe que derrubou a monarquia brasileira o que lhe proporcionou uma rápida ascensão na carreira militar. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, "na sua fé de ofício, uma larga vivência nos sertões do Paraná, inclusive em missões oficiais, pois lhe coube também em 1892, promover a exploração através da floresta e o descortinamento, pela primeira vez, dos Saltos do Iguaçu" [39]. Além de ter realizado a viagem à Colônia Militar de Foz do Iguaçu *Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava À Colônia da Foz do Igassú em Novembro de 1892***,** também é autor, como já citamos anteriormente, de *Viagem ao País dos Jesuítas*, sendo que esta viagem foi realizada em 1896 na região de Villa Rica, onde hoje se situa o município de Fênix. Entretanto, o relato só foi publicado em 1975, por seu neto Andrade Muricy.

Logo no início de sua descrição da viagem à colônia de Foz, o autor expõe um dos motivos dos quais o levou a efetuar essa viagem, ressaltando que foi a mando da Comissão Estratégica do Paraná a fim de conhecer os sertões dessa região, mas também a fim de estabelecer uma conexão entre a Colônia Militar de Foz do Iguaçu e a cidade de Guarapuava, como podemos perceber abaixo:

> Estabelecidas as bases da futura colônia, tratou a Commissão de tornar francas as comunicações entre esse ponto e a cidade de Guarapuava, formando para isso turmas de trabalhadores, civis e militares, dirigidas por oficiciaes (sic). Essas turmas tinham por fim alargar e aperfeiçoar a

[39] MURICY, José Cândido da Silva. *Viagem ao País dos Jesuítas*. 1975. p. 5.

> picada feita pelo Dr. Fermino, construindo provisoriamente um caminho, perfeitamente viável por cargueiros. [40]

Nesse trecho ficam claros os objetivos desse viajante estabelecer contato entre a cidade de Guarapuava até a região Oeste da província, conhecer a região onde foi instaurada a colônia militar de Foz do Iguaçu. A viagem era, portanto, uma missão militar, levando mantimentos e dinheiro para a colônia, porém apresenta características e pretensões científicas, descrevendo a natureza, demonstrando a preocupação com a exploração econômica dessas regiões e a preocupação e inserção das inúmeras populações indígenas ao mundo do trabalho. As povoações existentes nessas regiões eram apenas de índios, sendo que quase não havia estradas por esses lugares, e conhecer a população indígena é o primeiro passo para quem deseja explorar a região. Então, o viajante segue o relato abordando as características de todo o caminho por onde passa, fala sobre o posto de Catanduvas, que foi construído com o propósito de socorrer trabalhadores, viajantes e a própria colônia se houvesse necessidade. Há ali a presença de índios Cayuás, pois estes servem de guia para viajantes e autoridades governamentais para conhecer lugares que ainda não são habitados pelo homem branco.

> Estes índios, originários do Paraguay, segundo colligimos, donde fugiram para evitar a perseguição do general Escobar, que primeiro chegou a Tacuru-Puçu, entranharam-se nos nossos sertões, e até agora alli tem vivido, mas muitos reduzidos já, pela cruel guerra que lhes movem os tigres e coroados.[41]

Conhecer e se familiarizar com os índios é uma forma de conquistar sua confiança, pelo fato de que os índios são os que melhor conhecem toda a região que interessa aos viajantes, tornando-se uma questão de interesse do viajante e estratégia militar.

Os relatos desses dois viajantes implicam em divulgar a região hoje conhecida como Oeste do Paraná. Visava à construção de estradas, ocupação territorial e populacional. Ë importante perceber como os viajantes estabelecem a idéia de progresso, e como essas pretensões estão ligadas com os objetivos do Império, que era

[40] MURICY, José Cândido da Silva. *À Foz do Iguassú – Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassú Em Novembro de 1892*. Op. Cit. p.47.
[41] Idem, ibidem, p. 48.

promover o povoamento dos sertões brasileiros, investir em engenharia militar de peso para "desbravar os sertões".

Tais relatos serão confrontados com os do engenheiro e escritor inglês Thomas Plantagenet Bigg Wither. (1845-1890) que foi publicado, com o título *Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná, Três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875*[42], e consta que tinha o propósito de anotar cuidadosamente suas aventuras no Brasil. Nasceu em 16 de outubro de 1845 e iniciou a faculdade de engenharia aos 20 anos de idade. Aos 26 anos se dispôs a integrar o grupo expedicionário *Paraná And Mato Grosso Survey Expedition*. A viagem resultou em um o livro, publicado em 1878, por meio do editor John Murray, de Londres, em que ele descreve suas experiências de três anos de vida em florestas e campos do Paraná entre 1872/75. Bigg-Wither veio para esta região como um dos expedicionários da companhia de engenharia supracitada.

A chegada ao Rio de Janeiro é narrada a partir do deslumbramento com as belezas da cidade maravilhosa, destacando-se as primeiras impressões da população brasileira, principalmente ao que se refere à relação entre brancos e negros. O viajante ressalta os pontos turísticos do Rio, bem como o Pão de Açúcar, a Baía da Guanabara, e assegura que "nenhuma cidade, capital de outra nação, ocupa posição tão central para o comércio com o Novo e Velho Mundo" [43]. Após a estada no Rio de Janeiro, Bigg Wither segue para Baía de Paranaguá, de onde parte para realizar uma minuciosa viagem pela Província do Paraná, passando por Curitiba, Antonina, Ponta Grossa, e outras cidades dessas regiões, depois pelos Campos Gerais, sendo que a partir daí foi guiado por Telêmaco Borba até a Colônia Militar de Jataí. E, embora não tenha percorrido toda a região que hoje compreende o Oeste, percorreu vários rios, como Tibagi e Ivaí, que passam pelo sertão paranaense, contribuindo de maneira significativa para o conhecimento da região, pois teceu considerações valiosas sobre o nativo presente nas margens desses rios. Além disso, abordou questões sobre possibilidade de se investir na imigração e principalmente sobre a população indígena.

Embora nenhum dos viajantes fosse cientista, os dois relatos de Muricy apresentam características e pretensões científicas, pois o que realmente predomina é o

[42] WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.
[43] Idem, ibidem, p. 8.

caráter investigativo. Além da experiência da descrição da natureza, tanto ele quanto Nestor Borba e Big Wither apontam o interesse econômico e político. Também a experiência com o outro, com o diferente, com o estranho – no caso, o indígena – é uma questão muito importante presente nesses relatos. Pensam nesse nativo enquanto alguém para ser civilizado, domesticado e aproveitado como força de trabalho.

Como perceber a noção de representação do viajante em relação à natureza, os motivos que os levaram a percorrer terras "desconhecidas", a forma como perceberam a população que encontraram nesses lugares, caracterizando o confronto com índios e negros a partir das práticas sociais? Segundo Mary Pratt "o relato de viagem, entre outras instituições, está fundamentalmente elaborado a serviço daquele imperativo; da mesma forma, poder-se-ia dizer que grande parte da história literária européia" [44], justamente para desconsiderar o fator de que o viajante não realiza a viagem pela viagem, e sim identificar os reais motivos que os levaram à realização da viagem e publicação dos relatos.

[44] PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru. SP: EDUSC, 1999, p. 31.

Capítulo 2:

As expedições Militares no Paraná: Nestor Borba (1876) e José Cândido da Silva Muricy (1892)

Segundo Cláudio DeNipoti, "as reflexões levantadas a partir de relatos de viagem foram incorporadas à tradição historiográfica brasileira juntamente com as tentativas, no século passado [XIX], de construção de uma história e, portanto, identidades nacionais, feitas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" [45]. Não apenas isso: muitos dos que empreenderam essas viagens e depois relataram eram membros do IHGB ou dos institutos regionais. Sendo assim, podemos acrescentar que alguns objetivos desses institutos se confundiam com os interesses das expedições realizadas na segunda metade do século XIX.

Alguns desses aspectos ficaram patentes no próprio ato de fundação do IGHB, no Rio de Janeiro, em 1838, entremeando geografia e história na constituição de uma história ao lado da própria constituição do território. Uma das primeiras edições da revista publicada pelo Instituto já trazia essa perspectiva na seguinte nota:

> Em sessão do conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, de 18 de agosto deste anno, leu o seu primeiro secretario, marechal Raymundo José da Cunha Mattos, uma proposta, por elle assignada e também pelo secretário Adjunto o cônego Januario da Cunha Barboza, para a creação de um Instituto Histórico e Geográphico Brasileiro, filial da Sociedade Auxiliadora, pedindo que se obtenha a necessária approvação da assembléia geral da mesma sociedade. Depois de larga discussão, foi acceita a proposta" Entre seus objetivos estavam este: Eis- nos hoje congregados para encetarmos os trabalhos do proposto Instituto Histórico e Geographico do Brasil, e desta arte mostrarmos as nações cultas que também prezamos a glória da pátria, **propondo-nos a concentrar, em uma literária associação, os diversos fatos de nossa história e os esclarecimentos geográphicos do nosso paiz, para que possam ser offerecidos ao conhecimento do mundo, purificados dos erros e inxatidões que os mancham em muitas imprensas tanto nacionais como estrangeiros**.[46] (grifos meus)

---

[45] DENIPOTI, Cláudio. Viagens, Viajantes e Quedas D'Água; As Possibilidades de Uma Série Documental .In: *MONUMENTA: Segunda Série*, Volume I, Número 4, 1998. p. 01.

[46] Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo I – 1 Trimestre de 1839 – N.1. p. 5 e 9.

Esses objetivos que justificam o empreendimento de inúmeras viagens ao interior do país, se fizeram presente ainda nos relatos, décadas depois. Há uma perspectiva de relatar para dar a conhecer, a partir da observação *in loco*, o que conferiria poder para fazer as proposições de ações a esse respeito. É importante, por um lado, ressaltar o caráter oficial das viagens realizadas por Nestor Borba e João Cândido da Silva Muricy, no sentido de que elas estavam ligadas ao processo de conquista levado a cabo pelo governo provincial. Nesse sentido, podemos destacar que os relatórios de governo que analisamos ressaltam esses objetivos – embora essas viagens não constem deles objetivamente. Dessa forma, podemos apontar algumas perspectivas que se confundem nos relatos e nos relatórios, e citamos como, exemplo, o relatório de 15 de fevereiro de 1875 do Presidente da Província Araújo Abranches:

> A Província é nova, os elementos de sua futura grandeza ainda agora começavam a ser explorados, e seria aspirar o impossível, querer vê-la transformar de arrebate iaveterados costumes, abdicar de rotina, e, enthusiastica e delirante, preciptar-se no vórtice do progresso. Se o Paraná não marcha a passos estugados, se não é o combatente aguerrido da primeira linha, elle não se há deixado ficar na retaguarda, não fora revel à chamada, e com suas irmãs empenha-se nessa cruzada que tem por fim a conquista da civilização.[47]

Esses elementos apontados também estão presentes nos relatos dos viajantes que analisamos. Apresentam a Província do Paraná como um território sertanejo que precisa encontrar o progresso e se tornar civilizado. Aparece muito claro nos relatórios a idealização de prosperidade, e a idéia de que nesse período o Paraná ainda não havia tido um grau de desenvolvimento como as demais províncias.

Porém para os governantes da época era importante destacar em seus relatórios a necessidade que o Paraná tinha de ampliar seu território, definir-se e defender suas fronteiras, tanto em relação às demais províncias como em relação aos outros países. Nesse sentido os relatos de viagem não são relatos apenas do espaço, mas também relatos das possibilidades e das necessidades de investimentos, como exemplo o problema da comunicação e segurança.

E, assim, as perspectivas dos relatórios, dos relatos e do próprio IHGB se entrelaçam: ao mesmo tempo, os presidentes da província evidenciam aspectos positivos do Paraná na busca desenfreada pelo "progresso", da mesma forma que eles

[47] Relatório de Província pelo Presidente Araújo Abranches, 15 de Fevereiro de 1875. Curitiba. p. 1.

aparecem nos relatos dos viajantes analisados, no sentido de conhecer as fronteiras e "desbravar os sertões". O IHGB, por sua vez, se manifesta publicando artigos que valorizam as terras brasileiras, incentivando o povoamento nas áreas que ainda não haviam sido colonizadas.

Em outro relatório provincial, agora do presidente Adolpho Lamenha Lins em 15 de fevereiro de 1876, afirma-se que "a província goza de inalterável tranquillidade... A população do Paraná é essencialmente pacífica e ordeira; o respeito à lei e ao princípio de autoridade é characteristico da índole geral do povo" [48]. Mostrar apenas os pontos positivos da província é uma forma de chamar atenção do governo imperial para esse território, visto que são comuns nos relatórios as referências à falta de dinheiro para se investir na construção do progresso regional. Os presidentes, de forma geral, alegam que se houvessem mais recursos financeiros, com certeza a província gozaria de uma situação mais cômoda, sendo possível investir em estradas que dessem acesso a lugares mais distantes, como as "fronteiras com o Prata" (referem-se às fronteiras com Argentina e Paraguai).

Entretanto, há algumas contradições: na citação anterior o presidente da província afirma que o Paraná goza de tranqüilidade, mas ao discorrer sobre a segurança pública ressalta a falta da força militar, principalmente nas regiões de fronteira. A fala final destaca a preocupação com a vinda de imigrantes e seu papel em relação ao desenvolvimento da colonização, e a necessidade de garantia da segurança para que esses objetivos pudessem ser alcançados. Podemos perceber isso no fragmento abaixo:

> Em uma província fronteira como esta, com duas repúblicas do Prata, com vasto território, sujeito ainda à invasão de índios, esta força é por insuficiente para as necessidades do serviço e garantia da segurança pública e individual... O corpo de polícia, dividido em destacamentos pelos diferentes municípios da província, mal chega para auxiliar as autoridades na repressão dos delitos, e não pode fornecer a força necessária para policiar a capital, que crescendo em população, principalmente estrangeira, precisa oferecer as melhores garantias de segurança individual e da propriedade, que como sabeis é um dos elementos necessários para atrahir a immigração e desenvolver a colonisação.[49]

[48] Relatório de Província pelo Presidente Adolpho Lamenha Lins, 15 de Fevereiro de 1876. Curitiba. p 10.
[49] Relatório de Província pelo Presidente Adolpho Lamenha Lins, 15 de Fevereiro de 1876. Curitiba. p. 15/16.

Isso é muito relevante, já que esses objetivos estão presentes na organização das viagens e nos seus relatos, e tanto Nestor Borba como José Candido Muricy destacam suas pretensões nesse sentido, deixando claro que não seriam elas meras viagens de reconhecimento, mas verdadeiras expedições militares, que faziam parte de estratégias governamentais e militares.

Podemos nos perguntar: o que representa uma expedição militar em pleno final século XIX? Por certo, representa autoridade e poder, e pensando no caráter oficial das viagens, o militar que as organiza assume um papel de "herói e desbravador". Além de lutar pela ordem de um espaço, está preocupado em defender e delimitar um território. Defender as fronteiras do Paraná fazia parte da missão estratégica desses militares, e como nossos viajantes acabam por assumir esses objetivos as viagens aparecem como possibilidades de expansão e domínio.

A fundação do IHGB no Rio de Janeiro, em 1838, incentivou a criação de institutos similares nas províncias e depois nos estados. No Paraná, deu-se a fundação do Museu Paranaense em 1874, quando Ermelino Leão era presidente da província, contando com a participação do general José Cândido da Silva Muricy e do engenheiro André Blaz Chalréo Junior. Primeiramente foi uma instituição particular, mantida por seus fundadores. Posteriormente em 1882, "o Decreto N.393 de 30 de dezembro de 1882 aprovou o regulamento do Museu Paranaense e o ano de 1883 assinala a sua incorporação à Província do Paraná como órgão público. O Desembargador Agostinho Ermelino de Leão, ausente do Paraná, o Doutor José Cândido da Silva Muricy foi nomeado Diretor do Museu" [50]. Essa instituição foi muito importante para a realização de estudos antropológicos e etnográficos da província e depois do Estado do Paraná. Todavia, no relato de Muricy, "Viagem à colônia militar de Foz do Iguaçu em 1892", o militar faz críticas ao governo, no sentido de que:

> ...podendo ter um importante e rico muzeu, possua um, mas um verdadeiro engeitado, tão pobre, tão desprezado, sem direção, principlamente tão mal organizado, ou por outra, completamente desorganizado depois da saída do seu desvelado director, o Desembargador Dr. Agostinho Ermelindo Leão, tendo até desaparecido d'elle, muitos e importantes objectos, que naturalmente foram enriquecer collecções particulares. [51]

[50] *Dicionário histórico-biográfico do Paraná* . Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991. p.307.
[51] MURICY, José Cândido da Silva. *À Foz do Iguassú – Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassú Em Novembro de 1892***.** In: Monumenta-Relatos de Viagem a Guaíra e Foz do iguaçu (1870 – 1920). Curitiba: Aos Quatro ventos, 1999. p.52.

Muricy chama a atenção, assim, das autoridades governamentais em relação ao descaso em que se encontrava o museu paranaense, até porque este havia sido fundado, na intenção de solidificar elementos característicos do Paraná. Isso seria um motivo para que se incentivassem expedições ao território, para, pelo menos, conhecer e coletar a fauna e flora paranaense, como ele mesmo argumenta quando fala do *Museu do La Plata*, "que lhe permitem enviar commissoes, para toda a parte, a procura de specimens, que lhes enriquecem as preciosas collecções" [52], já que gozavam de recursos para tal fim.

Em suma, argumenta que seria muito importante para o estado a valorização dessa instituição. Isso justifica a participação dos viajantes militares na busca por elementos que caracterizassem o Paraná e ampliasse sua importância deste diante do cenário nacional. E a natureza tinha um papel fundamental nesse período, pois era ponto de partida da política governamental de expansão do Paraná, primeiro para conhecer os sertões, e posteriormente para atrair a população imigrante, incentivando a colonização nas regiões onde ainda não havia núcleos de povoamento, e onde o poder militar ainda não havia chegado, (apesar do empenho do governo em criar os aldeamento indígenas, que era uma forma de estabelecer o poder e civilizar).

Ainda assim não podemos deixar de ressaltar que, da mesma forma que o IHGB contribuiu para a formação de museus como o paranaense, também incentivou as viagens para as regiões mais distantes dos centros urbanos, procurando conferir certo "caráter regionalista" à história do Brasil, que as pesquisas desenvolvidas engendravam. Como a fundação do IHGB e sua atuação no século XIX tinha caráter cultural e político ao mesmo tempo, visando traçar a identidade da nacionalidade brasileira e de incorporar os princípios de civilização européia ao Brasil, ou seja, "o velho mundo ao novo mundo", essas ações não se davam de forma integradora. Para Lilia Moritz Schwarcz o IHGB tinha por objetivo "construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos da fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos" [53], ou seja, unificar o país por meio do seu passado, no momento em que o Brasil estava marcado por disputas regionais como a Revolução

[52] MURICY, José Cândido da Silva. À Foz do Iguassú – Ligeira Descripção....Cit.p.52.
[53] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p. 99.

Farroupilha. A essa perspectiva nacional se somavam os interesses das diferentes províncias.

Embora o IHGB não tenha, diretamente, patrocinado as viagens de Nestor Borba, Telêmaco Borba e José Cândido Muricy, podemos ressaltar que Telêmaco foi sócio do IHGB e do Instituto Histórico, Geográfico do Paraná, fundado em 1899. Na verdade, o que é preciso destacar é que muitos dos viajantes, principalmente os estrangeiros, estavam atrelados a alguma instituição de pesquisa, pois estas possibilitavam as realizações, elementos geográficos e climáticos sobre a fauna e flora dessas partes do território. Portanto, não é uma oposição tão clara entre viagens para estudo e expedições militares que produziam os relatos objeto do nosso estudo.

Desde o início se nota, portanto, uma ligação íntima entre o IHGB e o aparelho de estado, mesmo quando essa ligação não fica realmente explícita, isso tinha se dado desde a fundação do instituto, pois, como ressalta Guimarães:

> ...um exame da lista dos 27 fundadores do IHGB nos fornece uma amostra significativa do perfil do intelectual atuante naquela instituição. A maioria deles desempenha funções no aparelho de Estado... profissionalizavam-se e percorriam uma carreira na média burocracia.[54]

Essa ligação dos institutos com o(s) governo(s) explica a própria organização dos institutos provinciais e estatais em torno do IHGB. Primeiro foi criada a instituição no Rio de Janeiro, capital do Brasil, levando-a a ser modelo para a formação de outros institutos, contribuindo para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambucano e para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, localizados em lugares estratégicos justamente por revelarem elementos regionais que pudessem interferir na política imperial e depois na da República Velha. A partir dessas perspectivas, e valorização desses elementos regionais foi que os irmãos Borba e o general Muricy realizam suas viagens, que eram de caráter regional, mas passavam a ter um significado nacional.

Curioso é que ao mesmo tempo em que o IHGB, ou melhor, que os representantes do instituto estavam preocupados em difundir uma História Nacional, houve uma grande "invasão" de viajantes estrangeiros interessados em pesquisar sobre

[54]GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Projeto de uma História nacional. In: *Estudos Históricos***.** No. 1, Rio de Janeiro, 1988: p. 09-10.

vários aspectos das terras brasileiras, e são justamente esses viajantes que vão incorporar nas páginas da Revista do IHGB, "relatos como de Saint Hilaire e Thomas Bigg Wither, [que] são desde então, referências constantes quanto à aquisição e produção de conhecimento sobre o país" [55].

O IHGB constituiu, assim, uma maneira estratégica de pensar uma identidade para o Brasil, e ao mesmo tempo, por meio de sua revista, mostravam preocupação em divulgar o Brasil. Dessa forma, algumas questões que estavam presentes nos relatos dos viajantes citados acima apontam nessa direção, como a defesa das fronteiras. Havia também, repetimos a preocupação em povoar os sertões do Brasil, desconsiderando as populações indígenas como se estes mesmos não existissem enquanto possibilidades de ocupação. Sabe-se que o IHGB tinha por objetivo escrever a História do Brasil, e que esse escrever estava pautado na história das suas elites, e, portanto, pautado numa tradição européia. A própria revista do IGHB publicou ao longo de sua trajetória no século XIX relatos de viagem, com olhar elitista voltado apenas para a conquista do espaço "inabitado". Como destaca Guimarães:

> E portanto, a tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB. A fisionomia esboçada para a nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidara de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras. [56]

Somente em 1899, então, foi fundado, realmente, o Instituto Histórico Geográfico do Paraná, estimulado por Romário Martins[57], e somente em 1948 o Instituto passou a se chamar Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, mostrando de forma muito clara a preocupação com as fronteiras e com a população indígena. Isso estava de acordo com a própria posição do IHGB, pois, conforme aponta Guimarães a partir de uma análise realizada sobre os conteúdos abordados na Revista do

[55] DENIPOTI, Cláudio. *Op. Cit.* . P. 02.
[56] GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. *Op. Cit.* p. 6.
[57] Romário Martins publicou um livro chamado História do Paraná e incentivou a fundação de um Instituto Histórico e Geográfico do Paraná nos moldes do Instituto Nacional. Este novo instituto teria como objetivo "coligir, estudar, publicar, e arquivar os documentos que servissem à historiografia do Paraná , promovendo a difusão do seu conhecimento pela imprensa e pela tribuna. Foram fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná: Romário Martins, José Bernardinho Bormann, Sebastião Paraná, Cândido de Abreu, Emiliano Pernetta, Dario Velloso, Júlio Pernetta, Nestor de Castro, Ermelino de Agostinho de Leão, Manuel Ferreira Correia , Lúcio Pereira, Jocelim Borba, José Muricy, Camilo Vansolini, Luiz Tonisse e Bento Fernandes de Barros. p.217 (Dicionário histórico – biográfico do Paraná).

IHGB, essas temáticas chegavam a ocupar aproximadamente 73% do que era publicado, quer em termos de fontes, quer em termos de artigos e trabalhos sobre "a problemática indígena, as viagens e explorações científicas e o debate da história regional", o que "atesta o peso deste complexo temático no projeto de escrita da história nacional" [58]. Questões indígenas ocupavam um espaço de destaque nos relatos de viagem, visto que faziam parte das discussões que envolviam as relações políticas, sociais e econômicas, uma vez que este tema se colocava como primordial na discussão sobre a construção da nação como um processo civilizador.

Nesse sentido, as viagens empreendidas por Nestor Borba e Telêmaco Borba obedecem a um roteiro que percorre a região norte da província até a fronteira oeste. Da mesma forma o General Muricy faz a rota do centro da Província até Foz do Iguaçu. Destacava-se nessa ação proposta para a viagem a possibilidade de construção de uma ponte que ligasse o Paraná ao Mato Grosso do Sul, bem como a valorização de algumas questões fronteiriças e de controle das populações indígenas, por meio da visita à colônia militar de Foz do Iguaçu e à Colônia Militar de Jataí.

Além disso, torna-se impossível pensar a própria construção da historiografia paranaense fora dessa definição do próprio império. O Paraná, na metade do século XIX, quando da sua emancipação como província, era considerado atrasado em relação ao progresso das outras regiões principalmente pela falta de estradas e caminhos que o pudessem ligar às demais partes do Brasil. A partir de 1853, portanto, colocava-se a necessidade de definir suas fronteiras e desbravar os sertões e construir caminhos. Não eram suficientes as ações dos viajantes que percorreram os sertões paranaenses desde o século XVI, tornando-se necessária uma ação mais efetiva nesse sentido por parte do próprio governo provincial. Nesse sentido situamos as expedições dos militares que citamos.

A partir da segunda metade do século XIX o objetivo do próprio império passou a ser explorar os sertões meridionais, o que incluía o Paraná; havia, portanto a necessidade de "desbravar os sertões", reconhecer fronteiras, até porque entre 1865 a 1870, na guerra contra o Paraguai, o Brasil se viu, enquanto Estado, ante a necessidade de consolidar seus territórios políticos e geográficos. Nesse sentido, travou-se uma luta em defesa do espaço territorial, dando ênfase a uma política de conquista de seus

[58] GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. *Op. Cit.*, p. 20.

próprios territórios, uma vez que fronteiras que até então não haviam sido totalmente definidas.

Os relatos provinciais nos ajudam a pensar um pouco da história que não está muito presente nos manuais e nos livros didáticos, principalmente nos mais tradicionais. Pensar os relatos dentro de suas especificidades e procurar interpretá-los torna-se uma forma de discutir a história por outro viés, e até por outro caminho: perceber que podemos enxergar a história não somente pelos acontecimentos políticos, mas considerar a importância desses outros documentos que deixam entrever disputas e convergências. Não quero deixar a idéia de que os viajantes são heróis ou desbravadores, como muitas vezes são apresentados nas páginas da história oficial, mas que eles mostram que o Paraná pode ser entendido fora dos limites do tropeirismo, das colonizadoras, da falta de uma identidade ou pelo próprio movimento paranista, mas que, ao mesmo tempo, pode ser entendido como uma região diferenciada, aos olhos de Nestor Borba, Muricy e Bigg Wither. As narrativas revelam um pouco dos viajantes, ou um pouco da *memória* desses viajantes, daquilo que eles viram ou imaginaram ver, e da relação deles com a sociedade, com os mecanismos de poder. Destaco, nos relatos dos militares, algo como um sentimento de "nacionalismo", em um país "privilegiado pela natureza" – e é claro a natureza também faz parte da nossa discussão enquanto uma possibilidade de ascensão territorial, social e política. Mas, o que nos interessa é um pouco da memória desses viajantes oferecendo novas perspectivas sobre o Paraná, nas entrelinhas dos relatos. Segundo Claudio DeNipoti:

> ...boa parte desses relatos, ao menos daqueles sobre novas terras, reflete uma atitude de encantamento para com a natureza, ao mesmo tempo que tenta ver formas de civilizá-la. Aliás, embora esses relatos buscassem descrever povos e terras a outros povos em outras terras, hoje, para o historiador, eles dizem mais sobre a cultura e a sociedade dos escritores/ viajantes, que sobre aquelas que eles buscavam descrever. [59]

Nesse caso, DeNipoti destaca uma importante discussão para nós historiadores e demais pesquisadores, pensar nos relatos de viagem não somente como fontes documentais de uma determinada região, mas como elemento denunciador das características de cada viajante, o que nos indica a necessidade de uma interpretação mais detalhada dos relatos.

[59]DENIPOTI, Cláudio. *Op. Cit.* p. 2.

Antes de adentrar na descrição da viagem vale ressaltar que analisamos o viajante e os relatos em sua individualidade, pois "o olhar, sabemos, não descansa sobre o plano amplo e espraiado que define um horizonte, mas procura barreiras e limites, perscruta suas diferenças e vazios... assim o olhar se embrenha pelas frestas do mundo na investigação dos obstáculos" [60]. A questão é que as narrativas inserem-se em um campo de possibilidades, em que cabe ao historiador desvendar os elementos tão significativos para a História, ou seja, com o exercício do olhar que os viajantes apresentam suas descrições. E é com esse mesmo olhar que devemos encontrar na origem das brechas o sentido desses documentos, podem ser entendidos no sentido segundo, Merleau Ponty, do "escoamento do inesgotável do tempo".

Nesse sentido, partimos para análise e compreensão dessas fontes, no que significam uma forma de entendermos as experiências de estranhamentos e o efeito do distanciamento entre nós e o momento em que estas fontes foram produzidas, e também sobre o distanciamento entre o viajante e o lugar de onde ele está falando, ou com relação às populações com que entra em contato. Embora essas fontes expressem seu caráter político, também está implícito o caráter pessoal de cada viajante, e isso é algo que não deve ser desconsiderado, pois estamos lidando com o que eles escreveram, com o que consideraram importante, o que significa ser uma parte do todo, não o todo. Isso sem esquecer que os viajantes dos quais estamos falando não o são por opção, mas estão ligados a uma rede de poder, como as suas relações com o Instituto Histórico Geográfico Paranaense e o Museu Paranaense.

Conforme Cardoso, a experiências das viagens é "freqüentemente atribuída à simples estranheza do entorno em que localiza o viajante, a sua posição em um meio adverso, cuja oposição, separação e 'distância' relativamente ao seu universo próprio o fariam sentir-se 'deslocado' ou 'fora do lugar'" [61]. É pertinente o posicionamento desse autor, pois nos ajuda a pensar como podemos perceber essas relações de distância e deslocamento nas narrativas, e ao mesmo tempo entende suas especificidade e sua contribuição para a historiografia, considerando o viajante em seu contexto social e o momento histórico em que teceu suas narrativas. O viajante se imbrica na grandeza do que enxerga, o que não significa que seja aquilo mesmo que ele descreve. Nesse sentido, ao perceber as viagens no tempo em que foram produzidas, isso leva ao

[60] CARDOSO, Sérgio. *O Olhar Viajante (Do Etnólogo)***.** In: NOVAES, Adauto...{ET AL}. *O Olhar*. São Paulo Companhia das Letras, 1988. p. 358-359.
[61]Idem, ibidem, p. 359.

seguinte questionamento: o que realmente nos revela a experiência desses viajantes? E qual sua contribuição para a historiografia?

2.1 Nestor Borba: Excursão ao Salto de Guayra ou Sete Quedas - 1876

A viagem intitulada "Excursão ao Salto de Guayra ou Sete Quedas", como já salientamos, foi realizada no final de 1875 e no início de 1876. Percorrendo por terra o caminho entre Curitiba e a colônia militar de Jataí, localizada próxima aos limites do município de Tibagi, seguiram de canoa, percorrendo os rios Tibagi, Ivaí, Paranapanema e Paraná, até as Sete Quedas.

Nestor Borba revela grande anseio de conhecer a região das Sete Quedas, e revela que conhecia os escritos de Felix Azara e de comissários portugueses, que percorreram essas regiões a fim de demarcar limites entre o Brasil e as possessões espanholas, "mas que, incompleta, não satisfaziam nossa curiosidade", o que o impulsionava a verificar o que havia de verdadeiro a esse respeito. Logo no início do relato, conta que comunicou o desejo de realizar a viagem "ao Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins, presidente da Província e Dr. Torinho, diretor da estrada de Matto Grosso" [62]. A partir desse momento Nestor Borba vai caracterizar os companheiros de viagem, os instrumentos que levaram para efetuarem pesquisas e conhecer a região que segundo ele ainda era desconhecida, destacando que levaram, além do pantômetro, uma "câmara" escura para tomar vistas".

A descrição segue falando das características do rio Paraná e os tormentos que uma viagem deste segmento podem causar aos seus viajantes, chuva, ventos fortes, correntezas. Esses obstáculos fazem o próprio viajante se auto-intitular como herói. Para ele não era possível realizar a viagem da maneira como se imaginava, e algumas paradas são importantes até mesmo para conhecer a região em que está viajando. No decorrer da viagem, seguindo as margens do Rio Paraná, Nestor Borba e seus companheiros passaram por uma região onde deságua o rio Itaquarahy e encontraram por ali umas ruínas de grande povoação:

> descrevemos para aqui o que a respeito descrevemos na nossa carteira de apontamentos ...Logo que cheguei ao Itaquarahy onde pretendia

[62] BORBA, Nestor. Op. Cit. p.21.

> almoçar, entrei no mato levando espingarda para caçar mutuns, que havia em abundância; a poucos passos encontrei as ruínas de uma povoação, conhecerem –se estas pelos montes de terras, regularmente alinhados; que com dificuldade se vêem por que nos lugares onde forma povoações, a floresta é tão espessa, como em outra qualquer parte; em nenhuma das ruínas nas costas do Paraná e de seus afluentes, que faziam da parte da província de Guayra, se viu vestígio algum de construção de pedra e cal; seus edifícios ou eram de pao a pique barreado, ou de taia..." E depois desta constatação fez a seguinte reflexão: "Será possível que lugares onde houve povoações importantes; e que floresceram o commercio, a lavoura e a civilização , que possuíam vias de communicaçcão terrestre e fluviaes, seja habitadas por selvagens e feras, e inteiramente desconhecidas?[63]

É importante destacar o roteiro realizado para perceber os objetivos que permeiam a expedição, tanto pela forma como expõe os aspectos de organização quanto pela maneira como descreve o espaço geográfico. Sobre sua chegada ao rio Paraná, Nestor Borba extasia com sua grandeza, visto que talvez nem todos estivessem preparados para apreender seu significado. Destaca:

> a primeira impressão, que sente-se ao comtemplal-o, é de espanto!Um camarada que nos acompanhava, homem rude e naturalmente insensível no admirar a natureza, depois de haver por alguns instantes, de bocca aberta, contemplando o quadro que tinha diante de si, disse com seu gesto, que lhe é familiar , e que exprime a maior admiração:- "Eh! Pucha...Diabo!...[64]

A partir deste momento, ele faz a descrição de toda a região próxima ao rio Paraná e seus afluentes e sobre a grandiosidade dos saltos encontrados, bem como, sobre a disposição do terreno em relação à idéia de construir uma ponte. Realizaram medições de várias espécies e de todos os lados na intenção de conhecer as especificidades daquele trecho. Segundo ele "no caso de querer construir ahi uma ponte, não se tem de calcular despesas com cabeceiras, porque lá estão ellas promptas, offerecendo a solidez necessária e uma fórma original. Agora vamos ver se podemos descrever o que encerra de belleza aquelle salto".[65] Para ele, a região, na grandeza e beleza dos seus acidentes, pode ser vista também oferecendo lugares, propícios para os projetos voltados para a construção de pontes e ferrovias. Portanto, ao contemplar a natureza ele intuía a possibilidade de um "progresso anunciado".

[63] Idem, ibidem, p.24.
[64] Idem, ibidem, p. 25.
[65] Idem, ibidem, p. 26.

Segundo a descrição, aproveitaram o tempo que tinham para conhecer as características da região, e principalmente saber se havia por ali algum tipo de povoação. Observando as terras próximas ao rio Paraná, Nestor Borba destaca:

> Entramos no Piquiri, que tem 140 metros de largo, pouco mais, ou menos, e 5 metros de fundo, e demora a légua e meia acima das Sete Quedas. As margens deste formosíssimo rio são altas e de paredões de grés vermelho; os terrenos adjacentes salubres e mui próprios para agricultura entre-tropical; abundantíssimas em caça, e extraordinariamente as suas águas. Saltamos em terra para almoçar e ahi appareceram 22 índios coroados, que os jatahi chamam de *cho rens* (homens bravos); os quais habitam em toda a região entre Piquiry e o Iguassú, a que denominaram *Paigueré.* Significaram-nos todo seu contentamento estes índios pela nossa presença naquelles lugares instando comnosco para que fossemos residir entre elles fazendo estabelecimentos , como os do Jatahy , visto não quererem elles mais hostilizar-nos.[66]

Como podemos perceber nos relatos acima, Nestor Borba descreve a natureza, os rios, suas margens, a fauna e flora, e situa as populações indígenas entre esses fatores "naturais". A descrição que ele faz dos "selvagens" tem algumas analogias com a feita por Caminha na Carta, séculos antes:

> Esses selvagens andam inteiramente nus, e só as mulheres cobrem a cintura com um panno que chamam chiripá. De tudo se admira esta pobre gente; tudo querem ver com uma curiosidade quasi infantil. Manifestaram grande contetamento em nos ver, e como lhes promettessemos ir habitar entre elles, instaram comnosco para si construírem casas, affirmando-nos que tinham muito peixe e caça para nos dar de comer. Demos-lhes os brindes, que levavamos com este destino.[67]

Por outro lado, seu olhar sobre a natureza é de espanto, frente à grandiosidade do que enxerga, mas fica clara a impossibilidade de "deixá-la como está". Assim, destaca a possibilidade de conhecer a natureza para poder "domesticá-la", e faz o mesmo com os índios: "adquirir-se conhecimento daquela grande zona de terrenos fertilíssimos, e atrair aquelles selvagens à catechese" [68]. Fala sobre a natureza como uma forma estratégica para falar de uma região que oferecia outras possibilidades, principalmente as questões de fronteira. Quaisquer conflitos que pudessem existir com relação às populações indígenas eram silenciados, pois o objetivo ao que parece, não é chamar atenção para

[66] Idem, ibidem, p. 27.
[67] Idem, ibidem, p. 28.
[68] Idem, ibidem, p.28.

elementos negativos, mas para aspectos positivos que pudessem incentivar a vinda de pessoas interessadas em "desbravar o sertão" e gerar riquezas. Portanto, apesar da existência de populações indígenas, essas só seriam consideradas "povoadoras" na presença de população branca na região.

Quando Nestor Borba descreve os tripulantes da viagem, destaca essa questão de forma clara: "organizada a mesma expedição que ficou composta de uma canoa grande, carregada de mantimentos, e de uma menor para a caça, tripulada por dez camaradas, sendo dous brazileiros e oito indivíduos Cayguás e Guaranys e mais dous coroados para nos servirem de interpretes" [69]. Embora referindo-se a suas etnias específicas o índio aparece como não-brasileiro, ou como ele acrescenta,"vamos levar na viagem brasileiros e índios", o viajante estabelece uma relação de estranhamento entre si e o índio.

O índio era entendido como um elemento de apoio indispensável para a realização da expedição, uma vez que o maior objetivo de Nestor Borba era realizar o reconhecimento do território entendido até então como "desconhecido", pelo menos em partes este ainda era um espaço a ser desbravado. Nestor Borba havia convidado seu irmão Telêmaco Borba para participar da viagem, visto que este último tinha larga experiência em viagens e já trabalhava na catequização dos índios no Aldeamento de São Pedro de Alcântara.

Mesmo que a viagem não tivesse esses objetivos, Nestor Borba não deixa de ter preocupações com a arqueologia do local. De sua vinculação ao instituto histórico narra que entrando na mata para caçar mutuns, encontrou "as ruínas de uma povoação" que percebeu pelo "montes de terra, regularmente alinhado. Percorreu o lugar certo de que passava por "ruas" e ruínas, no meio da deusa mata, para em seguida se perguntar: "Será possível que lugares onde houve povoações importantes; e que floresceram o commercio, a lavoura e a civilização terrestre e fluviais , seja habitadas por selvagens (sic) e feras inteiramente desconhecidas ? "[70].

Dessa forma, o olhar sobre a natureza não se distancia da visão de civilização (passado ou futuro). As glórias de um passado podem repetir-se, e as possibilidades de uma civilização anterior contrastam com o meio natural, composta pela floresta e seus habitantes (animais e "selvagens").

[69] Idem, ibidem, p.22.
[70] Idem, ibidem, p.24.

O relato de Nestor Borba foi republicado num folheto pela Casa Mont'Alverne no Rio de Janeiro em 1897, já no período republicano. Constava dele então um prefácio anônimo, enunciado na capa do folheto como sendo de "amigo do Paraná", seguido pelas "Notas e Considerações Gerais pelo Engenheiro inglês André Rebouças". Assim, o texto de Nestor Borba, "atualizado" pelas inserções feitas na publicação, ganha um novo sentido. O prefaciador, em primeiro lugar, estabelece uma continuidade entre Império e República no que diz respeito ao Paraná para justificar a publicação:

> O Paraná no que se respeita aos benefícios e melhoramentos, foi sempre favorecido pelo Império e modernamente o governo da República emprestou-lhe duas mil apólices da dívida pública de conto de réis cada uma, com o fim do estado organizar as suas finanças.[71]

Destacando que o Paraná é um dos "mais favorecidos pela natureza" em função do clima e das riquezas naturais; destaca o empecilho ao progresso:

> O Paraná, como geralmente o Brazil, é embaraçado no desenvolvimento do progresso pelo atrazo. Devido à falta de população, que possa rotear os campos e activar-lhe a produção... Resulta desse estado de atrazo que ainda o Paraná não possue uma certa classe de homens, bem preparados com a instrucção especial e experiências dos negócios, para desempenhar certos misters, quer de ordem pública quer de ordem industrial,etc.[72]

Ou seja, retomava-se a idéia de "civilizar" para "ficar em pé de igualdade com a Europa no que se refere ao cotidiano, economia, idéias liberais etc." [73], e isto seria privilegiado nas décadas posteriores.

Segundo a data da primeira publicação de 1876, Borba apresenta questões sobre o reconhecimento do território paranaense diante do cenário nacional, a preocupação com a nacionalização das terras, e o próprio interesse em estabelecer comunicação com a população indígena, isso no período do Império. Já o prefaciador se refere primeiramente à situação do índio no Paraná, ressaltando a situação dos índios "botecudos" (botocudos):

> ...pode-se admitir que, à excepção de dous pontos no Paraná e em Santa Catarina, onde existem alguns grupos de selvagens botecudos, os quais fugiram das margens do Mucury – quando alli a collonia de alemães foi estabelecida pelos esforços do honrado e exemplar patriota Theophilo Ottoni – 1849 a 1850 – e seguiram a serra do mar até Santa

[71] Prefácio, MONUMENTA: Segunda série; Curitiba, Volume 1, Número 4 – Primavera, 1998. p.14.
[72] Idem, ibidem, 14.
[73] HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messender. *A invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

> Catarina entre o Rio Negro e as cabeceiras de Itajahy, todos os indígenas coroados , Guaranys e Cayoás estão no Paraná, mansos e domesticados, conforme por lá mesmo se diz.[74]

Segundo o prefaciador, os índios botocudos fugiram da região do Rio Mucury, em Minas Gerais, para Santa Catarina, mas o detalhe é que esses índios foram expulsos por serem considerados os índios mais ferozes dessas regiões. Por outro lado ele fala sobre a situação dos índios Coroados, Guaranys e Cayoás, que viveram no Paraná "mansos e domesticados". Nesse momento, o prefaciador dá alguns indicativos de que essa população foi civilizada, porém a catequese não foi suficiente para torná-los trabalhadores de fato, ele destaca da seguinte forma: "nós, que muito desejamos ter o Paraná prospero e felliz, lamentamos o abandono e descuido completo dos infellizes indígenas, que são os legítimos brazileiros, nascidos do solo, os quaes, d'este muitos annos mansos, podem ser vantajosamente aproveitados em serviços úteis" [75]. Esta preocupação com o aproveitamento do trabalho indígena aparece como forma de fazer prosperar o Paraná, vem ao encontro do incentivo que este prefaciador faz em relação à imigração, como possibilidade de transformação da província.

A proposta da imigração aparece muito forte neste prefácio, e não é só uma preocupação de Borba, mas a relação que estabelecemos é no sentido de pensar questões como ocupação e nacionalização das terras. Enquanto Borba pensa no conhecimento dos rios e das regiões que pretende conhecer e levar isso até a administração da província, este prefaciador está pensando em como a imigração pode contribuir para o desenvolvimento da região, pois:

> a porção de indígenas, com quanto possa augmentar a população existente, de certo não é suficiente para cultivar e habitar tão extenso território; segundo porque a immigração é muito conveniente sob vários pontos de vista, já para augmentar e cruzar a raça e melhoral-a no intelectual, já porque os immigrantes trazem o ensino das indústrias e cultura de paizes antigamente civilizados.[76]

A maior preocupação do prefaciador é com o branqueamento do povo paranaense, a proposta do "índio branqueado", integralizando-o na civilização do branco, em uma sociedade mais ampla, pois dessa forma o indígena iria desaparecendo

[74] Prefácio, MONUMENTA: Segunda série; Curitiba, Volume 1, Número 4 – Primavera, 1998, p.15.
[75] Prefácio....p.15
[76] Prefácio, p.16.

e sendo inserido na sociedade, perdendo suas principais características e sendo transformado em índio trabalhador, domesticado, civilizado.

De certa forma, o interesse pelo desenvolvimento do Paraná tem relação com as outras províncias, mas por outro lado representa uma justificativa para as expedições militares na segunda metade do século XIX. Nesse sentido, as expedições militares podem ser entendidas como uma campanha em busca de riqueza, camuflado pelo sonho de progresso, deixar de ser considerado um local lembrado pelo atraso, mas que atraso? Em que sentido os historiadores entendemos esse conceito? É muito relativo falar de atraso, justamente no momento em que precisa defender as fronteiras territoriais desse espaço, pois se podemos assim dizer, essas fronteiras não eram ameaçadas somente por argentinos, paraguaios e uruguaios, pela comercialização da erva-mate e da madeira, mas ameaçados pelos conflitos com as populações indígenas.

Havia uma elite disposta a povoar o Paraná lamentando a vida que levava o índio e como ele era "primitivo" o que justificava a idéia de civilizá-lo, e torná-lo trabalhador, de acordo com a proposta do branqueamento da população por meio da miscigenação. O imigrante traz consigo o conhecimento da disciplina do trabalho, e o cruzamento da raça faria com que o índio aos poucos fosse adquirindo outras características predominante do branco. A questão indígena é pertinente nos relatos e merece destaque, como veremos posteriormente.

Como podemos observar, as questões que se fazem presente com mais intensidade no relato de Nestor Borba estão referindo-se ao reconhecimento do espaço por meio de medições e pela forma como expõe o índio. A partir daqui vamos ressaltar aspectos sobre a viagem de Muricy e quais as contradições e diferenças que divergem os relatos dos dois militares, datados de períodos diferentes.

2.2 José Cândido da Silva Muricy: Viagem À Foz do Iguassú - Ligeira Descripção de uma viagem feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassú em Novembro de 1892.

O motivo ao qual levou o General José Cândido da Silva Muricy, a realizar a expedição até a Colônia, estava paralelamente relacionado com as questões da

Comissão Estratégica do Paraná, que estava preocupada com a abertura de picadas no sertão paranaense, como podemos analisar abaixo:

> Forçado pelas exigências do serviço da Commissão Estratégica no Paraná, da qual fazíamos parte, a de empreender a penosíssima viagem à colônia da Foz do Iguassú, atravez de aspérrimo sertão, o maior e o mais bruto do nosso Estado, tivemos a felicidade de fazer algumas observações, que desejamos se tornem conhecidas dos nossos patrícios, pois elles, mais do que ninguem, interessam. [77]

A expedição foi empreendida por solicitação da Comissão de Estradas Estratégicas, a fim de supervisionar um grupo de trabalhadores (civis e militares), que estavam incumbidos de abrir picadas que ligassem o sertão paranaense à região dos Campos Gerais. O dever dessa comissão era manter bem abertas as estradas que ligassem a colônia militar, visto que sua fundação foi efetivada em 1892, e o objetivo era manter a ordem e tornar este empreendimento um sucesso para o Estado do Paraná. Gilmar Arruda ressalta que "as ações de (re) ocupação dos denominados sertões eram motivadas pelo imaginário de um processo mais amplo que atingia toda a sociedade brasileira: a montagem do "estado-nação moderno" [78], e o relato se identifica por meio de sua ação integradora a partir de seu próprio território, uma vez que suas ações são traduzidas a partir do desenvolvimento da força militar, promovendo também novas possibilidades de inserção social do índio. Não apenas o reconhecimento de um sertão desconhecido, mas a definição de limites e caminhos, afirmação do território a partir da viagem atrelada aos objetivos da Comissão Estratégica:

> A cargo da Commissão Estragética, entre outros trabalhos, estando a fundação de uma Colônia Militar na foz do Rio Iguassú, foi encarregado desta penosa e árdua missão, o inteligente e ilustrado Dr. José Joaquim Firmino, que conseguio desempenhal-a do modo o mais satisfatório possível, tendo passado por privações e por provações extremas, n'sses enormes e inóspitos sertões .

Muricy refere-se à região oeste como sertão, porém este sertão já não é mais um sertão vazio; ele fala de uma região em que houve o reconhecimento pelo homem, pois a viagem é realizada pela Estrada Estratégica, que estabelece ligação entre a colônia militar de Foz do Iguaçu e a cidade de Guarapuava. Ele destaca a necessidade de uma estruturação dessa região, justamente porque a preocupação maior é com a fronteira,

[77] MURICY, José Cândido da Silva. "Ligeira Descripção... Op. Cit. p.47.
[78] ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: Edusc, 2000.p. 99-100.

construção de estradas, ferrovias, telégrafos, etc. Podemos compreender melhor essas questões com o auxilio de Laura Maciel:

> Compreendendo o sertão do país como um vasto espaço vazio, em branco, habitado por populações ainda "arredias à civilização", que representavam barreiras ou limites ao avanço da República, os engenheiros militares ligados à Comissão Rondon defendiam a necessidade de ocupar esses espaços e dilatar as "fronteiras da Pátria" como um dever do estado a ser conduzido pelo exército "as forças armadas da nação. [79]

A Comissão Rondon tinha por principal preocupação a incorporação de territórios, demonstrando a necessidade de manter o controle sobre a população nas regiões de fronteira, sob o lema da "conquista pelo sertão". Assim, como o telégrafo e as ferrovias eram objetivos de Rondon, para Muricy a Estrada Estratégica era a princípio a melhor forma de estabelecer comunicação entre o centro do estado e a colônia militar, justamente para levar a autoridade governamental a todo o território paranaense. O que ele estava propondo também era a nacionalização das terras paranaenses, agora pela presença da força militar.

Muricy atribui à natureza um papel de destaque, e segue o relato abordando as características de todo o caminho por onde passa, falando sobre o posto de Catanduvas, que foi construído com o propósito de socorrer trabalhadores, viajantes e a própria colônia se houvesse necessidade. Há ali a presença de índios Cayuás, pois estes servem de guia para viajantes e autoridades governamentais para conhecer lugares que ainda não são habitados pelo branco:

> Estes índios, originários do Paraguay, segundo colligimos, donde fugiram para evitar a perseguição do general Escobar, que primeiro chegou a Tacuru-Puçu, entranharam-se nos nossos sertões, e ate agora alli tem vivido, mas muitos reduzidos já, pela cruel guerra que lhes movem os tigres e coroados.[80]

É importante analisarmos a preocupação de Muricy em descrever o índio, a partir de suas especificidades, suas tradições e costumes, sujeitando-se a relações de amizade para "conquistar" a confiança dessa população, e assim por dizer estabelecer os objetivos de civilizar e domesticá-lo:

---

[79] MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a Conquista Ordenada dos Sertões: espaço, telégrafo e civilização.* Projeto História: São Paulo (1981)- São Paulo: EDUSC, 18. maio. 1981.p.168.

[80] Coroados: "sua verdadeira denominação é Caigangs, matam os homens para roubarem suas mulheres, que acham muito bonitas". (48). MURICY, José Cândido da Silva. "Ligeira Descripção... Op. Cit. p.48.

> Em estado selvagem que nesses sertões vestem-se com chiripás, tecidos com fibras de urtiga selvagem que n'esses sertões atingem a proporções de arvores, a imitação dos índios Chiripás do Paraguay, ou com um cinto do mesmo tecido,com uma facha, que, passando por entre as pernas, vae se prender outra vez no cinto atraz, como usam os índios Caiguás do Paraguay.
>
> Adoptam a polygamia, podendo cada índio ter 5,6 ou mais mulheres, sendo as meninas ao nasceram, designadas para mulheres, d'estes ou d'aqules, que as criam até a puberdade, que é quando passam a ser mulheres. As mulheres, desde que ficam grávidas e até 1 ou 2 annos depois de nascimento do filho, desligam-se dos maridos. Respeitam religiosamente os parentescos de pais e irmãos e o princípio da autoridade, representado por chefe, a quem chamam Guruvicha e que então era o muito digno Major Paraná (tucandahy)". [81]

Em outro momento do relato, descreve a passagem do tenente Pessoa de Mello, em uma aldeia indígena, para conhecer as tradições indígenas, praticando os costumes a fim de catequizá-los "foi sujeitando-se a estas e outras demonstrações de amizade dos índios e até com elles comendo o tambu ou bucu, que este humanitário e distintíssimo collega conseguio cathechisal-os. Trabalhavam esses índios para a Commissão, ganhando em troca roupa, fumo e alimentação, único pagamento que aceitam, porque o dinheiro para elles não tem valor" [82]. Essa é a perspectiva interessante do viajante, uma vez que primeiro ele destaca a experiência do tenente Pessoa de Mello em inserir-se na tribo, e depois salienta o fato dos índios trabalharem e não aceitarem dinheiro. Essas questões sobre a necessidade de conquistar o nativo demonstram os objetivos de proteger as fronteiras do país, pois a construção de uma colônia militar está relacionada com o fato de delimitar a fronteira, e (re) ocupar o espaço habitado pelos índios.

José Cândido da Silva Muricy, por outro lado, não era somente um viajante, mas antes disso era capitão, um militar, tinha ligação direta com a fundação do Museu Paranaense, e estava atrelado à elite paranaense, e fazia parte dessa elite; havia participado do golpe militar que derrubou o Império. Sendo assim, é característico do militar o fator dominante e de interferir no espaço que se pretende "conquistar" ou dominar.

Mais à frente o viajante descreve algumas características do Oeste do Paraná:

> As terras como, dissemos, cobertas por uma vegetação abundante são de uma uberdade assombrosa, e desde que se entra no sertão até que se chega ao majestoso Paraná, se é forçado a admirar a riquíssima flora, e a invejável fauna dessas regiões , que são a continuação, para o sul dos sertões dos valles do Paranapanema, Ivahy, Piquiry, Cinzas e outros e que constituem a zona

[81] Idem, ibidem, p.48 e 49.
[82] Idem, ibidem, p.49.

> mais rica, mais fértil e de mais futuro de todo o Paraná e, sem receio de errar, do sul da Republica Brazileira .
>
> O pinho, que abunda nas restingas e matto próximos aos campos (sic), quase desapparece no sertão, encontrando – se um ou outro, perdido no meio dessas florestas seculares onde a peroba-rosa, o cedro, o monjolo, a cannafistula e muitas outras, erguem seus robustos troncos, fazendo-lhes vantajosa concurrencia, na grossura e na altura.
>
> A enorme e variada quantidade de plantas medicinaes que existi em todo o Brazil e que por suas propriedades deviam merecer um serio exame, um detido estudo, deixa-nos admirado pelo grande desenvolvimento que adquirem nessas ferteis regiões.
>
> A mineralogia é tão bem representada como a botânica e a zoologia. Por entre o Diolaze ou Diorito que constitue a parte rochosa de quasi todo o Estado do Paraná, encontra-se pelo caminho e suas proximidades o cobre e o ferro , sob a forma de oxydos, ou no estado nativo, escravando nas pedras, nos rolados dos terrenos de alluvião e nos leitos dos rios.[83]

Ponto comum nos dois relatos é o elemento natureza, que sempre é usado como um pano de fundo para falar das qualidades das regiões visitadas. A natureza no século XIX tem papel de destaque nas descrições, justamente por se dar muita ênfase na busca pelos sertões. Na verdade, a natureza aparece como possibilidade de nacionalização das terras e administrar as populações, civilizar o sertão e ao mesmo tempo defender as fronteiras, lutando contra a "guerra do atraso". Dessa forma, podemos entender os relatos como memória construída, e os elementos naturais é a solução para justificar essa construção e alinhar aos outros objetivos. Além da natureza, os índios, às vezes denominados selvagens, e também de bugres "– bugres affirmavam a existência do ouro, da prata e de pedras preciosas, nos leitos dos rios" [84], - também terá um forte interesse para o viajante a descoberta de riquezas e pedras preciosas na região oeste do estado. E, ainda se referindo às riquezas do estado, para Muricy:

> quantos produtos, quão variada quantidade de insetos e plantas poderiam figurar em nossos museus, si o governo os quizesse auxiliar convenientimente, e se ellas adoptassem o systema do de La Plata , que apesar dos poucos annos que tem de existência, pois foi creado em 1884, possue rendas próprias, de oficinas impressoras e photographicas etc...[85]

Aqui o viajante esta falando do descaso do governo em relação ao museu paranaense, que poderia ser muito mais estruturado se houvesse organização de um

[83] Idem, ibidem, p. 50 e 52.
[84] Idem, ibidem, p. 52.
[85] Idem, ibidem, p. 52.

diretor responsável e comprometido com essa questão. Ao mesmo tempo, está chamando a atenção do governo para outras questões, usando como enfoque a natureza: o Museu pode ser entendido aqui como uma abertura para outras discussões, como a atitude preservacionista a partir da construção de coleções representando a fauna e a flora.

Muricy descreve a fauna e a flora, destaca a elaboração da representação da natureza, a partir de características especificas. A descrição deste lugar vem carregada de muitos significados, e às vezes a descrição não fala por si só. Aparecem casos de animais selvagens que roubam filhos de suas mães, como também o destaque de que anta, porco do mato, e tatêtos (?) encontravam-se em abundância por todo o caminho que descreve, e próximos aos rios grandes quantidades de pacas, capivaras, bandos de macacos, bugios, quatis entre outros. E um ponto que Muricy destaca é o fato desses animais serem perseguidos por tigres e índios, havendo bandos em grandes quantidades e não muito ariscos. Como foi dito, havia por essa região uma grande quantidade de tigres, em quase todo o sertão paranaense e:

> nos índios Cayuás, de que já falamos, salvo pequenas excepções, pode-se garantir que todas as mortes que tem havido, provieram dos coroados, seus ferozes inimigos e dos tigres principalmente, que tem chegado a roubar creanças dos braços de suas mães, sentadas ao redor do fogo, dentro dos toldos e no meio dos outros índios. Na colônia militar da Foz, há um bugrinho Cayuá, filho do guruvícha Paraná que apresenta no corpo horrorosas cicatrizes de feridas produzidas por meio de um tigre, que tentou tira-lo dos braços de sua mãe, nas condições acima ditas e que foi morto a pau e a flechadas , pelo próprio chefe Paraná [86].

> Como dissemos, ao sahir-se de Guarapuava, para Foz do Igasssú, segue- se o rumo geral de Leste – Oeste, atravessando-se os campos de diversas fazendas e algumas restingas, até o Xagú. Este lugar foi uma antiga fazenda, muito perseguida pelos bugres coroados, que capitaneados pelo major-coronel, seu antigo chefe, substituído pelo major-coronel, seu antigo chefe, substituído pelo seu, Jong-Yhô mataram onze pessoas de uma só vez e na mesma casa. Quando por alli passamos era um posto da Commissão Estratégica, com um deposito de gêneros creado para socorrer as turmas do Pequery, os empregados da commissão em viagem e também a própria colônia do Igaussú. Tinha animaes para o reveso dos viajantes e das tropas, uma boa casa para o encarregado, mangueiras, etc.[87]

[86] Idem, ibidem, p 55.
[87] Idem, ibidem, p 58.

Ao mesmo tempo em que descreve os animais, também ressalva os conflitos indígenas entre diferentes tribos, ou seja, o índio é mostrado por Muricy pelo prisma do conflito. O posto da Comissão Estratégica tem o objetivo de estabelecer a ordem, em que o maior problema é a natureza e o território. A viagem está relacionada à tentativa de defender as instalações da Colônia Militar de Foz do Iguaçu na região onde hoje conhecemos por oeste do Paraná, a fim de proteger as fronteiras territoriais do Paraná e promover povoamento. Porém, havia dois problemas: um estava relacionado ao fato da colônia estar localizada em uma região longe dos centros urbanos, tornando o acesso extremamente difícil. O outro, é que a colônia foi fundada no final do século XIX, período de transição política de Império para República. O que explica o ato de realizar a expedição, ou seja, a necessidade de valorizar as terras paranaenses, e também o fato de Muricy se preocupar em descrever a terra, a natureza, o índio e a situação econômica do estado, como por exemplo, a desvalorização do dinheiro brasileiro.

Nesse sentido, o autor fala sobre elementos mais específicos da expedição, em relação a si próprio, ou seja, é uma forma do viajante se colocar como desbravador, corajoso. Enaltece os momentos de gloria e de dificuldades "será extenso e fastidioso enumerar as peripécias d'esta viagem à Foz do Iguassú" [88]. O fato é que Muricy fala sobre o dinheiro que a Comissão Estratégica enviou para realizar a viagem, segundo ele o dinheiro brasileiro valia muito menos que o paraguaio e o argentino. Nesse caso, percebe-se que a Comissão não conseguia mandar dinheiro para a colônia por que quase não tinha para si mesma. Para Muricy:

> Tal era a má vontade de todos, para essa Commissão, a qual o Paraná tanto teve, que além de não lhe darem o dinheiro necessário, moviam-lhe uma guerra surda, incomprehensivél. Fomos muitas vezes portadores de dinheiro para a Commissão, que mal dava pra pagar as despesas feitas, de modo que privava de trabalhadores civis. Ella era obrigada a apresentar o trabalho que produziam pequenas turmas de soldados, que assim mesmo por muitas vezes foram retirados, ficando em sérios embaraços.[89]

Nesse caso, ele chama a atenção do governo para as riquezas do Paraná, pois possuem maravilhas da natureza incalculáveis, inexploradas pela falta de dinheiro, e aqui a natureza é entendia como possibilidade pois para ele "é a colônia um dos pontos, senão o ponto de mais futuro commercial, que o Brazil possue em suas fronteiras com o

[88] Idem, ibidem, p. 59.
[89] Idem, ibidem, p. 62.

Paraguay e Republica Argentina". Era importante ter dinheiro para investir em infraestrutura na região para seu possível desenvolvimento e também diálogo com outros países vizinhos e, como propõe Muricy, estabelecer uma segura fiscalização em suas costas. Para Muricy, após tomar algumas providências a respeito desta questão financeira e falta de recursos "temos certeza, será a colônia a rainha dessas paragens, e o centro commercial mais importante de todo o Alto Paraná, assim como sentinella sempre alerta, um obstáculo anteposto a inimigos prováveis" [90].

Nesse sentido, essa preocupação de Muricy tem relação com os escritos do prefaciador (citado acima), pois os objetivos desses militares têm um ponto comum: chamar a atenção do governo para pontos estratégicos, e ao que tudo indica não há uma administração responsável que se interesse pelos sertões do Paraná, para que tenha uma administração comprometida com desenvolvimento do Paraná.

A chegada à colônia do Iguaçu, segundo Muricy, é a parte mais importante do relato: "temos pressa de concluir, não só para não fatigar os leitores, com a leitura de tão mal escriptas quão fastidiosas linhas, como para entrar na parte mais interessante de toda a viagem e pela qual concluiremos" [91]. O relato faz uma descrição de toda a região da colônia militar desde a fauna ate a flora, espessura dos rios, onde começa e termina as fronteiras com o Paraguai e Argentina, características bem significativas do solo, sempre ressaltando a idéia de terra fértil e rica e acaba descrevendo impressões psicológicas sobre as Cataratas do Iguaçu: "parece-nos que somos às vezes violentamente sacudidos, que nos levamos sensivelmente do solo, ou que este foge repentinamente de baixo dos nossos pés e que somos precipitados no abysmo" [92].

Esta parte do relato possui uma rica descrição de todos os saltos inclusive do lado da Argentina. Acreditamos ao evidenciar com tamanha expressão os saltos, o relato tenha a pretensão de seja de valorizar com rigor esta região do Paraná, já que nesta parte do relato não está presente nenhuma descrição sobre a população da colônia. Temos aqui algo que propõe uma discussão pertinente para a pesquisa, perceber como o viajante se coloca diante do novo, do desconhecido e como ele olha para fronteira seja ela territorial, mas principalmente o que separa esse viajante do "progresso e desenvolvimento" que está tão claro e nítido em sua fala e em suas considerações a

[90] Idem, ibidem, p. 65.
[91] Idem, ibidem, p. 67.
[92] Idem, ibidem, p. 76.

respeito de todo local dos saltos (aqui ele está se referindo aos de Santa Maria), pois foram realizadas medições de todo o local. Qual interesse estava implícito nessa ação? Pode ser considerada uma ação política?

Muricy fala de outros viajantes que foram conhecer os saltos, mas conheceram apenas o lado argentino e de tão longe que não conseguiram perceber a amplitude de todos eles. Os que mais se aproximaram foram San Martin, fotógrafo paraguaio e José de Blosset. Ele termina o relato falando ainda dos saltos de Santa Maria, aliás, dos saltos do lado argentino, com descrições bem específicas da natureza, sempre colocando essa natureza como possibilidade de transformação do espaço.

Este relato expressa questões relacionadas à importância da colônia militar como ponto de ligação entre o "civilizado" e o "não civilizado", e principalmente a fronteira como ponto de controle deste território.

O século XIX, como já foi dito anteriormente, foi um momento para a província do Paraná muito importante para definir suas fronteiras, estabelecer seu território diante do país e das outras províncias. A partir dos relatos de viagem podemos discutir vários elementos como a construção do "progresso" no território indígena ocasionando muitos conflitos, as demarcações de terras ainda no final do século XIX, a conquista pela fronteira, elementos importantes que estão sendo discutidos ao longo desta pesquisa. Mas, na verdade, o grande objetivo é mostrar que esses relatos em específico fazem parte da História do Paraná, que as expedições militares de Nestor Borba, Telêmaco Borba e José Candido Muricy contribuíram direta ou indiretamente na luta pela fronteira, estabelecendo um confronto entre a "civilização" e o índio, que causa um verdadeiro desencontro e grande conflito social.

Para José de Souza Martins, fronteira nesse caso "é essencialmente o lugar da alteridade. (...) à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferente razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados do outro; como grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro" [93]. O autor nos ajuda a pensar como o viajante se preocupa em descrever esse "selvagem" e de que forma descreve seus próprios interesses. Na verdade a fronteira não é o destino da viagem, mas o objetivo dessas expedições militares no caso, por exemplo, de Nestor Borba, era conhecer o território de fronteira civilizar os que viviam nessas regiões como

[93]MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A Degradação do Outro nos Confins do Humano*. São Paulo: Contexto, 2009. p.133.

norte e oeste do Paraná, demarcar a fronteira ou território era importante, mas antes disso era conhecer o outro e estabelecer relações de alteridade indispensáveis para atingir os objetivos da viagem.

O que podemos entender como elementos característicos dos dois relatos é justamente a discussão sobre fronteira, pois os dois, embora apresentem aspectos diversos, estão relacionados aos problemas sobre fronteira. A frente de expansão reflete sobre o lugar e o tempo da alteridade, ou o limite entre civilizado e não civilizado. O fato é que, assim como o "explorador" tem sua interpretação a respeito do índio, este por sua vez também faz sua interpretação a respeito do homem branco, sendo que ambos consideram-se donos da terra. Nesse sentido, nossa discussão compartilha a idéia de que a terra é antes da alteridade a maior responsável pelos conflitos entre brancos e índios, que para José de Souza Martins "a teoria da fronteira é, no meu modo de ver, basicamente um desdobramento da teoria da expansão territorial do capital" [94]. As viagens representam uma parcela dessa expansão territorial, e principalmente contribui para a historiografia novas perspectivas de compreender a história do Paraná no âmbito nacional.

A publicação do texto de Nestor Borba vem acompanhada de uma introdução precedida por um autor anônimo que se intitula "amigo do Paraná", mas que neste texto iremos tratá-lo como Prefaciador. Além desta introdução, o relato também vem acompanhado de considerações escritas pelo Engenheiro André Rebouças, uma figura importante, pois trabalhava com questões voltadas para o abolicionismo, visto que sua formação foi realizada na escola militar.

Alexandro Dantas Trindade, em sua tese de doutorado defende a idéia de como é possível a "diferença entre as perspectivas modernistas e reformistas e como estas podem ser explicadas recorrendo-se ao contexto de crise da sociedade escravista e das instituições monárquicas" [95]. Rebouças tem um papel importante dentro da sociedade brasileira, pois de origem negra foi ao lado de Machado de Assis e Olavo Bilac, um dos grandes representantes da classe média e muito eficaz em prol da abolição da escravatura. O que nos chama a atenção são elementos de modernidade que Rebouças traz para a sociedade brasileira em plena monarquia. Desta forma, destaca-se no folheto

[94] Idem, ibidem. p.157.
[95] TRINDADE, Alexandro Dantas. *André Rebouças da Engenharia Civil à Engenharia Social*, Campinas 2004.

que acompanha o relato de Nestor Borba, a "penúria de nossos recursos actuais, foi muito custo e fazendo grande violência à imaginação, que conseguimos esboçar, mui toscamente, idéias, que se referem ao Brasil no apogeu de sua properidade"(31). Logo no início de seu relato ele já aponta indícios dos motivos que o levaram a escrever esse folheto, e o sonho da prosperidade não apenas para o Paraná, mas para o Brasil. Ele chama a atenção para buscar uma identidade para a sociedade brasileira a partir de suas riquezas, veja que "no entanto, por isso mesmo que é muito grande nosso desanimo, há uma certa oportunidade em enumerar os thesouros , que o creador concebeu à nação brazileira , para nos dar conforto e robustecer a fé em um futuro melhor".

Há, pois, o objetivo de chamar a atenção para esta região do Brasil, como se houvesse a necessidade de levantar a bandeira a partir de elementos como ocupação e exploração de um "novo" território, digo novo, não no sentido de desconhecido, mas, pensando na questão da exibição pública, da representação desse território a partir da narração e do próprio narrado. Talvez sua intenção não fosse somente o incentivo a criação de um parque nacional, mas poderia haver outras intenções.

No folheto escrito pelo engenheiro André Rebouças, datado de 1897, acompanhado do prefaciador anônimo, referente ao relato de Nestor Borba, o prefaciador ressalta que o propósito desta viagem era "chamar a atenção do governo do paiz, especialmente da administração do esperançoso Estado do Paraná, sobre as innumeras riquezas naturais, as maravilhas e belezas, que fazem d'aquela região do Brazil uma das mais ricas possíveis" [96]. Neste momento é notável um esforço para atrair empreendimentos para o Paraná, tanto em André Rebouças como no Prefaciador, que de dialogam em épocas diferentes, lembrando que os escritos de Rebouças são datados em abril de 1876, e o prefácio é datado de 1897. Nesse caso, temos que observar duas questões, a primeira sobre a diferença temporal entre o Prefaciador e Rebouças, que nos permite pensar que os dois apresentam os mesmo objetivos em épocas diferentes. Ou seja, o relato de viagem de Nestor Borba permeia o período da Monarquia e da República num período de quase 30 anos, e o mais interessante é que, além de existir diferenças entre eles, há uma conectividade incomensurável, o "sonho" do progresso, parece meio utópico, pois o progresso aparece o tempo todo, atrelado a idéia de natureza perfeita .

[96] REBOUÇAS, André. "Notas e Considerações Gerais". *In*: BORBA, Nestor. **"***Descripção da viagem às Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba***"**... Cit. p.13.

Os dois conseguem destacar aspectos importantes de Nestor Borba, como a falta de povoação, a importância de ocupar as áreas de fronteira, visto que nesse período os limites territoriais não estavam bem definidos e ocupar essas regiões era importante, pois a ocupação estava relacionada a idéia de natureza intocada, que deveria ser explorada em benefício da prosperidade do Brasil, como se estes escritores estivessem fazendo um grande favor ao nosso país. Principalmente em relação à idéia de André Rebouças, está claro que seu objetivo era chamar a atenção para a natureza, o turismo a partir da idéia da construção de um parque Nacional, a exploração dessa natureza atrelada ao turismo, uma exploração que preserva a natureza, mas que reflete no conhecimento da região por meio da implantação do parque. Para Luiz F. L. Pereira:

> existe uma série de elementos que auxiliam na construção de uma idéia de modernidade em um local tão distante dos grandes centros e relativamente abandonado pelo Governo Central, agora não mais pelo descaso da administração Publica Monárquica, mas em virtude da ascensão ao poder de uma elite cafeeira paulista que, com seu republicanismo federalista, fazia com que a descentralização chegasse a seu ponto máximo pois, desta forma as províncias com melhores condições teriam vantagens sobre as demais.[97]

Ou seja, André Rebouças queria justamente mostrar, atrelado ao relato de Nestor Borba, essa idéia de modernidade, o turismo é uma forma de ligar a província paranaense ao império elencando as principais qualidades do Paraná.

Entre essas qualidades, Rebouças destaca as Sete Quedas, também citada inúmeras vezes nos relato de Borba. O fato é que para mencionar esses saltos e elencar suas belezas, Rebouças faz vasta menção ao Parque Nacional americano[98]. Durante a maior parte de seus escritos, ele fala dos atrativos desse parque, como por exemplo, "a região dos Geysers do Upper YelloW-Stone, que o congresso teve a sabedoria de consagrar ao povo, como um Parque Nacional, é inquestionavelmente a mais assombrosa combinação de maravilhas naturaes e de panoramas grandiosos e bellos, que há no mundo"(32). Falar sobre esse parque, justamente ao lado do relato de viagem que fala sobre as Sete Quedas é uma forma de estabelecer relação entre o Brasil e os

[97] PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: O Paraná Inventado*. Curitiba: Aos 4 Ventos, 1998.
[98] "Em 1870 descobriu-se no interior dos Estados Unidos, nas cabeceiras (sic) do rio Wellow-Stone (sic). junto ás Rocky Moutains, uma região, contendo belezas naturaes indescriptiveis, o Congresso teve e realizou a nobre e patriótica idéia de reservar essa maravilha natural para um – Parque Nacional – gigantesco, tendo uma superfície de cerca de 3,035 milhas quadradas"(31). Rebouças refere-se à importância desse parque para a sociedade Norte-americana, e de certa juntamente com o relato de Nestor Borba, eleva a natureza paranaense como elemento primordial ao desenvolvimento do Paraná.

Estados Unidos, mostrando que o nosso país pode ter um grande atrativo turístico, o que geraria interesse por parte de outros povos e poderia ser um incentivo a imigração.

Não é nosso objetivo fazer comparação entre o relato de Borba e as considerações tecidas por Rebouças, mas mostrar que ao mesmo tempo em que Nestor Borba realiza a viagem, e se preocupa com o reconhecimento do território a sua maior forma de representação é natureza, isto é, a natureza é o ponto de partida para ressaltar a importância deste espaço fronteiriço. Nesse caso, estamos trabalhando com a fronteira física e mental, pois sabemos que até o final do século XIX, o Paraná não possuía todo seu espaço definido territorialmente bem como podemos observar na figura 01, o espaço paranaense é entendido apenas até os Campos Gerais. O que nos leva a refletir sobre os escritos de Rebouças que se apropria dos relatos de Nestor Borba a fim de chamar a atenção para a natureza, mas essa natureza enquanto possibilidade de transformação do meio, o turismo como forma de reconhecer esse território e apoiado no exemplo americano. Podemos pensar então, se deu certo lá, também pode dar certo aqui (Paraná) e ser explorado como foi lá. O que vemos, é que não há o desejo de destruição da natureza, mas de conservação. A forma como Rebouças se refere ao Parque nacional americano, faz-nos pensar que ele já conhece muito o lugar de onde está falando, "parece-nos que, se pudéssemos ter permanecido neste valle, durante muitos dias, até ficar accostumados com os phenomenos preliminares à erupção, perderia nossa emoção toda parte dolorosa do assombro; então poderíamos apreciar, com toda a calma, a maravilha elegância e belleza, com que esta enorme columna de água quente elevou-se a tão grande altura e permaneceu em pé durante vinte minutos"(33). É dessa forma admirável que Rebouças se refere ao parque americano, e baseado nesses elementos de admiração que ele vai mencionar a região do Guayra.

É como se ele estivesse forçando que o Brasil também tivesse obrigação de seguir os moldes americanos e valorizar as belezas que possui, pois seria uma maneira de "evidentemente só nos é, por ora, permitido utilizar as bellezas naturaes, que o Omnipotente concedeu ao Brazil, para attrahir emigrantes , e , quando muito, alguns ousados naturalistas , enthusiastas de florestas virgens e de cataratas assombrosas"(39). Aqui ele já deixa claro que seria importante para o Brasil e o Paraná atrair imigrantes, cientistas e viajantes, interessante isso, visto que Rebouças era afro-descendente e há tempos lutava pelo fim da escravidão, deve ser por isso que em nenhum momento de suas considerações ele fala sobre a população indígena ou sobre a população existente

nessa região, ao contrário do prefaciador que ressalta a importância de considerar a população indígena .

Rebouças chama atenção para observarmos as belezas da natureza paranaense em relação à americana, e sobre a possibilidade de termos um parque nacional que valorize o Brasil, sem contar as idealizações que o autor faz, como por exemplo neste trecho que ele fala sobre os rios Araguaia e Tocantins, "imaginei o Tocantins e o Araguay, navegados por magníficos vapores, como os de Mississipi; suas cachoeiras vencidas por vias férreas lateraes: e comprehendereis então como será pitoresca uma excursão de ilhas , onde se poderá grupar toda flora e toda fauna dos valles do Amasonas, do Paranayba e do S. Francisco", depois segue falando das belezas naturais da região sul: "No sul da República região alguma póde competir com o do Guayra em bellezas naturaes . Desde a foz do Ivahy até a do Iguassú, o rio Paraná reúne todas as gradações possíveis do bello ao sublime e do pitoresco ao assombroso! É a região das cascatas por excelência ...Não consta que em parte alguma, o sublime artista grupasse tantas e tão grandiosas"(40).

Além de toda essa dedicação de boa parte de sua descrição as Sete Quedas e as Cataratas do Iguaçu, Rebouças não está apenas deixando para nós suas observações sobre a natureza paranaense, mas está nos propondo entender o que não está claro, mas nas entrelinhas. Ë como se ele tivesse o objetivo de dar credibilidade aos escritos de Nestor Borba, e ao mesmo tempo se apropriando de alguns discursos desse viajante, ou seja, a natureza surge como um refúgio para elencar os verdadeiros objetivos desse engenheiro, que, além disso, tinha formação militar e fazia parte da classe letrada, o que bem sabemos era para poucos nessa época. É como que suas considerações estivessem direcionadas, veja no trecho a seguir: "será difícil que o Canon do Yelowtone seja mais pitoresco, do que o do Guayra, opulentamente adornado de palmeiras, de fetos arborecentes e das mais bellas arvores da flora brazileira; quando lá a rocha é nua e queimada pelas emanações volanicas (sic), deixando apenas ver, de longe , um melancólico grupo tristes coníferas".

CAPÍTULO 3:

O Olhar de um Viajante Estrangeiro: do olhar técnico ao olhar intervencionista

Neste capítulo vamos nos referir a Thomas Bigg Wither, inglês formado em engenharia e que esteve no Brasil por mais de três anos investigando os campos e florestas do país, principalmente no Estado do Paraná. Fazia parte de um grupo de expedicionários contratados para a *Paraná And Mato Grosso Survey Expedition.* Em 1876 já havia proferido uma conferência na Real Sociedade de Geografia sobre o Vale do Tibagi, que interessava aos financistas da City devido à potencialidade econômica que esta região oferecia, e se tornou membro do *Institute of Civil Engineers*. A obra *Novo Caminho Meridional: A Província do Paraná; Três anos de vida em suas florestas e Campos – 1872/1875* foi publicada em Londres logo após sua chegada em 1878 e em português somente em 1974. Ela é usada como referência[99] para a discussão de várias questões regionais e mesmo nacionais, uma vez que seu relato ressalta vários aspectos sobre a natureza, a ocupação do território, imigração, índios. Descreve o Paraná a partir de sua própria origem, está sempre encontrando uma forma de comparar com a Inglaterra, como uma possibilidade de trazer para a província do Paraná o progresso que existe na Europa.

É importante observarmos que ele não se vê apenas como um engenheiro, mas como um viajante que possui um olhar técnico, além de um olhar de intervenção no espaço. Podemos perceber isso em suas descrições sobre o índio, quando ele apresenta a necessidade de adaptar o índio a tradições e costumes do europeu. E quando narra a riqueza da natureza, dos animais que encontra nas viagens, sempre apresenta a idéia de mudança daquele espaço, pensando no progresso e desenvolvimento da região. A partir desse argumento é que defendemos a idéia de que ele se posiciona, mais que como técnico, como viajante com conhecimentos técnicos, a fim de reconhecer no espaço brasileiro as possibilidades de transformação a partir do modelo europeu.

[99] Podemos citar o trabalho de Aramis Millarch publicado em 27 de Novembro de 1974, sob o título de Bigg Wither e Antonina (III). Esta disponível na pagina da internet: www.millarch.org. Esse artigo discute, a partir do texto de Bigg Wither, questões sobre a cidade de Antonina, que não teria tido muito êxito em seu desenvolvimento. O artigo foi originalmente publicado no jornal *O Estado do Paraná*; 27/11/1974, p. 4.

Tratando-se de viajantes estrangeiros visitando o Brasil, o mais curioso é que mesmo no final do século XIX ainda havia interesse para que esses relatos fossem publicados rapidamente na Europa. Se, por um lado, o século XIX foi um século importante para imigração no nosso país, havia um interesse significativo na Europa tanto para conhecer as experiências de cientistas, pesquisadores, estudiosos em geral, quanto em relação a relatos que se voltavam para narrar o cotidiano que poderia esperar aqueles que estivessem interessados em se aventurarem a conhecer, o ainda chamado "Novo Mundo", mais conhecido como o continente tropical, e o Brasil, o país do

Por outro lado, algumas questões faziam com que o olhar do viajante estrangeiro não fosse neutro. A Europa se apresentava ao mundo como a civilização padrão. A América seria a descontinuidade do Velho Mundo, e nesse sentido o viajante passa a ter um papel muito importante, pois ele assume a responsabilidade de transformar o ambiente novo, nos seus escritos, abrindo a possibilidade de compreensão de outra sociedade. Nesse caso, o viajante se via como o porta-voz entre o Velho e Novo Mundo. Bigg Wither assumia claramente esse papel, estabelecendo, nos seus escritos, os aspectos negativos e positivos entre os dois espaços diferentes, mesmo assumindo o discurso político e social da sociedade à qual pertencia. Exemplo disso é sua fala a respeito do sistema de correios brasileiro, quando se refere ao atraso no recebimento de cartas a ele endereçadas: "não concebo onde os brasileiros foram buscar inspiração para o serviço postal. Do ponto de vista burocrático, o sistema foi copiado das mais avançadas nações européias. Se realmente isso ocorreu, essas nações não tem motivo para se orgulhar do discípulo" [100].

Entre os viajantes estrangeiros que estiveram no Paraná durante o século XIX, além de Bigg Wither[101], dois se destacaram pelos relatos que nos legaram: Saint-Hilaire e Robert Ave-Lallemant. Este último era um médico alemão, e viveu por vários anos no Rio de Janeiro, viajando pelo Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Dessas viagens resultaram algumas narrativas, que contribuem para entendermos melhor como o viajante estrangeiro identifica o nosso país, em especial o Paraná. Ave-Lallement

[100]WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974. p.22.

[101] Thomas Bonnici escreveu o trabalho: O olhar colonial: Bigg Wither, miscigenação e o paranaense do século XIX. Trabalha questões sobre o Paraná em relação a imigração e a miscigenação. Atualmente é professor na Universidade Estadual de Maringá, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras.

preocupou-se em discutir como Portugal contribuiu para o desenvolvimento do Brasil, e, de uma maneira um tanto quanto polêmica, descreveu nossas tradições e costumes. Não menos importante, Saint-Hilaire tem grande parcela de contribuição em relação às narrativas sobre o Paraná; era botânico francês e esteve no Brasil entre 1816 a 1822. Viajou por várias províncias brasileiras a fim de apresentar com maior rigor e credibilidade a sociedade brasileira. O que podemos perceber como comum a essas narrativas é uma confessada paixão pela natureza brasileira, embora necessitemos de cuidados para interpretar esses sentimentos, pois bem sabemos que o viajante descreve não somente o que vê, mas avalia o que vê a partir do que conheceu anteriormente. Mas, de qualquer forma, a natureza é sempre o ponto de partida que o viajante encontra para pensar e dar início à sua descrição.

Estando no Brasil, normalmente o viajante estrangeiro se preocupa em anotar tudo o que vê, pois está em um ambiente totalmente diferente do seu, o que faz com que seus relatos se constituam em fontes importantes para analisar esse cotidiano. Por outro lado, para quem recebe o visitante estrangeiro também é uma "novidade", e sua visita um acontecimento fora do cotidiano, o que faria com que houvesse uma seleção do que fosse mostrado a ele. Para Francisco Moraes Paz, que escreveu um artigo intitulado "História e Cotidiano: A sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes", abordando elementos do cotidiano brasileiro a partir de relatos de viajantes estrangeiros, entre eles Bigg Wither, destaca que:

> ...a Europa é uma terra estranha para quem vivia nas matas, situado entre limites tênues da civilização e barbárie. Umas das poucas referências a esta terra distante era a de ser o antigo lar das mulheres e homens altos, loiros e de olhos azuis que começavam a chegar. Mesmo assim, muitos não sabiam para que lado ficava e chegavam a surpreender os viajantes com as mais variadas perguntas, até "pode-se ir para lá a cavalo? [102]

Nesse olhar de estranhamento, nem sempre os viajantes se referem à população local como bárbaros, mas normalmente se preocupam em construir interpretações sobre a presença e as relações entre negros, índios e imigrantes.

A primeira impressão que o viajante estrangeiro deixa nos seus relatos é a sua curiosidade, e principalmente pelo fato de que a maioria deles era constituído por

[102] PAZ, Francisco Moraes. *História e Cotidiano: A sociedade paranaense no século XIX na perspectiva dos viajantes.* In: História: Questões e Debates, Curitiba : Ano 08, jun-dez.1987.p. 09.

homens de ciência ou ligados a ela – cientistas, pesquisadores, engenheiros – e estavam sempre preocupados em obter informações sobre a flora, a fauna, o clima, tradições e costumes, coletando muitas vezes amostras da natureza. Dessa forma, procuravam entender como "funcionavam" as terras tropicais, e no caso de Bigg Wither, avaliando as possibilidades de construção de estradas e ferrovias, projetos ligados ao Velho Mundo, buscando pelo progresso do Novo Mundo.

Num certo sentido, a missão proposta a Bigg Wither se aproxima de outras ações propostas pelo governo, como as desenvolvidas posteriormente através das viagens da Comissão Rondon. Isso deve ser pensado ligado aos interesses do Império e posteriormente ao da República no final do século XIX e início do XX, de incorporação de novos territórios. Mais do que a conquista pura e simples, as intervenções técnicas no sentido de modernizar esse sertão atrasado foram uma das grandes preocupações de setores interessados no desenvolvimento, inclusive dos militares, preocupações expressas, segundo Laura Maciel, pela "necessidade de garantir o efetivo controle sobre populações dispersas em regiões de fronteiras, distantes e abandonadas pelo poder central, [a partir do que] esses profissionais recomendavam que a 'conquista do sertão' deveria constituir 'um programa de governo'" [103].

Nesse caso, portanto, a conquista do sertão e a preocupação em definir as fronteiras do Brasil era uma necessidade do Estado. Mais do que aumentar fronteiras, colocava-se a necessidade de espalhar a malha ferroviária e telegráfica, uma vez que essas ações estavam entrelaçadas com a idéia de povoar e civilizar os lugares mais distantes no interior brasileiro. Podemos perceber isso em um trecho do relato da própria Comissão Rondon no período da Republica, que se aproxima, de certa forma, das preocupações expressas por Bigg Wither em seus escritos:

> Para o nosso Brasil Central não temos outro processo a empregar na consecução do seu povoamento. (...) modifiquemo-lo, cruzando-o estradas e telégrafos em todos os sentidos, por que constitui ele o coração da nossa grande Pátria e o futuro celeiro da Terra. Para isso, porém, será preciso, antes de tudo, que o governo desbrave, preparando sistematicamente a colonização futura destas paragens.[104]

[103] MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a Conquista Ordenada Dos Sertões: Espaço, Telégrafo e Civilização.* Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0, São Paulo: Edusc, (18), mai.1999. p.168.

[104] Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra, op.cit., 2º Volume, p.18. Apud: MACIEL, Laura Antunes. op. cit. p.167.

Podemos observar algumas questões importantes a partir deste fragmento, estabelecendo uma divisão de funções na qual o governo tem a função de "desbravar" o sertão, ou seja, possibilitar a ocupação. Em função disso, se abriria a possibilidade de intervenção nesse espaço, que seria uma *intervenção técnica*, a partir de um conhecimento nem sempre disponível no Brasil – o que justificaria as ações de empresas de capital estrangeiro. Em função disso tudo, podemos analisar na obra de Bigg Wither os limites desse "olhar do viajante", um olhar diferente, um olhar que pressupõe a possibilidade de intervenção no espaço, modificá-lo, e em função disso, trazer para o sertão o progresso e a civilidade.

No caso de Bigg Wither, ele inicia sua viagem pelo Brasil a partir do Rio de Janeiro, no ano de 1872, integrante do grupo de expedicionários ingleses. Ainda em uma nota introdutória ele descreve que:

> As características deste livro são as de uma narrativa de viagens e aventuras em regiões até aqui inexploradas. Quase metade destas páginas se ocupa da permanência do autor nas grandes florestas do remoto interior do Brasil, em meio a cenas ferozes da natureza selvagem, onde nenhum homem civilizado antes penetrara e onde, durante meses, a condição normal de vida fora a luta sem tréguas contra o meio natural.[105]

Seu relato se refere também ao interior do que conhecemos hoje como Estado do Paraná, classificando-o como regiões inexploradas. Mesmo reconhecendo a presença, ali, de populações indígenas de diferentes etnias, seu olhar sobre elas as integra nessa natureza intocada, distante – no espaço e no tempo – de toda e qualquer civilização.

Ele se deslumbra no início de sua viagem, com a beleza da natureza do Rio de Janeiro: "eis a nossa preliminar apresentação ao 'Novo Mundo'" [106], exclama ao avistar a Baía (supomos que seja a Baía da Guanabara). Admira a natureza e se entusiasma com a sua posição, do ponto de vista de possibilidades comerciais:

> ... uma vista de olhos sobre o mapa mundial mostrará a enorme vantagem natural que o Rio possui em sua posição, não só com referência ao seu próprio império, como também a outros países.

[105] WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974. Nota Introdutória XXVII.
[106] Idem, ibidem, p.10.

> Nenhuma cidade, capital de outra nação, ocupa posição tão central para o comércio com o Novo Mundo.[107]

A partir daí ele começa a estabelecer as diferenças entre a Europa e o Brasil, ou como ele faz questão de ressaltar, entre o "Velho e Novo Mundo". Porém, antes de continuar a descrição sobre o Rio de Janeiro, uma questão chamou a atenção de Bigg Wither, foi a grande quantidade de negros e a aparência saudável dos mesmos, a respeito dos quais ele ressalta que "o contraste entre o físico vigoroso e sadio, o aspecto feliz e maneiras francas destes escravos negros com o desenvolvimento físico debilitado e a aparência cansada de seus senhores e donos é de ordem tão geral que não escapa ao observador mais distraído" [108]. A partir dessa constatação, é interessante a observação que ele faz, pois, se por um lado a beleza e saúde da população negra lhe causam espanto, por outro ele se pergunta se o clima brasileiro seria mais favorável à pele negra – um sintoma de certo *determinismo* nessa avaliação. Sem conter sua admiração pelas formas da mulher negra, ele se lembra que se trata de uma população negra, e destaca que "amo e escravo podiam muito bem trocar de lugar no Rio de Janeiro no que se refere a superioridade física"[109].

Diante de tudo que pode observar no Rio, a riqueza de detalhes na descrição que faz da natureza é impressionante, e parecia que ele apenas se deslumbrava com tudo que podia observar. Posteriormente Bigg Wither revela que sua experiência na província do Rio de Janeiro não foi tão prazerosa como ele mesmo esperava que fosse. Apesar disso, há comparações em que o Rio sai ganhando com relação à Europa – por exemplo, na forma como ele descreve a organização dos meios de transporte:

> A grande organização do Rio de Janeiro, amparada por todas as classes de gente, é o bonde. Já havia algum tempo que tínhamos descoberto maior conforto e conveniência deste meio de locomoção, comparado com outros. Os carros são leves e ventilados, puxados, não pelos animais lerdos que vemos na Inglaterra, mas por vigorosas a ágeis parelhas de pequenas mulas, cheias de energias e disposição. É um prazer ver a maneira por que elas enfiam a cabeça na coleira a dado sinal e partem em seguida a galope, como se gostassem imensamente do trabalho. [110]

[107] Idem, ibidem, p.11.
[108] Idem, ibidem, p.16.
[109] Idem, ibidem, p.17.
[110] Idem, ibidem, p.21-22.

Se as primeiras descrições fazem uma avaliação positiva sobre o Rio Janeiro, a partir do momento em que ele conheceu melhor a cidade suas impressões passaram a enfatizar outros aspectos mais negativos, principalmente sobre o clima: este possuía algo que fazia com que o ar fosse parado e enfraquecesse o sangue inglês:

> Na estação presente, comparativamente fresca, ainda assim o Rio não pode ser chamado de lugar saudável. Ali o sangue inglês perde densidade e enfraquece. Durante as poucas semanas que lá passamos, o Rio já havia roubado o rubor e a frescura de nossas faces e produzido uma cor embaciada em nossos olhos antes reluzentes. Quinze dias decorridos, o nosso maior desejo era deixá-lo. Havia qualquer coisa de particularmente depressivo naquele ar parado e no viver dentro de temperatura estável de uma semana a outra. Quando finalmente veio a ordem de arrumar as malas a partir, não nos restou muito tempo para os preparativos.[111]

A partir deste fragmento percebe-se que o desejo desse viajante era mesmo conhecer outras regiões do Brasil, que pudessem ir ao encontro das leituras que ele havia realizado na Europa antes de viajar – sem considerar os objetivos da viagem. Durante seu relato Bigg Wither faz questão de enunciar que já conhecia as terras brasileiras por outros escritos, e quando percebe que elas não davam conta do que via, demonstrava uma boa dose de curiosidade.

Bigg Wither comporta em seu relato três questões importantes: natureza, civilização e modernização, questões estas que também discutimos no relato de Nestor Borba e José Candido Muricy. Em primeiro lugar, ele descreve a natureza de maneira romantizada, para depois avaliá-la como possibilidade de transformação do meio, imprimindo nela a idéia de progresso. Neste fragmento referente às aves que observa ainda em Curitiba, podemos perceber um pouco do exagero romântico:

> O que vi primeiro foi um colibri que adejava ao ar livre; a maneira por que se lançava e pousava de flor em flor, como uma abelha rainha em busca de mel era realmente interessante de ver. Magníficas borboletas também havia por toda a parte, esvoaçando ao sol ardente, para realizarem com as flores multicoloridas, no brilho de seus ornatos. As numerosas fontes d água, disseminadas por várias partes, davam a sensação de frescura à atmosfera. [112]

[111] Idem, ibidem, p.27.
[112] Idem, ibidem, p.22.

Por outro lado ele vai se deparar com outros problemas decorrentes dessa "natureza selvagem": imaginando que encontraria estradas cheias de árvores e pássaros, ele se depara com estradas em péssimo estado de conservação:

> Estas cinco milhas de estrada por terminar deram-nos uma amostra do que nos estava reservado daí para frente, isto é, a estrada de troncos de árvores do Brasil. A realidade é que estava em péssimo estado, excedendo a qualquer descrição que eu tivesse lido a respeito de estrada ruim. Era como se árvores muito grandes tivessem caído a curtos intervalos, atravessadas num mau caminho e os espaços entre uma árvore e outra fossem preenchidos com lama.[113]

Neste trecho Bigg Wither já dá os primeiros indicativos de que sua viagem lhe reservaria muitas surpresas, avaliando que as estradas, pelas informações que obtivera, não poderiam estar em tão lamentável estado de conservação. Porém, a observação do viajante em relação a essas estradas está em mostrar como esses caminhos poderiam ser considerados como caminhos do "progresso e da civilização", em regiões de sertão ou espaço de lama como ele citou acima.

Lorenzetti e Ferreira, que escrevem sobre o projeto da construção de uma estrada de ferro entre o Paraná e o Mato Grosso durante o século XIX, destacam "os anseios por desenvolvimento e progresso que os subjaziam e o receio de que estas regiões interioranas do Brasil não acompanhassem o ritmo de desenvolvimento do litoral" [114]. Nesse sentido, os relatos de viagem discutem muitas destas experiências.

É de se esperar que, na segunda metade do século XIX, o Paraná ainda não possuía uma rede de estradas, quanto mais estradas bem conservadas. Tendo isso como um sintoma do "atraso" no desenvolvimento da Província paranaense, o general José Cândido Muricy também apresentou a mesma preocupação quando do estabelecimento de uma estrada entre Guarapuava e a Colônia Militar de Foz do Iguaçu, no relato que analisamos.

Há, portanto, uma grande preocupação com o estabelecimento de uma rede de comunicação, e a construção de estradas era vista como o caminho para a modernização da província. Com estradas ruins, os meios de transporte também eram prejudicados, como podemos observar neste fragmento de Bigg Wither: "uma ou duas milhas de

[113] Idem, ibidem, p.42.
[114] LORENZETTI, Fernanda Lorandi; FERREIRA, Bruno Torquatro Silva. *Os Trilhos do Progresso: Intenções de comunicação via estrada de ferro entre Paraná e Mato Grosso na passagem do século XIX ao XX*. Revista de História Regional. Ponta Grossa, v.13, n.2, p. 262-282. 2008. p.264.

nossa viagem foram feitas sobre uma estrada de troncos, semelhante àquela que já descrevemos. Ao sair daquele abismo de desolação, descobri que meu burro só sabia andar a passo. Nenhum de nós usava esporas e, por mais que gritasse para animá-lo, não era preciso açoitá-lo" [115]. Ainda sim, ele não perde a oportunidade de fazer alguma comparação com a Inglaterra: "a maravilhosa frescura do ar me fez lembrar uma daquelas manhãs de outubro que, ocasionalmente, temos na Inglaterra. Parecia-nos estar respeitando a verdadeira essência da vida enquanto caminhávamos. Tudo em volta como que partilhava desse gozo de viver" [116].

A natureza é um elemento que podemos perceber estar sempre presente nos relatos de viagem, pois é como se esses viajantes olhassem para o nosso país, e percebessem as maravilhas que possuía no seu país de origem ou o contrário. Demonstram grande preocupação em descrever as terras mais distantes, assumindo a responsabilidade de descrever o "Novo Mundo" estabelecendo a diferença entre o novo e o antigo mundo, como podemos perceber seguindo o roteiro de viagem de Bigg Wither, quando ele escreve sobre sua chegada ao litoral da Província paranaense:

> Veio o crepúsculo e nos encontrávamos a uma distância de sessenta milhas no mar, com o litoral de altíssimas montanhas, resplendendo em suas guarnições em púrpura e ouro ao sol poente e cujo espetáculo apreciávamos de grande distância, à nossa direita. Quase igual em mágica beleza ao nascer do sol, que nos dera boas vindas em nossa primeira aproximação do Novo Mundo, foi a cena que Edwards e eu, sentados durante vinte minutos seguintes, pudemos aprecias ao convés do "Camões". [117]

Ao chegar a Curitiba, a impressão que Bigg Wither teve foi de maravilhosa sensação, referindo-se ao ar de Curitiba como o melhor do mundo, "ar mais puro e revigorante não pode ser encontrado em nenhuma outra parte do Velho e do Novo Mundo. E acima de tudo, mais do que tudo, inteira mudança e frescura em tudo, coisa que representam, realmente, a principal fonte do verdadeiro repouso" [118].

As descrições que ele faz da natureza, portanto, caminham na direção ou do selvagem, característico das regiões atrasadas, ou da percepção da variedade e da beleza da natureza, se não intocada, pouco modificada.

[115] Idem, ibidem, p.47.
[116] Idem, ibidem, p.45.
[117] Idem, ibidem, p.31.
[118] Idem, ibidem, p.77.

> ...Os pinheirais repletos de variadas espécies de aves – principalmente de pica-paus e gaios. O mais comum, do gênero do primeiro, era um pássaro amarelo, de pintas pretas, mais ou menos do tamanho do tordo, que, embora seja evidentemente verdadeiro pica-pau, como provou pela linha cauda, era mais encontrado em bandos, no capim das clareiras, do que pousado em árvores. Apetitosamente gordas essas aves.[119]

Ao mesmo tempo, o olhar classificatório também se refere aos diferentes estratos da população observada, colocada, então, em diferentes categorias, como por exemplo:

> Antes de concluir este capítulo, devo dizer algumas palavras a respeito da população alienígena de Curitiba, especialmente da alemã, que é a maior. Como dissemos antes, os alemães estavam bem radicados ali. Eram os donos dos dois únicos hotéis da cidade. Muitas lojas também estavam em suas mãos e eles mantinham o monopólio dos serviços de transporte em carroças pela grande estrada até o mar... Todo trabalho que na Inglaterra chamamos de "cavoqueiro" é feito exclusivamente por estrangeiros nesta província, sendo que nove décimos são alemães.[120]

Certamente, se pararmos para pensar, nos recordaremos que o século XIX foi marcado por grandes transformações no mundo do trabalho, principalmente no que diz respeito à Inglaterra, o que significa que Bigg Wither tem em mente o trabalho organizado. Seu relato traz questões referentes a esse assunto, seja na forma como ele descreve o brasileiro, seja como avalia a capacidade de trabalho do imigrante, ele demonstra um de seus objetivos: estabelecer aqui em terras brasileiras a mesma organização do trabalho do velho mundo. Ainda sobre Curitiba, ele conclui:

> Os brasileiros desprezam esses homens que trabalham com a picareta e a pá e chamam-nos desdenhosamente de "trabalhadores do Brasil". Mas se eles desejam prosseguir a vida em certas cidades de seu próprio país, já é tempo de abandonar essa espécie de orgulho, pois os desprezados trabalhadores podem expulsá-los do campo definitivamente... A construção da estrada da Graciosa pela Serra do Mar foi o começo do progresso alemão nesta parte do país. Os hábitos de vida frugais deste povo, o seu trabalho firme e honesto logo deu margem a que grande número deles economizasse dinheiro que, na maioria, era investido prudentemente.[121]

[119] Idem, ibidem, p.45.
[120] Idem, ibidem, p.55.
[121] Idem, ibidem, p.56.

Chegando à Colônia Tereza[122], ponto principal do seu roteiro, sai em busca de trabalhadores, pois os que tinham contratado em Curitiba haviam abandonado a expedição no meio do caminho. Assim, ele coloca em dúvida se os brasileiros realmente estavam interessados em trabalhar, mostrando, mais uma vez, sua opção pela mão de obra imigrante. Por quê? Porque esses últimos, ao contrário dos nacionais, estavam acostumados com a disciplina e com o trabalho organizado, o que fazia com que, para a expedição, fosse mais interessante esse trabalhador – mesmo considerando que eles não seriam os mais adequados e experientes para a lida com a natureza bruta. Assim, Bigg Wither narra o acontecido:

> Enquanto ainda permanecíamos em Curitiba, chegou ali um grupo de imigrantes ingleses e, como tínhamos dúvida sobre a possibilidade de conseguir número suficiente de homens para os nossos serviços em Colônia Tereza, contratamos três deles, aumentando dessa forma o nosso grupo de europeus para nove homens ao todo. Se foi boa política embaraçar a nossa marcha com tantos homens inexperientes, era o que se iria provar. Certamente não podíamos nos felicitar pelo aspecto exterior de alguns deles. [123]

Ao sair de Curitiba com a equipe expedicionária com direção a Ponta Grossa, Bigg Wither observa a natureza do interior da província, até mesmo com um toque de romantismo:

> Ali havia pinheiros frondosos e cedros espalhados isoladamente e aos pares, e o capim era verde e fresco como se fora regado diariamente por bondosa fada, ao passo que, fora deste círculo mágico, tudo estava seco e torrado pelas brisas quentes e pelo sol abrasador. O espaço claro, dentro da zona do bosque, tinha talvez vinte e cinco acres de extensão e, assim, completamente inglesa era aparência geral deste pequeno oásis, que a gente esperava ver quase uma velha e gostosa mansão patrícia como um convite para nos receber.[124]

Ao contrário das imediações de Curitiba, onde o cultivo de legumes recebeu grande impulso da colônia alemã, esta parte da província não mostrava sinal algum de agricultura. As matas eram consideradas como fontes de abastecimento de madeira e lenha. As pastagens e as matas, embora tidas como propriedades particulares, eram na realidade, usadas mais pelas tropas e tropeiros do que pelos proprietários. Para se criar

[122] A Colônia Tereza se localizava na parte central da província, onde hoje se localiza o município de Cândido de Abreu. Há duas reservas indígenas nessa região: Reserva Fachinal e Reserva Lote do Vitorino dos Kaigang.
[123] Idem, ibidem, p.56.
[124] Idem, ibidem, p.77.

gado com resultado (uma vez que estes pastos não serviam para a lavoura) seria necessário terreno maior, e neste planalto inferior nada se conseguiria, pois os brejos e as matas ocupavam dois terços da região.

Quando Bigg Wither sai de Curitiba em direção a Ponta Grossa e em direção ao Rio Tibagi, conclui:

> É simples. Não há, nesta província, a rigor uma divisão bem definida separando a floresta do prado. Não são ambos divididos por nenhuma linha única e estreita. Ao contrário, sempre notei uma zona ou faixa que varia, em largura, de dez a trinta milhas aproximadamente de terreno neutro, por assim dizer, ou seja uma região que nem é toda de floresta, nem toda de prado.[125]

Portanto, ele se vê diante de uma realidade onde o povoamento ainda não modificou fundamentalmente as formas mais tradicionais de uso da terra. Ainda sobre a natureza interiorana ele destaca alguns elementos bem diferentes em relação ao litoral da província:

> Nosso velho amigo, o pica-pau de cabeça escarlate, reapareceu nos pinheirais da Serrinha. Consegui apanhar mais um exemplar de linha plumagem. Papagaios e periquitos de várias cores voam em ruidosos bandos e vi também, pela primeira vez, diversas aves conhecidas como corvo brasileiro. Sua cor era azul sombrio e uniforme. Eram pouco maiores que o gaio inglês, porém, pelas características principais que determinam o gênero e a espécie, pareciam pertencer mais à família do gaio do que do corvo.
>
> Foi muito agradável galgar esta serra. As copas planas e enormes dos pinheiros, sobre as cabeças, formavam uma alameda fresca e sombria, que tanto o homem como o animal achavam refrescante, após deixarem o sol abrasador da planície. Mas só quando chegamos ao ponto culminante encontramos a grande recompensa que nos esperava. A última parte da subida havia sido muito íngreme e os homens, assim como os animais, estavam exaustos. Fiquei um pouco atrasado do grupo, pois parei diversas vezes para perseguir um ou outro pássaro estranho dentre os inúmeros que enchiam a mata.[126]

Esta citação, com riqueza de detalhes, refere-se a uma serrinha localizada no caminho entre Curitiba e Ponta Grossa, e além de fazer a descrição do pica pau, cujo topete vermelho o impressiona, ele faz questão de levar uma amostra de cada ave que encontra pelo caminho. Ainda neste mesmo trecho pontua algumas observações sobre a população de Ponta Grossa:

[125] Idem, ibidem, p.93.
[126] Idem, ibidem, p.93.

> Há, contudo, uma povoação que não está situada dentro dos limites desta zona, mas que, não obstante, tem alcançado até progresso considerável. É a cidade de Ponta Grossa, que deixamos atrás de nos há pouco. Entretanto, este é um caso quase isolado e pode ser explicado pelo fato de estar a cidade casualmente no centro do circulo das povoações agrícolas que surgiram na "zona neutra" e, em conseqüências, passar por ali grande porção do comércio local. Ponta Grossa vive e se desenvolve inteiramente através desse comercio local, pois em si ela não produz nada. Até ai, pelo menos, na nossa viagem do litoral para o interior, não podíamos nos queixar de monotonia do cenário, embora, pelo que diziam os nossos tropeiros, até o fim da jornada ainda fossemos encontrar muitas revelações da natureza.[127]

Embora ele já tivesse afirmado anteriormente que Ponta Grossa fosse uma cidade que tinha uma excelente localização, sendo o seu comércio sua principal fonte de desenvolvimento, ele chama a atenção para outro fator: que a partir do momento que fosse estabelecida a estrada de ferro que ligasse o Vale do Tibagi ao litoral, provavelmente este comércio local estaria comprometido, pois a estrada representaria a prosperidade num enfoque mais regional, e sendo assim, apenas o comércio local de Ponta Grossa não seria suficiente para sustentar a estrutura econômica. Nesse sentido Bigg Wither relata que:

> ...ansiosa como Ponta Grossa se mostrava pela construção da estrada de ferro – é bem certo que o apoio da locomotiva seria o sinal de seu colapso. A sua prosperidade é inteiramente arbitrária e desaparecerá como fumaça, quando for estabelecida a comunicação entre o Vale do Tibagi e o Litoral.[128]

Nesse caso a região dos rios Tibagi e Ivaí são entendidas como portas do progresso futuro, e a idéia é que as informações que Bigg Wither tem sobre os vales dos dois rios é que seriam locais de grande riqueza. Ponta Grossa teria que se adequar às possibilidades de desenvolvimento que a construção da estrada poderia trazer para a cidade, ou seja, diversificando a produção de alimentos, ampliando esta produção em nível de exportação.

A partir desse momento, ele começa a descrever com maior freqüência o meio natural, e podemos perceber que, quanto mais ele adentra o sertão, mais admira a

[127] Idem, ibidem, p.105.
[128] Idem, ibidem, p.105.

natureza e descreve com maior rigor suas especificidades, elementos bastante característicos da Província paranaense,

> Estávamos agora por atravessar mais uma vez este território neutro – desta vez no lado ocidental do grande prado. A nossa primeira visão da nova ordem de coisas foi do alto de uma elevação, por onde o caminho de mulas passava numa distância de seis milhas quadradas. Numa perspectiva mais ampla, veríamos que as grandes extensões de campo aberto estavam entremeadas aparentemente entre compactos florestas e que em outros lugares existiam muitas léguas de campo, pontilhadas de árvores aqui e ali, isoladas ou em grupos mais ou menos esparsos. Do nosso mirante, contudo, tudo á nossa frente parecia ser vasta floresta, estendendo-se reta até a extremidade da linha divisória das águas, entre os dois rios, o Tibagi e o Ivaí, à distância talvez de vinte milhas ou mais, em linha reta .[129]

Em outro momento da viagem, Bigg Wither se encantava cada vez mais pela natureza e pelos animais, principalmente as aves, e avaliava que essa natureza apresentava possibilidades de transformação do meio. Mas o que mais aparece em suas descrições é o encantamento pelos aspectos novos da vida selvagem que observava:

> Aproveitei então a oportunidade para aumentar a minha coleção de aves. Matei três ou quatro espécies de pica-paus. Como todas as de sua espécie, esta ave era muito viva e inquieta, atraindo a minha atenção pelo seu pio peculiar, que consistia numa nota dobrada estrepitosamente, mas não áspera como a de seu primo inglês. Diversas delas saltavam entre os pinheiros e ocasionalmente se perseguiam um às outras, com alarido.[130]

Próximo à Colônia Tereza, Bigg Wither narra a caçada empreendida aos macacos, e estabelece uma oposição entre a natureza que se apresentava com toda a sua força, e a precariedade das estradas e pontes que encontrava no caminho. No fragmento abaixo, isso fica muito claro, e transparece uma crítica a esses dois aspectos do meio que ele encontra:

> Eu cavalgava atrás, fechando a retaguarda da caravana, quando ouvi um tiro de espingarda, a alguma distância na minha frente, seguido de outro e mais outro. Esporeei o meu cavalo e, quando cheguei à frente, vi que algumas das algumas das principais mulas se assustaram com a fuzilaria que ainda continuava, estabelecendo-se entre as outras tremendo pânico. Os animais nervosos apertavam-se uns contra os outros, formando uma massa compacta, atravessada no caminho, impedindo assim a passagem. Apeei, entreguei o meu cavalo a um dos

[129] Idem, ibidem, p.105.
[130] Idem, ibidem, p.108.

> homens para tomar conta e consegui passar pelas mulas, chegando à cena do tiroteio. Ali encontrei Curling, Robertson, o almoxarife, e mais outro homem que carregava a espingarda de reserva de Curling, todos em estado de tremenda agitação. Eles tinham se encontrado com um bando de macacos que atravessam a estrada na ocasião. Dois já tinham sido mortos, mas eu ainda cheguei a tempo de ver a carabina derrubar outro do cinco de altíssimo pinheiro. Caíram dois com o tiro, um estava morto e o outro se deixou cair distante uns cinqüenta pés, sobre uma árvore de baixo, mas, refazendo-se rapidamente, saltou de galho em galho, atrás do companheiro... Depois desse pequeno episódio, que propiciou alguma excitação continuei a pé, na frente da tropa, logo depois ficando contente por assim o ter feito, em primeiro lugar por que a estrada daí em diante era de madeira roliça e o solo constituído de um barro duro que, na sombra, não secava nunca, e em segundo porque, estando na frente, eu podia atirar em muitas aves e macacos, o que de outra forma não conseguiria. Atravessemos o bitumirim mais uma vez, através da ponte mais vacilante que se pode imaginar. Construída sobre pilastras que não ofereciam nenhuma segurança, inclinava-se suspeitamente para o riacho. O caminho para pedestres, que mal tinha seis pés de largo, era composto de travessas presas únicas presas unicamente por vigas frágeis de madeira, que iam de uma margem a outra, por cima das mencionadas travessas, amarradas de espaço a espaço por "llanas" ou cipós . Nela não havia parapeito ou corrimão e existiam grandes espaços abertos, pela falta de travessas caídas na água.[131]

Embora este fragmento do relato de Bigg Wither seja longo, ele nos possibilita perceber algumas dimensões desse olhar intervencionista que ele tem sobre a natureza – e por extensão, sobre a população dos locais que ele atravessa. Toda a expedição tem um caráter de posse, não somente no processo de delimitar fronteiras, como ficava mais explicitado nos relatos dos militares que analisamos anteriormente. A expedição de Bigg Wither se preocupa constantemente com o aproveitamento da natureza, ou seja, da flora, dos animais, e posteriormente da população local.

Consideremos ainda o fator comparativo que ele acrescenta em sua narrativa, sempre fazendo alguma referência à Inglaterra, à civilização. Então, percebemos no relato as dimensões desse olhar técnico que Bigg Wither demonstra ao observar mesmo o meio natural (avaliado pelas suas características de exotismo), no sentido em que ele constitui uma barreira a iniciativas mais "civilizadas". Na verdade, nas observações que faz ele assegura não entender porque há um descaso tão grande do governo em relação aos sertões da província, e nesse sentido o tempo todo ele chama a atenção para a riqueza dessas terras, sempre procurando se informar sobre tudo que vê.

[131] Idem, ibidem, p.115-116.

Em todas as fazendas por onde vai passando, vai tomando referências com os fazendeiros e demais habitantes, mas o que mais surpreende Bigg Wither é o sertão fechado, florestas abundantes, onde ele enxerga possibilidades de transformação, inerentes à própria existência das mesmas. Ele avalia então a capacidade de transformação (hoje diríamos de regeneração) desse meio natural:

> O fazendeiro nos deu algumas informações interessantes acerca destes campos, principalmente sobre os de sua propriedade, que pareciam estar aumentando continuamente. Como se sabe, há um ponto controvertido sobre como se formaram originalmente estes campos sul-americanos. Alguns dizem que eles sempre foram assim, descobertos e sem arborização desde o dia em que surgiram das águas do dilúvio. Sem pretender dar opinião sobre esse grande assunto geral, posso, contudo, registrar um fato interessante, já talvez bastante conhecido, de que a operação de transformar terras de florestas (de certa qualidade) em terras de campo é continuamente aumentada pela simples atuação do fogo e, além disso, – e este é talvez ponto pouco conhecido – tal terra, quando transformada em campo, não tende a voltar à sua condição primitiva. Este é forte argumento a favor dos que sustentam a opinião de que os campos já foram cobertos de florestas. No entanto, eu disse que a floresta devia ser de certa espécie. Uma das características da floreta propriamente dita é que quando qualquer porção dela é limpa a machado, a fogo, ou então por ambos sempre tende a voltar ao estado primitivo e, de fato, voltará se for abandonada por um número suficiente para isso. Assim é a terra do Vale do Ivaí, onde as cidades e as aldeias, fundadas pelos espanhóis e jesuítas no século XVI, e abandonadas, depois de cinqüenta anos de habitadas ou mesmo mais, estão novamente coberta por matas.[132]

Durante toda a expedição em que vai destacando as especificidades da natureza, cada detalhe que chama a sua atenção. Um dos pontos mais importantes é sobre a riqueza presente nos vales dos rios Ivaí e Tibagi, com relação à quantidade de espécies diferentes que ele encontra, sempre procurando capturar uma amostra de cada uma, sejam aves, plantas ou até borboletas, com um olhar do naturalista:

> Ainda sobre a natureza, sobre a divisão dos rios Ivaí e Tibagi: Cada um desses riachos era o retiro de miríades de borboletas, de todas as variedades, tamanho e cor, cobrindo inteiramente o solo e, à nossa aproximação, escurecendo o ar com seus vôos. Muitas variedades tinham rabos parecidos com os das andorinhas e outras o tinham espesso como as aves do paraíso. Havia também uma pequena borboleta linda que, mais tarde batizamos de "oitenta e oito", em vista de mostrar esse número em algarismo, bem nítido, no lado interno das duas asas inferiores... Descrevo esta borboleta, não como sendo uma raridade, mas ao contrário, por ser a mais comum na província do Paraná. Encontrei-a em três de cada quatro nos principais vales da

[132] Idem, ibidem, p.117.

> província, ou seja, os do Ivaí, Tabagi e Ribeira. Sem dúvida, ela também pode ser encontrada em grande parte das matas do Vale do Iguaçu.[133]

Na medida em que iam se aproximando do Rio Tibagi, além de observar os detalhes da natureza, Bigg Witner se refere também às dificuldades que iam aparecendo constantemente, muito especialmente à precariedade das estradas, ou mesmo à falta delas:

> A estrada era muito estreita e como de costume, estava cheia de árvores caídas e varas de bambu. Densa escuridão, quase a escuridão da noite, envolvia a estrada, que serpeava sob uma copa tecida de folhagens cerradas, impedindo a entrada direta da luz do dia. O solo, mais uma vez, era constituído de duro barro vermelho e as pobres mulas foram novamente, forçadas a patinhar laboriosamente num terrível lamaçal que, no entanto, comparado ao de Curitiba, poderia ser chamado de ótima via. O nome da montanha ou cordilheira, cujas barbaridades acabo de escrever, era "Serra dos Macacos". No lugar em que passa a trilha das mulas ela sobe a cerca de 4.000 pés acima do nível do mar, ou seja, 1.600 pés acima do Rio Tibagi, no ponto em que o atravessamos. A Serra dos Macacos é de fato uma parte da cordilheira que divide os dois rios, Ivaí e o Tibagi. [134]

Bigg Wither afirma que "existem enterradas muitas cidades e povoações nos vales do Ivaí e do Paranapanema, mas as duas que vi são de data comparativamente moderna, construídas por espanhóis e jesuítas nos começos do século XVIII, e não tinham nenhuma ligação com a estrada em apreço" [135]. A partir da Colônia Tereza é que a expedição iria realmente adentrar na mata e "desbravar" o sertão e, principalmente, conhecer a população indígena. Não sem uma dose maciça de temor, o que o leva a se precaver:

> Quando chegamos ao acampamento, perguntei aos tropeiros sobre esses ranchos e, então, vim, a saber, que eles eram trabalho dos índios semi-selvagens, os Coroados, que habitavam diferentes partes do Vale do Ivaí. Existe pequeno grupo deles, em Estado comparativamente civilizado, perto de Colônia Tereza. Chegamos por fim, ao domínio dos índios, tão falados. Nesta noite, fiz minucioso exame de meu revólver, mais do que de costume, antes de fechar os olhos para dormir na barraca em forma de cone. O silêncio da noite, entretanto, não foi quebrado por nenhum som, a não ser o do retinir do guizo que estava no pescoço da égua-guia paciente da nossa tropa sofredora. [136]

[133] Idem, ibidem, p.118.
[134] Idem, ibidem, p.120.
[135] Idem, ibidem, p.131.
[136] Idem, ibidem, p.131.

Mesmo chegando o momento descansar, Bigg Wither não se furta de continuar a descrever a natureza, na qual ele situa as habitações que ele observa: "em toda a vasta extensão de floresta descortinada abaixo de nós havia apenas uma pequenina aldeia, com uns quatrocentos habitantes ao todo, o restante ainda se encontrando em estado natural, como fora por milhares de anos, habitado somente por feras e índios selvagens" [137]. O discurso mais forte é sobre a existência de feras selvagens, tanto que ele cita até a existência de tigres no Paraná, referindo-se provavelmente à onça-pintada. O fato é que aí também o discurso do velho mundo está incutido no relato deste viajante.

Porém, torna-se necessário deter-nos um pouco mais sobre a Colônia Tereza, que daqui por diante estará constantemente presente na narrativa. Assim ele descreve sua fundação, na parte central da província:

> A história da Colônia Tereza era a melancólica e típica de muitas outras povoações sertanejas desta parte do Brasil. Fundada no ano de 1847 por um francês entusiasta, de nome Dr. Jean Maurice Faivre, sob os auspícios reais, ela foi chamada Tereza em homenagem a imperatriz do Brasil. Originalmente era intenção do fundador ser a colônia povoada apenas por seus compatriotas. Depois de mandar buscar muitas famílias francesas e despender largas somas de dinheiro público e particular, o Dr. Faivre, segundo dizem, morreu de desgosto ao ver caírem por terra os seus esforços, sendo enterrado no palco de suas desilusões. Terminou assim a breve carreira desta colônia como povoação francesa. O êxodo de seus habitantes, já iniciado em vida de seu fundador culminou na deserção do restante, com exceção de dois ou três franceses que casaram com mulheres brasileiras e aceitaram o estilo de vida brasileiro.[138]

Nesse sentido, uma das questões mais abordadas a partir desse momento é sobre o comportamento indígena e sobre o aproveitamento do trabalho dos mesmos. Na verdade não é apenas o comportamento do índio que ele observa, ele vai muito além. Primeiro ele vai analisar quem é esse "selvagem" ou "semi-bárbaro", seus aspectos físicos, justamente para pensar como o índio pode ser inserido no mundo trabalho dentro dos moldes europeus, dentro das possibilidades de organização do trabalho no sertão. O fragmento abaixo descreve a chegada de Bigg Wither na Colônia e a forma como foram recepcionados, e nele destacamos a parte em que ele fala do comportamento dos indígenas:

[137] Idem, ibidem, p.132.
[138] Idem, ibidem, p.139.

> Além do diretor, tivemos a visita dos índios que, sabedores de nossa chegada atravessaram o rio e vieram, em comissão, conhecer-nos. Foram, entretanto para o interior da casa e se sentando silenciosamente sobre as caixas e fardos espalhados pelos quartos sem mesmo nos dirigirem qualquer espécie de saudação. **A princípio achamos graça, pois nunca havíamos visto tais homens, mas logo os julgamos importunos, mandando-os embora e prometendo ir visitá-los na própria aldeia, à tarde.**[139] (grifos meus)

Observa-se a forma como Bigg Wither se refere ao índio: parece estar falando de um objeto. O índio aparece como uma novidade, visto que o interior do país era pensado como um grande espaço vazio; ao penetrar na região, ele considerava as populações que habitavam esses sertões não eram civilizadas, e representavam um atraso para o país. Ainda mais, havia todo um discurso sobre o índio ser perigoso, ameaçador, criando-se um discurso mítico em relação a ele. Mirhiane Abreu destaca que "índio e sua primitiva cultura traduzia-se na origem, entre lendária e mítica, da nova civilização" [140]. Nesse caso, Bigg Wither vai investigar todos os detalhes que incorporam esse universo indígena. Como podemos observar, o inglês fez questão de cumprir e realizar a visita que havia prometido aos primeiros índios com que teve contato, ainda na Colônia, pois estava muito interessado em conhecer mais de perto esse povo exótico e selvagem. Existia a vontade de tomar contato com os costumes do índio, mas principalmente em civilizar o homem do Novo Mundo com os conhecimentos do homem do Velho Mundo, especialmente no que diz respeito às relações de trabalho. Vejamos o que diz sobre a primeira impressão dos índios coroados:

> Às três horas da tarde, mais ou menos, eu e S- atravessamos o rio numa pequenina canoa para pagar a visita dos índios. Ao chegarmos à aldeia, fomos imediatamente cercados pelos nativos, homens, mulheres e crianças, que se amontoavam para olhar e apalpar, repetindo a palavra "inglês" diversas vezes. ... Observei-os atentamente. Os homens eram de meia altura e bastante atarracados; as mulheres, baixas e gordas. Ambos usavam o cabelo cortado curto em volta de toda a cabeça, e os homens eram ainda tonsurados. Os seus cabelos lisos e pretos e, quando cortados curtos na maneira descrita, ficavam caídos como um colmo. A tonsura era notável. Teria este costume da tribo de assim coroar a cabeça, procedido de tempos imemoriais ou era um remanescente do antigo regime dos jesuítas de 250 anos atrás? As crianças ao contrário dos pais pareciam inteligentes, vivas e aproveitáveis. Respondiam com alegria a todas as nossas brincadeiras e foi fazendo-as saltar e empurrar

[139] Idem, ibidem, p.140.
[140] ABREU, Mirhiane Mendes de. O Índio brasileiro e a concepção romântica da natureza. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velázquez; ZUPPA, Graciela. *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina: Ed. Uel, 2001. p.53.

> umas às outras para apanhar os vinténs jogados, que proporcionamos aos velhos e moços o melhor divertimento.[141]

Essa aldeia de índios coroados a qual Bigg Wither se refere ficava localizada do outro lado da margem da Colônia Tereza, mas isso não incorporava os selvagens à civilização – o Paraná durante o século XIX se encontrava nos meio da discussão sobre "catequese e civilização". A partir de experiências pessoais e coletivas de certa forma desenvolveu-se a idéia de que era necessário conhecer os sertões e civilizar o selvagem. Pode-se, nesse sentido, observar a forma como este viajante descreve os utensílios indígenas:

> ...observei variado e grande número de arcos e flechas, algumas destas artisticamente ornamentadas de pigmentos coloridos, pendurados na folha das palmeiras, além de uma ou duas armas **civilizadas,** como machados e foices, mostrando que embora os índios tivessem aprendido a fazer roças, semear milho e feijão todos os anos, não tinham ainda abandonado os costumes e antepassados. De fato, há uma diferença óbvia entre domesticado e civilizado e estes índios, evidentemente, não tinham feito muito progresso no que diz respeito à civilização.[142] (grifos meus)

Além de cumprir a promessa da visita, Bigg Wither também estava pensando em empregar alguns destes para incorporá-los a equipe da expedição, servindo como interpretes durante a viagem. Devemos ressaltar que assim como a catequese foi usada pelos jesuítas como forma de civilizar e disciplinar o índio, o trabalho também pode ser entendido como maneira de civilizar, de estabelecer a ordem, e percebemos isso na afirmação seguinte:

> ...empregamos, mais tarde, vários destes índios para trabalharem conosco, abrindo picadas, e mais adiante direi algumas palavras quanto ao seu valor como trabalhadores. Embora compreendam alguma coisa sobre o valor do dinheiro como meio de troca, a inteligência não lhes é suficiente para mostrar que uma nota de cem mil réis vale cem vezes uma nota de um mil réis. [143]

Em alguns momentos de seu relato Bigg Wither fala do seu problema em encontrar trabalhadores que realmente estivessem interessados em enfrentar a natureza inabitada. Um dos problemas que ele encontrou foi a falta de serenidade desses

[141] Bigg Wither, op. Cit. , p.141.
[142] Idem, ibidem, p.143.
[143] Idem, ibidem, p.143.

trabalhadores. Seria mais interessante o trabalho indígena, primeiro pelo fato deles já estarem adaptados a mata, e segundo porque esse índio poderia ser moldado, "civilizado". Todavia, esse índio tinha limites naturais: não era tão "inteligente" para lidar com todos os aspectos da relação de trabalho. Ele pode não ser inteligente para algumas coisas, pode vir a ser um bom trabalhador, já que o que chama mais atenção dos viajantes estrangeiros é o corpo saudável que representa o "selvagem". Todavia, a intermediação do homem branco será sempre necessária.

Bigg Wither descreve com bastante rigor o corpo físico dos índios, mas não faz nenhuma distinção física ou cultural entre uma tribo e outra, bem como não faz comparação nesse sentido com relação ao caboclo. Destaca que o caboclo e o fazendeiro são muito hospitaleiros, e o maior problema, sempre referido, é a falta de trabalhadores honestos, dispostos a enfrentar a floresta virgem - e o medo do índio selvagem. Como por exemplo, o medo que se espalhou aos trabalhadores da expedição com a informação de que "grande número de índios coroados andava pelas margens do rio, [quando] espalhou-se o pânico em toda a turma de brasileiros, sendo infrutíferos todos os esforços para que os homens continuassem" [144]. Nesse sentido podemos entender melhor o motivo que leva Bigg Wither a querer inserir o índio até aqui visto como "selvagem" no mundo do branco "civilizado", "considerando que a etnicidade se constrói através do processo dinâmico de relações sociais entre grupos que se percebem e se afirmam através das diferenças" [145], ou seja, é a partir dessa questão étnica que Bigg Wither parte para pensar como pode transformar o nativo em homem trabalhador. Sua maior proposta é construção de estradas de ferro que contribuam para o processo de ocupação do interior do Paraná, falaremos sobre este assunto posteriormente.

O primeiro passa para conquistar o índio, é mostrar-se amigo e representar confiança – esta é a fase da conquista. Estas palavras não apresentam nenhuma novidade visto que esta é uma discussão que perpassa o final do século XIX e todo o século XX, mas o que queremos destacar é justamente como um viajante estrangeiro estabelece essas relações. Ele se prontifica a viajar por três anos embrenhados no meio do sertão, e convenhamos mesmo tendo toda uma equipe a sua disposição, há muitas dificuldades. O viajante descreve aquilo que lhe é mais interessante, pois "onde tudo é

[144] Idem, ibidem, p.349.
[145] REICHEI, Heloisa Joichins. Relatos de viagens como fonte histórica para estudos de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). *Literatura e História: Perspectivas e Convergências*. Bauru, SP: Edusc, 1999. p. 61.

produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema" [146], e nesse sentido a questão é observar como este viajante insere esse índio brasileiro no mundo possível do trabalho organizado. Principalmente por que um dos problemas principais enfrentados por Bigg Wither e sua expedição não é apenas a falta de estradas, mas a falta de trabalhadores "honestos" e compromissados com o trabalho sério, pois "a preguiça e a falta de iniciativa pareciam ser realmente, o grande mal do povo da colônia, e isso era visível de todos os lados" [147]. Bigg Wither ainda relata que:

> Os brasileiros não queriam trabalhar conosco sem que lhes déssemos em abundância o alimento habitual, que consistia em feijão, farinha e toucinho. Também exigiam carne, ocasionalmente, mas esta última todos concordavam que pudesse ser substituída por caça, como anta, veado e porco do mato, encontramos em grande quantidade às margens do rio correnteza abaixo.[148]

Aqui, Bigg Wither dá sinais de um dos problemas que mais o incomodou durante a expedição: a forma como os trabalhadores reagiam diante das novas situações. Daí o estranhamento em relação a todos os hábitos dessas populações. Inclusive também quando fala sobre a mentira "num país como o Brasil, em que a mentira é instituição reconhecidamente comercial, sem cujo auxílio nenhum nacional sonha fazer algum negócio importante, é muito difícil determinar a razão verdadeira do não cumprimento de qualquer compromisso" [149]. Mas, a questão principal para Bigg Wither é que o brasileiro apresenta tantos problemas sobre a disciplina para o trabalho e como a sua experiência na Inglaterra é outra. Seu objetivo não é civilizar o índio para nacionalizá-lo, como percebemos nos relatos de Nestor Borba e Muricy já analisados. Esses últimos apresentam preocupações com a nacionalização do espaço paranaense a partir da civilização do indígena. Já Bigg Wither se preocupa em educar o índio para a ocupação, e nesse sentido ele não demonstra interesse na questão da nacionalização, muito pelo contrário, sempre que tem uma possibilidade faz menções ao trabalho na Europa que poderia ser implantado aqui.

No trecho que segue o viajante chama a atenção mais uma vez para a organização do trabalho, apresentando suas angústias em relação à forma como é

[146] Op. Cit. p. 361.
[147] Bigg Wither, op. Cit, p.149.
[148] Idem, ibidem, p.148/149.
[149] Idem, ibidem, p.275.

encarado o trabalho no Brasil. Quando os trabalhadores foram contratados verbalmente para o trabalho na expedição não fizeram muitas exigências e depois começaram a mudar de idéia, então Bigg Wither percebeu que seria necessário que fossem tomadas algumas precauções:

> Primeiro a introdução de um sistema de contrato escrito, pelo qual cada homem, ao entrar para a expedição, ficava sujeito às penalidades de uma lei relativa ao empregador e ao empregado, conhecida como a lei de 13 de setembro de 1830, que obrigava a permanecer certo período na expedição ; segundo, no caso daqueles a quem não conseguíssemos induzir e assinar longos contratos, mas que eram homens merecedores de serem retidos no trabalho, haver claro entendimento entre ele e nós, no sentido de não ser possível abandonar o trabalho sem o aviso prévio de um mês , sob pena da perda do direito a qualquer soma de dinheiro que tivessem conosco; e terceiro, o obstáculo físico de separá-los em dois ou mais grupos distintos, a fim de evitar, em todas as ocasiões ordinárias, qualquer combinação desagradável por parte deles com o propósito de ameaçar a nós, os empregadores. [150]

Para Bigg Wither, portanto, embora os brasileiros fossem um povo hospitaleiro e trabalhador, ele considerava que "o caráter geral de nossos camaradas brasileiros era igual ao de crianças briosas... Acima de tudo, era necessário tratá-los com estrita justiça, pois, como acontece com todos os povos semibárbaros, esta era a virtude que lhes sensibilizava o entendimento com maior intensidade" [151]. É como se o trabalhador brasileiro não quisesse perder sua liberdade, tendo dificuldades em cumprir contratos com relação ao trabalho assalariado, sem preocupação para com o progresso, tendo medo de se embrenhar nas florestas pelo medo dos perigos da mata fechada e também do índio selvagem, mesmo aqueles que nunca tiveram contato com o homem branco. Nesse caso, Bigg Wither ainda se justifica com fato de não empregar critérios mais exigentes aos trabalhadores ao dizer que, "os que estão habituados a trabalhar em países civilizados onde o trabalho é abundante, podem talvez achar difícil compreender a razão por que não empregamos medidas mais decisivas como é habito fazê-los com empregados turbulentos" [152]. É importante ainda acrescentar, com relação a essa questão do trabalho, que para ele é uma questão muito pertinente, pois "ultrapassei os limites que tinha proposto quando comecei este assunto-sempre tão melindroso para os que

[150] Idem, ibidem, p.252.
[151] Idem, ibidem, p.254.
[152] Idem, ibidem, p.256.

viajavam pelos países bárbaros, mas teria sido quase impossível transmitir em poucas palavras algo que desse idéia justa da condição importante de nossa vida e trabalho" [153].

Tudo isso de certa forma está relacionado à idéia de modernização de que ele é portador, e essa perspectiva de organização do trabalho podemos entender como o olhar de intervenção desse viajante no novo espaço onde ele esta inserido. Um mundo natural no Paraná onde a barbárie está presente, em suas palavras, e nesse sentido o viajante sente-se como dono do espaço e interventor ao mesmo tempo, pensando sempre no processo de transformação de espaço.

Quem poderia ser o principal agente nesse processo? Não o índio, pois para o viajante estrangeiro que pouco contato teve com o nativo, ele é entendido como um papel em branco, que pode ser trabalhado de diferentes formas, além de apresentar limitações. O índio é entendido apenas como índio, independente de fatores culturais e do contato ou não com o homem branco. Porém, Lúcio Tadeu Motta, em seu livro *As Colônias Indígenas no Paraná Provincial,* destaca claramente os conflitos indígenas entre brancos e tribos diferentes. Sabemos que durante o século XIX houve muitos esforços para civilizar e catequizar os índios, estando presente também o interesse por suas terras. Quando Bigg Wither fala sobre as possibilidades de tornar o nativo trabalhador, talvez não tivesse o conhecimento que este não era um processo tão simples.

A forma como Bigg Wither retrata o índio, representa uma das questões mais ricas do relato, pois estão descritas com minuciosos detalhes. Meticulosamente ressalta que "tínhamos agora penetrado bastante nas fronteiras do território dos índios e, nas florestas de envolta, não faltavam sinais para provar a presença mais ou menos recente de seus moradores selvagens" [154].

Fica bem presente a idéia do medo, e os trabalhadores muitas vezes temiam continuar o trabalho na floresta por sentirem receio do índio. Bigg Wither ressalta que esse medo estava mais no imaginário deles, pois "deve ser, creio, uma peculiaridade dos povos semi-selvagens ignorantes, como o sertanejo brasileiro, ter mais medo do perigo imaginário em perspectiva do que o medo do perigo real" [155]. Sempre que o viajante

[153] Idem, ibidem, p.256.
[154] Idem, ibidem, p.241.
[155] Idem, ibidem, p.255.

descreve essas questões que envolvem o trabalhador brasileiro, faz menção ao índio, os dois assuntos estão sempre atrelados.

Porém, se analisarmos a forma como Bigg Wither descreve seu primeiro encontro com os índios botocudos, parece algo assustador, e ele claramente estabelece uma ligação entre o índio e a barbárie, como podemos observar no seguinte fragmento:

> Imagine um ser de cinco pés e quatro polegadas de altura, arqueado, nu e indescritivelmente sujo. Da cabeça lhe caíam até abaixo dos ombros cachos de cabelos imundos embaraçados de cada lado da cabeça, presas ao cabelo com cera virgem, penas e peles de diversos peitos de tucano. Só sobre a testa o cabelo era cortado curto, à moda tão em voga na Inglaterra entre as crianças alguns anos atrás, fazendo concessões ao uso de um par de olhos remelosos, sem sobrancelha nem pestanas, a exemplo dos seres humanos em incomuns, com todos os pêlos arrancados. Mais abominável e repulsiva ainda era a parte inferior do rosto. Enorme pingente, do tamanho e forma de um cone de abeto, feito de madeira dura e polida, pendia-lhe do beiço inferior, que dobrava para baixo sob o peso do ornamento (?) até certa altura do queixo, deixando à mostra a gengiva da mandíbula inferior desdentada – desdentada no que toca os incisivos da frente – flanqueada de brancos, enormes e anormais dentes caninos. A saliva escorria-lhe da boca assim horrendamente deformada... Era este o retrato geral do ser que estava diante de nós. Luco já tinha dito que a sua tribo era a dos botocudos, os mais selvagens de todos os índios sul-americanos, e agora a sua opinião estava confirmada. Estávamos, afinal, frente a frente com o botocudo selvagem do Brasil.[156]

Após encontrar a tribo dos botocudos, os expedicionários aproveitaram para passar a noite com eles e conhecer um pouco mais dos costumes. Luco fazia parte da expedição e também pertencia à tribo dos botocudos, porém já era "civilizado". Pelo tempo que lá permaneceram, os expedicionários aproveitaram para presentear os índios com alguns brindes e também para lhes darem comida. Posteriormente, seguiram com os índios para a Colônia Tereza, na intenção de conhecê-los melhor:

> Embora não tivéssemos a intenção de dilatar a permanência de nossos hóspedes selvagens além do tempo necessário à adaptação deles ao nosso meio, para nosso próprio bem começamos cedo processo de civilização. Assim, logo após a chegada de cada grupo, dois de nossos homens eram destacados para levar homens, mulheres e crianças no rio, operação que precisava ser feita sem demora.[157]

[156] Idem, ibidem, p.290.
[157] Idem, ibidem, p.302.

Nesse momento o que mais incomodava Bigg Wither era aparência suja dos índios, e o primeiro passo foi fazê-los tomar banho e depois vesti-los, ou seja uma atitude típica de quem vem de fora, materializando a idéia de civilizar o "selvagem ou o bugre". É curiosa a forma como Bigg Wither descreve o índio botocudo, pois há uma preocupação de sua parte em transformar a aparência do selvagem para melhor, do ponto de vista do viajante. Um fato interessante foi a preocupação em melhorar a aparência dos cabelos, e segundo Bigg Wither "pode-se ter como certo que esse cabelo nunca foi lavado nem penteado...o cabelo era liso e geralmente preto, mas houve contudo duas exceções, pois, quando lavado, o cabelo tornou-se castanho escuro" [158]. Além disso, também procuraram ensinar a língua para duas crianças, pois era mais fácil para criança que para o adulto aprender. Porém, pouco tempo depois todos os índios que haviam trazido para Colônia Tereza, num total aproximado de mais de 20, começaram a morrer – uma forte epidemia exterminou todos eles. A explicação mais corrente é que não tenham conseguido a se adaptar a novos costumes, e principalmente à comida, visto que antes costumavam comer o que capturavam na mata.

Por força dessa pouca possibilidade de adaptar o corpo do índio a novos hábitos, Bigg Wither vai encontrar força para propor outra forma de ocupação do sertão, com outro tipo de população: ele afirma repetidas vezes que o governo deveria incentivar a vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil.

E uma das formas que ele encontra para destacar a importância do investimento governamental é através da discussão que invadiu a vida de muitos que resolveram tentar a vida no Brasil. Bigg Wither fala sobre as queixas dos imigrantes em terem sido enganados sobre como seria as condições de trabalho:

> Apeei do cavalo e entrei em diversas habitações de imigrantes à beira da estrada, indo conversar com eles. Respondendo às minhas perguntas quanto ao que achavam de suas novas residências, a reposta era invariavelmente esta: "- Quisera Deus não tivéssemos pensando em vir para aqui, mas fomos iludidos com falsas promessas. - Que os agentes mentiram a esses pobres homens na Inglaterra, não tenho a menor dúvida, e o testemunho dos colonizadores era preponderante nesse ponto, mas que o governo brasileiro tenha sido conivente nos logros praticados, custo a acreditar como provável. A moralidade no Brasil não é, efetivamente, tida em alto apreço...[159]

[158] Idem, ibidem, p.303.
[159] Idem, ibidem, p.334.

Aqui, Bigg Wither está se referindo à Colônia de imigrantes do Assungui, localizada no Vale do Ribeira próximo a Curitiba, constituída, em grande parte, por ingleses. Eles reclamam das falsas promessas dos agentes brasileiros. E, na maioria das vezes, esses agentes enviavam imigrantes não aptos para certos tipos de trabalho. Durante os dias que permaneceu na colônia procurou se informar sobre os problemas que levaram ao fracasso da Colônia do Assungui. Ele demonstra seu desconforto com a seguinte pergunta:

> A questão é, naturalmente, saber-se por que e para que fizeram vir esses emigrantes? Essa pergunta eu deixo aos agentes do Governo brasileiro na Inglaterra. Eles sabem muito bem por que processo de raciocínio puderam salvar a consciência, enviando homens que, como não podiam deixar de ter percebido na ocasião, não serviam para nada, não correspondendo às necessidades do Governo Brasileiro.[160]

A questão mais importante que temos que analisar aqui é: sua intenção era "acima de qualquer coisa, se dirigir (grifos meus) ao imigrante – nele parece se materializar a utopia da civilização, do progresso e do trabalho" [161]. O viajante vê no trabalho imigrante a possibilidade de transformar o espaço a partir de um novo homem inserido em uma nova realidade, trazendo novas formas de trabalho e desenvolvimento. Temos dois caminhos "no qual se coloca a "dupla natureza" da Província e dos homens: de um lado, natureza e o barbarismo, de outro, o trabalho e a civilização" [162].

Após permanecer, dois dias nessa colônia, retornou à Colônia Tereza de onde segui para a Colônia Militar de Jataí, onde iria conhecer as regiões dos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná, acompanhado de Telêmaco Borba. Afirma Bigg Wither que: "por fim, resolvi viajar por terra à colônia de Jataí, onde nasceu meu companheiro Telêmaco, e dali explorar o rio de cima para baixo" [163]. A expedição seguiu caminhando pela floresta próximo ao leito do rio Tibagi, seguindo o Paranapanema e parte do rio Paraná, guiados por Telêmaco Borba que conhecia bastante a região, visto que era responsável pela colônia indígena de São Jerônimo. Posteriormente, voltaram para a colônia de Jataí pelos rios a canoa. Uma das observações mais importantes que Bigg Wither teceu sobre esta região do Paraná revela que:

---

[160] Idem, ibidem, p.336.
[161] PAZ, Francisco Moraes. História e Cotidiano: A sociedade paranaense no século XIX na perspectiva dos viajantes. In: *História: Questões e Debates*, Curitiba: Ano 08, jun-dez.1987.p. 43.
[162] Idem, ibidem, p.43.
[163]BIGG WITHER, op cit. p. 362. Os rios aos quais se refere Bigg Wither condizem com os rios Tibagi, Paranapanema e Paraná na região Norte do Paraná.

> Vale apena notar a rapidez com que esse oásis no deserto florestal foi conquistado e colonizado logo após a sua descoberta, não obstante a distância que o superava das partes mais povoadas da província. Isso é apenas mais uma prova do valor que se dá à combinação de terras pastoris e aráveis, encontradas nas fronteiras das campinas e em casos como o que acabo de mencionar.[164]

É óbvio que Bigg Wither não foi à Colônia Militar de Jataí apenas para fazer descrições sobre a natureza, a maior questão presente em seu relato, está voltada para os problemas de ocupação e apresenta elementos que podem contribuir para povoar os sertões do interior da província. Como podemos perceber ele vai dando indicativos sobre a natureza, o clima mostrando como isso a possibilidade de transformação do sertão em local de ocupação e transformação do espaço. Nesse sentido, ele destaca no relato a pretensão de construir estradas de ferros pelo interior da província. Entre elas está a proposta de uma estrada que ligasse a cidade de Curitiba a Colônia Militar de Jataí, a partir do seu conhecimento sobre o curso dos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná:

> Este grande sistema fluvial interno, de expressão correspondente nas recentes descobertas feitas na África Central, é no momento quase correspondente vedado ao comércio, pela falta de comunicação existente entre ele e a costa marítima. Durante a última grande guerra com o Paraguai, ele foi, todavia, utilizado em grande extensão pelos brasileiros, no transporte de munições de guerra às fronteiras desse país, em comunicação fluvial direta com Jataí pelos rios Paranapanema e Paraná. **Se fosse construída uma boa estrada pelo Vale do Tibagi, da cidade de Palmeira a Jataí, ou a foz do rio, o efeito seria a abertura para a civilização e o comércio de uma área de rica e saudável região de pelo menos 100.000 milhas quadradas de extensão , agora somente ocupada por uma meia dúzia de colônias espalhadas no meio do grande deserto de florestas inexploradas, que as cercam de todos os lados, obrigando-as a levar vida mesquinha.[165] (grifos meus)**

Bigg Wither materializa nesse fragmento o progresso das estradas e o quanto estas podem modificar o cotidiano da população que vive nessas regiões. Ele encontrou por meio do trabalho, a forma mais sensata de transformar o sertão da província em um lugar de prosperidade. Nesse sentido, podemos entender algumas questões presentes nos três relatos.

[164] Idem, ibidem, p.385.
[165] Idem, ibidem, p.388.

Nestor Borba e Telêmaco Borba estão preocupados com o a delimitação das regiões por onde viajaram, conhecer, com o propósito de manifestar a construção de ponte entre Paraná e Mato Grosso seu olhar não é de apenas um viajante, mas daquele que pretende manifestar um processo de desenvolvimento nesse local. Muricy apresenta sua preocupação com a comunicação entre Guarapuava e Colônia Militar de Foz do Iguaçu, a Estrada Estratégica, justamente para tornar o acesso à colônia mais fácil, pois ele defendia a hipótese de que o governo devia olhar com mais atenção, por ser uma região de fronteira. Então, os dois apresentam objetivos diferentes, com a finalidade de definir algumas fronteiras e de nacionalizar outras. Bigg Wither faz o trabalho contrário, a questão mais importante é a ocupação, que pode ser realizada com a organização do trabalho, relata a importância do indígena para este processo de ocupação. A transformação do que ele chama de "região selvagem e desconhecida" está relacionada com a "civilização" indígena. Pois, a partir do momento que este espaço for ocupado, ele pode estar apto para o progresso.

Considerações Finais

Atualmente o trabalho com narrativas de viagem tem sido muito abordado pela historiografia em diferentes perspectivas. Os estudos sobre relatos de viagem contribuem para conhecermos regiões mais distantes, servem como base para adquirir outros conhecimentos específicos, e até mesmo nos instigam a problematizar os pontos abordados. Eles podem ser lidos a partir de várias perspectivas, até mesmo como gênero literário.

Essas fontes são extremamente fascinantes, pois nos apresentam outro universo cultural, em que os viajantes se colocam muitas vezes diferentes de sua formação profissional: como cientistas, observadores engajados em propagar seus próprios interesses, naturalistas, fotógrafos... Os viajantes aproveitam para expressar em seus relatos suas angústias, prazeres, privilegiando muitas vezes seus momentos de heroísmo. No nosso caso, a questão do outro se apresenta com força: o olhar sobre a população nativa é descrito a partir de estereótipos, seja a partir da experiência do militar, seja a partir do olhar do estrangeiro. Nesse sentido, nosso maior desafio foi apresentar a fonte, a partir do olhar do historiador, sem deixar-se levar pela desc crua dos relatos.

Durante o trabalho procuramos ressaltar a realidade em que o viajante estava inserido, traçando um diálogo entre os relatos de viagem e o trabalho do historiador, cada relato separado e relacionando-os. Desse conjunto apareceram as pretensões que cada viajante tinha ao realizar sua viagem, como objetivos e muitas vezes angústias pelo que eles chamavam de falta de desenvolvimento – mesmo percorrendo os sertõ interior do Brasil.

Claro que este trabalho está longe de definir todas as questões do Paraná durante o século XIX, e que só conseguimos aprofundar algumas questões, porém muitas permanecem abertas para outras discussões e aprofundamentos. Na confecção deste trabalho, percebemos como é importante buscar novas fontes, pois estas ajudam a pensar as questões já existentes e até dão amplitude maior ao andamento da pesquisa. Entre elas estão os relatórios de província que nos ajudaram a entender melhor o momento em que os viajantes realizaram e publicaram seus relatos.

Os três viajantes, Nestor Borba, José Cândido Muricy e Thomas Bigg Wither, apresentam cada qual suas percepções e até mesmo angústias sobre as regiões que

visitaram, e nesse sentido procuramos, a partir do presente, pensar a relação da viagem com a província do Paraná naquele momento.

A escolha dos relatos a serem analisados levou em consideração aproximações e diferenças. Devemos ressaltar a maior diferença entre eles, antes de assumirem a posição de viajante: os dois primeiros eram militares e estavam atrelados de alguma forma ao governo ou aos meios de comunicação que lhe possibilitaram publicar seus relatos. Antes disso eram militares e seus olhares estratégicos dão outra dimensão a seus relatos. Bigg Wither era engenheiro e apresenta seu olhar técnico, de intervenção do espaço por meio da ocupação, levando em consideração o trabalho indígena e imigrante.

De fato as questões sobre fronteira, território e ocupação estão presentes nos três relatos, de forma diferente, enquanto os dois militares estão pensando o espaço como local de desenvolvimento por meio de sua delimitação e dos meios de comunicação. Bigg Wither aposta na idéia da organização do trabalho a partir da figura do nativo, e do imigrante. Nesse sentido, sabemos que esses conceitos podem ser mais aprofundados, por outro lado percebemos que temos olhares diferentes sobre um mesmo espaço, a delimitação das fronteiras e o olhar intervencionista do estrangeiro.

Por fim entendemos que o trabalho apesar de não abarcar todas as dimensões do tema, tornou possível oferecer uma pequena contribuição dos relatos de viagem sobre o Paraná no século XIX e apreendemos que essas fontes podem nos levar a um mundo cheio de angústias, inquietações e prazeres.

FONTES:

BORBA, Nestor. Diário de Expedição - "Mistérios dos Saltos". In: VARGAS, Túlio. *O Maragato: a vida lendária de Telêmaco Borba.* 2ed. Curitiba: Juruá, 2001.

_____, Nestor. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas In*: Monumento – Relatos de Viagem a Guairá e Foz do Iguaçu (1870 – 1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MURICY, José Cândido da Silva. "Ligeira Descripção de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassu em Novembro de 1892". In: *Monumenta – Relatos de Viagem a Guaíra e Foz do Iguaçu (1870-1920***)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MURICY, José Candido da Silva. Viagem ao País dos Jesuítas. 1975.

WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional***:** a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tomo I – 1 Trimestre de 1839 – N.1.

Relatório de Província pelo Presidente Araújo Abranches, 15 de Fevereiro de 1875. Curitiba.

Relatório de Província pelo Presidente Adolpho Lamenha Lins, 15 de Fevereiro de 1876. Curitiba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Mirhiane Mendes de. O Índio brasileiro e a concepção romântica da natureza. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velázquez; ZUPPA, Graciela. *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina: Ed.Uel, 2001

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*.Portugal, Edições 70: 2005.

ARRUDA, Gilmar. A Natureza entre apropriações e representações. In: ARRUDA: Gilmar; TORRES: Velásquez Torres; ZUPPA: Graciela (Orgs). *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina: Ed. UEL, 2001

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória.* Bauru, SP: Edusc, 2000.p. 99-100.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura, cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____, José Carlos. *Um príncipe prussiano descobre o Brasil. O Imaginário dos viajantes e o Brasil do século XIX. Temas e Matizes*. Cascavel. Ano 11, n. 04, p.71-75, setembro de 2003. ISSN 1519-7972.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante (Do Etnólogo). In: NOVAES, Adauto...{ET AL}. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p 358-359.

CARNEIRO, David**.** *O Paraná na Guerra do Paraguai*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

CARNEIRO, Henrique Soares. O Múltiplo Imaginário das Viagens Modernas: Ciência, Literatura e Turismo In: *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 35, p.227-247, 2001. Editora da UFPR.

CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil. São Paulo:* Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.241. Apud MOTTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. Exploração e a Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: ROLLO, José Henrique; DIAS, Reginaldo Benedito. *Maringá e o Norte do Paraná:* Estudos da História Regional. Maringá. Eduem, 1999.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações.* Lisboa. Difel, 1990.

DENIPOTI, Cláudio. Viagens, Viajantes e Quedas D'Água; As Possibilidades de Uma Série Documental. In: MONUMENTA: *Relatos de viagem a Guairá e Fóz do Iguaçu. (1870-1920).* Curitiba; Aos Quatro Ventos, Volume I, Número 4, 1998.

Dicionário histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.

Enciclopédia Einaudi. Volume 8 (Região). Lisboa: Casa da Moeda, 1986.

FREMONT, in TOMAZI, Nelson Dácio. *Norte do Paraná, História e Fantasmagorias*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1997.

GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Projeto de uma História nacional***.** Estudos Históricos**.** No. 1, Rio de Janeiro, 1988.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Artifício e Excesso: Narrativa de Viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil. Estudos Feministas*, Florianópolis: 2005.

J.C.R Milliet de Saint-Adolphe – Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil. Apud: Mattos, , Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema.* São Paulo: Hucitec,1987.

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos vidas entrelaçadas: Trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná.* Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius:* a natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Fapesp,1997.

LORENZETTI, Fernanda Lorandi; FERREIRA, Bruno Torquatro Silva. *Os Trilhos do Progresso: Intenções de comunicação via estrada de ferro entre Paraná e Mato Grosso na passagem do século XIX ao XX*. Revista de História Regional. Ponta Grossa, v.13, n.2, p. 262-282. 2008.

MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a Conquista Ordenada dos Sertões: espaço, telégrafo e civilização.* Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Documento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo N.0 (1981)- São Paulo: Edusc, 18. Maio. 1981.

.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.* São Paulo: Contexto, 2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema***.** São Paulo: Hucitec,1987.

MYSKIW, Antonio Marcos. A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907). Niterói, RJ. 2009. (Tese de Doutorado).

MOTTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. Exploração e a Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: ROLLO, José Henrique; DIAS, Reginaldo Benedito. *Maringá e o Norte do Paraná*: Estudos da História Regional. Maringá. Eduem, 1999.

MOTA, Lucio Tadeu. *As Colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

PAZ, Francisco Moraes. História e Cotidiano: A sociedade Paranaense do Século XIX na Perspectivados Viajantes. *In: História: Questões e Debate. Revista da Associação Paranaense de História*. Ano 8, Número 14; 15 de dezembro de1987: ISSN 0100-6932.

ARRUDA, Gilmar. *A Natureza entre apropriações e representações*. In: ARRUDA: Gilmar; TORRES: Velásquez Torres; ZUPPA: Graciela (Orgs). *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina: Ed. UEL, 2001

POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no centenário*. 2ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1980.

PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Bauru. SP: Edusc, 1999.

ROSSATO, Luciana. A Lupa e o Diário. *História natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763- 1822)*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

SCHWRCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. *História do Paraná. Do século XVI á década de 1950*. Londrina. Eduel, 2002.

VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum. (Orgs)...{Et Al}. *Literatura e História: Perspectivas e Convergências*. São Paulo: Edusc, 1999.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, setembro de 2004. http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE: Rogerio HAESBAERT.

.